PLACAR

Nº 1097
OUTUBRO
DE 1994
R$ 3,00

100 ANOS DE FUTEBOL NO BRASIL

DE CHARLES MILLER AO TETRA MUNDIAL

ISSN 0104-1762
9 770104 176000 01097

OS MAIORES CLUBES • OS GRANDES CRAQUES • OS ESQUADRÕES
OS ARTILHEIROS • OS MELHORES TÉCNICOS • OS JUÍZES FAMOSOS
OS HINOS • OS MASCOTES • AS TORCIDAS • A SELEÇÃO

PLACAR

SUMÁRIO

Foto de Capa: JOÃO ÁVILA — Produção: PAULA ZARONI — Agradecimentos: Doceira Vovó Dirce

QUE SÉCULO!

Quando comemorar os 100 anos de futebol no Brasil? A dúvida nos assaltava desde o fim do ano passado, ao planejarmos o que fazer neste santo 1994. Contar a história antes da realização da Copa nos Estados Unidos? Depois? E se o Brasil perdesse? Não seria uma comemoração com um travo amargo? Mas, e se o tetra viesse? Que pena teria sido falar dos 100 anos sem o tetra.

Mais que a intuição, o desejo falou alto. Resolvemos correr o risco e apostar em tudo a que tínhamos direito. Até porque, convenhamos, a paixão nacional pelo futebol independe de ganhar ou não as Copas do Mundo, embora a vitória a estimule ainda mais.

Pois bem, eis aí. Em um século de bola, uma Copa a cada 25 anos. Nada mau! Se considerarmos, então, que a primeira Copa foi em 1930, a média melhora para uma conquista a cada 16 anos, mais que um título a cada quatro Copas, enfim, quatro em quinze. Não é pouca coisa, tanto que só o Brasil ostenta esta glória, além de ser a única Seleção a ter ganho uma Copa do Mundo fora de seu continente — em 1958, na Suécia.

*Que país é esse que produz craques tão fabulosos, capazes de dobrar o planeta apesar da desorganização do nosso futebol? É exatamente do que esta edição trata, na obra marcante liderada por três jornalistas que trabalharam em **PLACAR** nos anos 80. **Sérgio de Souza, Ricardo Vespucci e Roberto Manera** começaram a preparar a revista que está em suas mãos antes da Copa, realizando um trabalho de pesquisa que distingue este de outros esforços para contar o que foram os 100 anos após a chegada de Charles Miller com a primeira bola de futebol no Brasil.*

*O ponto final chegou coroado pela quarta estrela, dando a **PLACAR**, mais uma vez, o imenso orgulho de poder contribuir para manter viva a história do futebol brasileiro. Voltaremos para comemorar os 200 anos, festejando, a seguir nesta toada, a conquista do decacampeonato... Estamos combinados?*

Juca Kfouri

O JOGO COMEÇA EM 1894

É quando Charles Miller traz as duas primeiras bolas para o Brasil. Meter a cabeça nelas é que era um problema

AS BOLAS

Shoot, Fussball e Dupont. Estas eram as marcas das primeiras bolas que quicaram no Brasil. Seus donos eram rapazes de fino trato que haviam estudado na Europa, onde aprenderam a jogar o futebol. As pioneiras Shoot vieram da Inglaterra na bagagem de Charles Miller. Já a Fussball foi trazida da Alemanha por Hans Nobiling. Finalmente, a Dupont foi uma encomenda de Oscar Cox a um amigo que viajou à Suíça. Todas eram muito parecidas entre si, mas bem diferentes das bolas de hoje. Tinham uma abertura por onde entrava uma câmara inflável de borracha. O principal problema surgia na hora de cabecear, quando o cadarço que amarrava a fenda podia machucar as cabeças menos protegidas. Daí o hábito de muitos jogadores usarem aquela touquinha aparentemente ridícula.

No início do futebol brasileiro, para suprir a demanda cada vez maior, a saída foi importar pelotas inglesas. A mais procurada era a McGregor. Mas não tardou que um artesão chamado Caetano começasse a fabricar as primeiras bolas nacionais na sua sapataria da Rua Ipiranga, em São Paulo. Logo, outros sapateiros entraram no ramo promissor e o Brasil se tornou exportador de bolas, principalmente para a Argentina e o Uruguai. Mesmo assim, a redonda era um artigo de luxo e a criançada brincava mesmo era com bolas de meia, recheadas com palha ou papel. A maior parte dos nossos primeiros craques começou assim.

Na década de 40, a bola que imperava nos gramados brasileiros tinha costura interna, sem a abertura e o cordão. Mas o seu couro marrom continuava a encharcar nos dias de chuva ou nos campos cheios de lama. "Ficava tão pesada que eu tinha que jogar de esparadrapo nas mãos e os homens da linha tinham de enfaixar os pés", conta Oberdan Catani, 75 anos, goleiro do Palmeiras e da Seleção nos anos 40. A partir da Copa de 62, a bola passou a ser fabricada com dezoito gomos, ganhando uma forma mais perfeita e estável. A cor branca, que sempre foi usada nos jogos noturnos, se tornou a preferida também nos diurnos depois da Copa de 70.

Hoje, as bolas são filhas da tecnologia — pelo menos no exterior. O modelo da Copa de 94 foi desenvolvido com diversas camadas de material sintético que potencializa os chutes e apresenta alta durabilidade e resistência. Pena que no Brasil a bola não role direito. No Campeonato Paulista de 92, por exemplo, os jogadores denunciaram e os testes confirmaram: a bola não agüenta uma partida. A redonda fica oval.

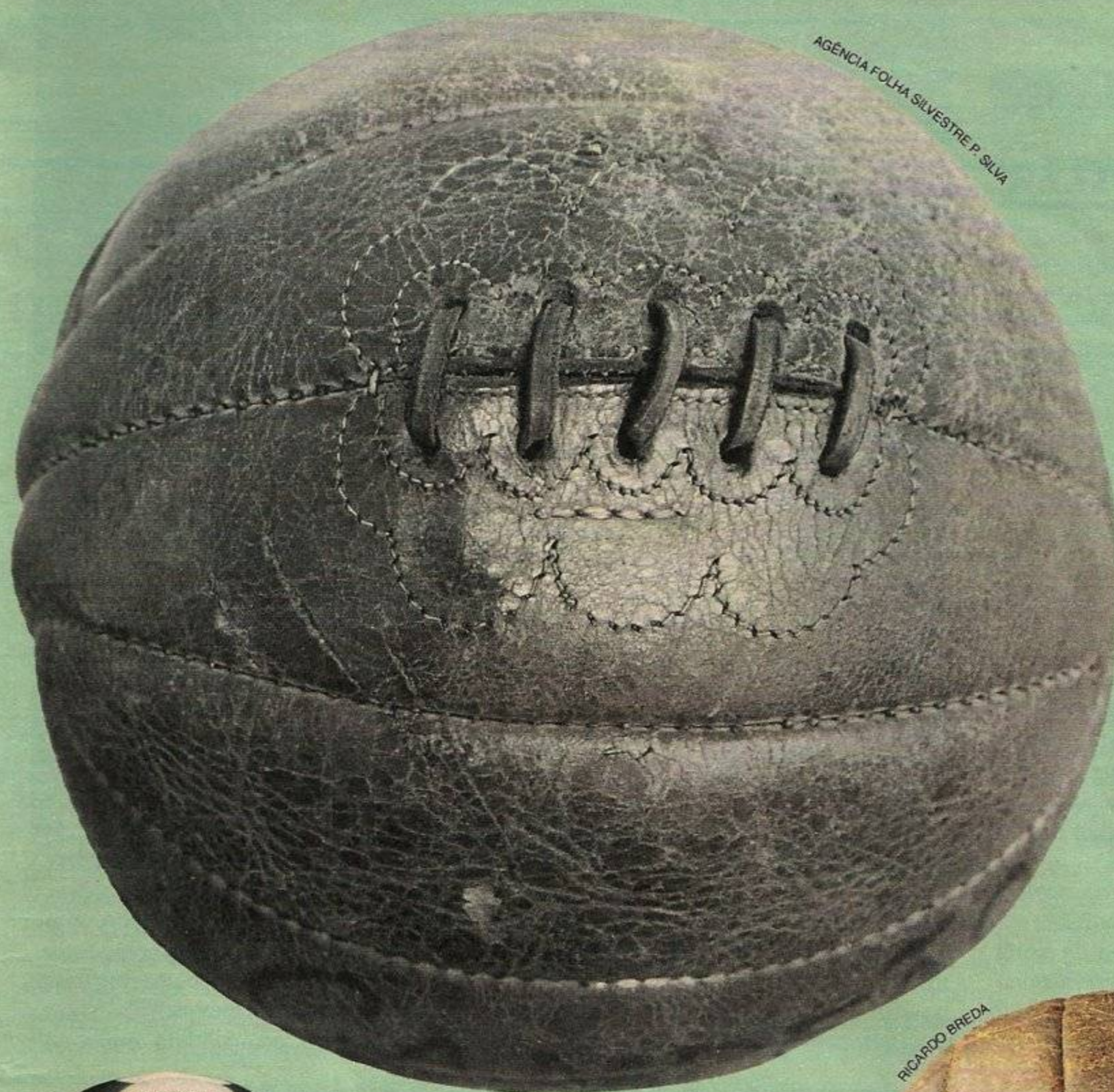
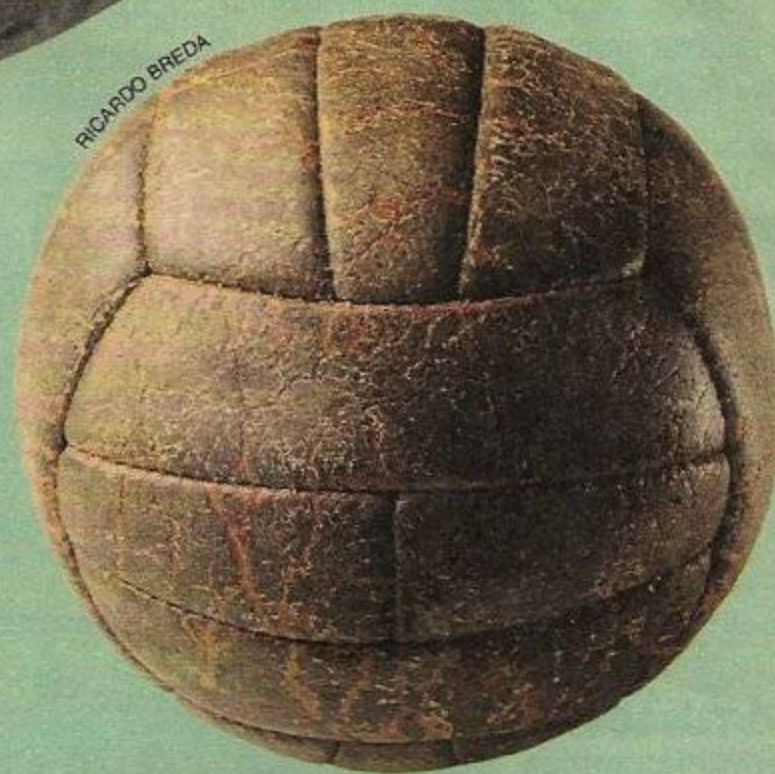
DIVULGAÇÃO

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

O FIM DO SÉCULO XIX e o início do atual foram caracterizados por muitas e rápidas mudanças em todos os setores do mundo civilizado. Inventos surpreendentes, trocas de regimes políticos, discussões filosóficas, desenvolvimento urbano, grandes obras literárias e artísticas.

Eram tempos de grandes novidades. Tanto que quando o paulistano Charles Miller voltou de uma temporada de 10 anos de estudos na Inglaterra, em 1894, sua cidade estava quase irreconhecível. Dois anos antes, em 1892, havia sido inaugurado o Viaduto do Chá, ligando dois bairros entre os quais só se podia viajar vadeando os alagadiços do Vale do Anhangabaú. Também daquele ano é a abertura da Avenida Paulista, percorrendo o alto do espigão que separa os vales dos rios Pinheiros e Tietê.

Um ano antes do desembarque de Miller, Henrique Santos-Dumont, o irmão mais velho do criativo Alberto, espantara os transeuntes do centro de São Paulo com o primeiro passeio de automóvel pela cidade, num Daimler a vapor. Apenas um ano depois a frota paulistana já tinha 83 veículos automotores.

Finalmente, aquele foi o ano em que um paulista foi eleito o primeiro presidente da República pelo voto popular: o cafeicul-

A BOLA da página ao lado é a do tetracampeonato, usada nos EUA; esta de cadarço, à esquerda, é das primeiras, inglesa; as três de baixo, da esquerda para a direita, são as que deram ao Brasil, para sempre, a Taça Jules Rimet: a de 1970 (México), a de 1962 (Chile) e a de 1958 (Suécia)

tor Prudente de Morais chegava ao poder com 276 583 votos.

NOVIDADE mais discreta eram as duas bolas de futebol que Charles Miller trazia na bagagem, oficialmente as duas primeiras a cruzar as fronteiras do país. Elas, no entanto, causariam o mais espetacular dos impactos sobre os hábitos e paixões da jovem República (então com verdes 5 anos de vida), a ponto de gerar climas nacionais de festa e tragédia, como o das quatro conquistas da Copa do Mundo ou o da derrota de 1950 para o Uruguai, no Maracanã.

A São Paulo de Charles Miller tinha 200 mil habitantes e atravessava um período de grande desenvolvimento. Vultosos investimentos estrangeiros eram feitos em diversos setores de atividade, principalmente na indústria e nas concessões de serviços públicos. Eram eles os responsáveis pela presença de inúmeras famílias estrangeiras de todas as nacionalidades, incluindo-se aí os ingleses e alemães que trouxeram o futebol para o Brasil. Assistia-se à formação dos primeiros impérios industriais, como o do imigrante italiano Francisco Matarazzo. No interior do Estado, os cafezais modernizados a força pela libertação dos escravos (fazia apenas 6 anos que a Princesa Isabel promulgara a Lei Áurea) geravam fortunas.

OS DONOS DAS BOLAS

CHARLES MILLER

O pai da matéria

O primeiro brasileiro a dominar a nobre arte de controlar a bola e marcar gols era quase um inglês. Charles Miller nasceu no Brás, em São Paulo, descendente de ingleses e escoceses. Aos 9 anos seguiu para a Inglaterra com a finalidade de estudar. Lá, aprendeu — e bem — a jogar futebol. Nos jogos oficiais do seu colégio, Charles era um artilheiro implacável. Marcou 41 gols em 25 partidas. "Nosso melhor atacante. Drible maravilhosamente rápido e chute brilhante. Marca gols com grande eficiência", registrou na época o jornal da escola. Seu belo futebol chamou tanto a atenção que acabou convocado para jogar no time do Southampton, a seleção local. Sem falar da partida que disputou pelo Corinthian, famoso time amador inglês, o mesmo que anos mais tarde iria inspirar a fundação do Corinthians Paulista.

Mas quando desembarcou de volta ao Brasil, Charles Miller se surpreendeu ao descobrir que ninguém praticava o esporte bretão por aqui. Sorte que trouxera duas bolas, uma agulha, uma bomba de ar e dois uniformes. Começou então a catequizar os companheiros de trabalho e de críquete para tentarem o futebol.

O novo esporte vingou e, no primeiro campeonato disputado no Brasil (o Paulista de 1902), lá estava Miller encabeçando a lista de artilheiros com 10 gols em nove jogos. O nosso primeiro homem-gol ainda jogou até 1910 pelo São Paulo Athletic, o time da colônia inglesa. Depois atuou como árbitro e, finalmente, apenas como torcedor. Morreu em 1953, coberto de glórias por ter introduzido o futebol no país, mas sem ver o Brasil campeão do mundo.

CHARLES MILLER não só trouxe as bolas como era um tremendo artilheiro

O TIMAÇO do Corinthian inglês que inspirou o Timão paulista

COM A LICENÇA DA PRINCESA

Antes de Charles Miller, o futebol já havia sido jogado em terras nacionais. Tripulantes de navios mercantes e de guerra europeus costumavam bater bola sempre que desembarcavam no litoral brasileiro. Em 1878, ocorreu uma famosa partida disputada no Rio de Janeiro, em frente à residência da Princesa Isabel. Como era entusiasta dos esportes, a princesa autorizou o jogo e, dizem alguns, até torceu. O futebol só não vingou com os marinheiros porque, quando as partidas terminavam, eles voltavam para os navios, levando a bola embora.

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

AS BOLAS trazidas por Charles Miller tardaram a rolar — pelo menos oficialmente. Foi só em 1895 que uma delas entrou em campo, num terreno da Várzea do Carmo, naquele tempo periodicamente inundada pelo rio Tamanduateí.

Essa, que foi a primeira partida realizada em território brasileiro (sem contar algumas peladas anteriores), reunia dois times formados por ingleses — o São Paulo Railway Team e o Team do Gás. Deu São Paulo Railway, de Charles Miller, por 4 a 2. As únicas testemunhas desse jogo pioneiro foram alguns burros da companhia de bondes que usavam o histórico gramado como pasto.

O Rio de Janeiro, então Distrito Federal, ainda amargava a fama de cidade insalubre, bonita para ver de longe, como anunciavam na Europa agências de navegação que ofereciam viagens para Buenos Aires. Elas garantiam que seus navios se mantinham ao largo quando faziam escala no Rio, a salvo dos miasmas da cidade e de suas epidemias.

Mas uma das invenções mais transformadoras da História Moderna tinha apenas um ano, desde que fora patenteada na França pelos irmãos Lumière, e já estreava no Rio. Tratava-se do omniographo — o nome original do cinema — que teve sua primeira

HANS NOBILING

O professor alemão

O alemão Hans Nobiling foi outro que desembarcou no Brasil trazendo na bagagem bola e a enorme vontade de jogar futebol. Mas em São Paulo, cidade onde se estabeleceu em 1887, o esporte era privilégio de ingleses e dos alunos do Colégio Mackenzie. Nobiling precisou de muita insistência para conseguir convencer alguns rapazes a organizar um time. Com base nos conhecimentos adquiridos no Germania, time da Alemanha no qual jogara, Nobiling ensinou seus companheiros a chutar, passar e fintar.

Quando ficou satisfeito com a evolução de seus pupilos, o professor alemão mandou uma carta desafiando o time do Mackenzie para um *match*, o primeiro disputado entre dois times no Brasil. O racha terminou 0 a 0, mas nunca um placar tão magro rendeu tão bons resultados. O futebol já não era só para inglês ver.

Nobiling também protagonizou a primeira cisão do futebol brasileiro. Quando se reuniu com os companheiros para a fundação de um clube, exigiu que o nome fosse Germânia. Os alemães acharam maravilhoso, mas os demais (brasileiros, portugueses, franceses e também ingleses desgarrados) não aceitaram. No voto, ganhou o nome Internacional. Nobiling não aceitou o resultado das urnas e abandonou a reunião, levando a bola embaixo do braço. Junto com seus compatriotas, ele fundou o Germânia, atual Pinheiros.

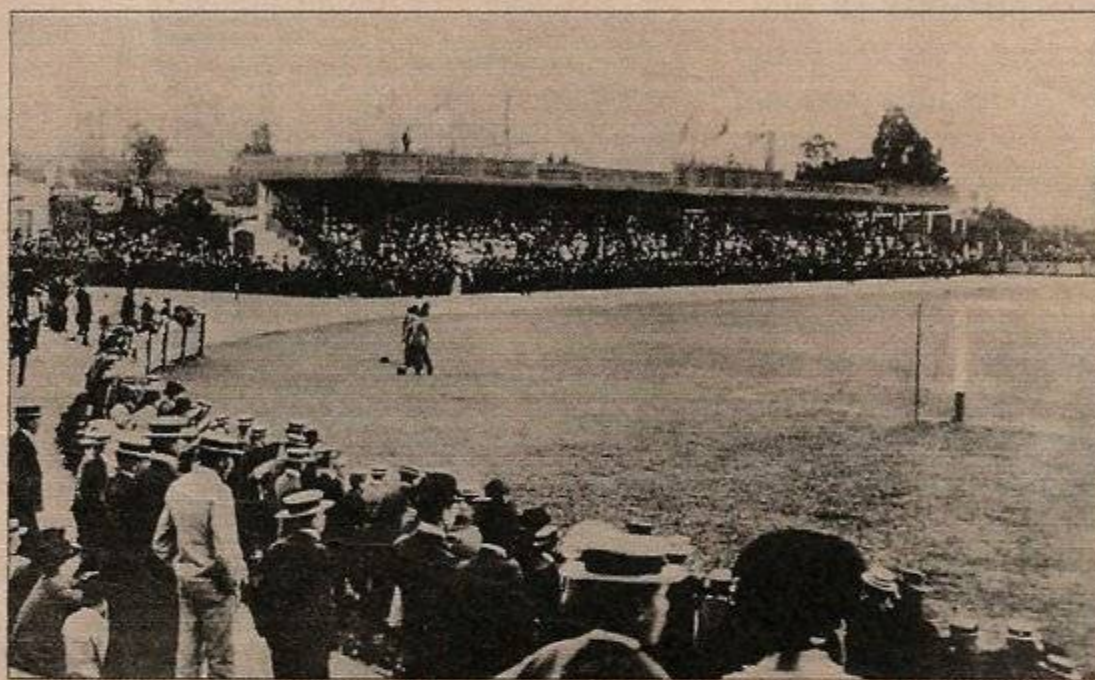
COM OS PÉS, NÃO!

Augusto Shaw, professor do Colégio Mackenzie, trouxe dos EUA em 1896 duas bolas: uma de basquete e uma de rúgbi. Mas os alunos estavam mais interessados no futebol e resolveram jogar com a bola redonda, de basquete, para desespero do professor: "Com os pés não, meninos! Com as mãos!" Não demorou e o próprio Shaw acabou aderindo ao *soccer*.

E.C. PINHEIROS

HANS NOBILING, o mentor da primeira partida de futebol jogada no Brasil

HIST. ILUS. FUT. BRAS.

OSCAR COX, outro pioneiro: em 1901 organizou o primeiro cariocas versus paulistas

1902. O campo do Velódromo, na Rua da Consolação

OSCAR COX

O embaixador da bola

Quando terminou seus estudos na Suíça e retornou ao Brasil, Oscar Cox não imaginava a dificuldade que iria encontrar para praticar seu esporte favorito, o futebol. Naquela época, o Rio de Janeiro era dominado pelo críquete e parecia não haver espaço para outro esporte com bola. Cox não desistiu. Tanto falou dos encantos do jogo aos amigos que conseguiu reunir um pequeno grupo de jogadores para ensinar as regras. Estava organizado o Rio Team.

Mas surgiu outra dificuldade: arrumar adversários. Cox teve que recorrer aos ingleses do Rio Cricket and Athletic Association, de Niterói, que já haviam praticado o esporte em sua terra natal. A 1ª partida, disputada em Niterói, no dia 1 de agosto de 1901, terminou empatada em 1 a 1 e foi assistida por quinze pessoas, público recorde para um esporte desconhecido.

Coube a Cox organizar também o primeiro jogo Rio-São Paulo, em 1901. Ele até mesmo tentou conseguir um desconto no trem que levou a equipe para a capital paulista, uma vez que "se tratava de uma embaixada esportiva". A Estrada de Ferro Central do Brasil não se comoveu. Os rapazes, entretanto, não tiveram problemas em pagar as passagens, já que eram todos endinheirados.

Os dois encontros entre os combinados carioca e paulista terminaram empatados (1 a 1 e 2 a 2). Os jogos foram marcados pela extrema cordialidade e camaradagem. Não houve nenhum pontapé e a imparcialidade do juiz mereceu brindes no jantar que comemorou o encontro. Um clima bem diferente daqueles que marcariam os futuros embates Rio-São Paulo.

★★★★

sessão nacional no dia 9 de julho de 1896, numa casa da Rua do Ouvidor.

TAMBÉM no Rio as primeiras tentativas de praticar o futebol se deveram a um filho de ingleses. Oscar Cox, do Payssandu, reduto britânico hoje localizado na margem sul da Lagoa Rodrigo de Freitas, mandou vir de Londres uma bola. Era o ano de 1897 e a bola só não pôde ser usada porque o terreno, esburacado demais, não permitia que ela rolasse.

No sertão baiano, o beato Antônio Consellheiro fundava, com seu séquito de 8 mil miseráveis, o Império do Monte Belo, no Arraial de Canudos. O Conselheiro e seus seguidores esperavam a volta do rei português Dom Sebastião, morto pelos mouros em 1580 e que, segundo eles, sairia com seu exército das ondas do mar para reinar sobre o mundo. Em São Paulo, a indústria, o comércio, a agricultura e, claro, o futebol floresciam. Charles Miller conseguira o apoio do São Paulo Athletic Club e transferira as peladas, que reuniam sempre as mesmas figuras, para a Chácara Dulley, no bairro do Bom Retiro. Ali ficava o primeiro campo especialmente demarcado para a prática do futebol. E foi assistindo aos jogos dos ingleses na chácara que alguns alunos do Colégio Mackenzie pegaram gosto pelo novo espor-

O ÚNICO TETRA

Os clubes pioneiros deixaram o campo faz tempo. Um deles, O Paulistano, tem uma façanha que até hoje nenhum outro paulista igualou

SÃO PAULO ATHLETIC CLUB

Os primeiros campeonatos disputados no Brasil tiveram um único dono: o São Paulo Athletic Club, time que congregava os britânicos que residiam na capital paulista. Com Charles Miller à frente, o clube conseguiu se sagrar tricampeão entre 1902 e 1904, adquirindo a posse definitiva da Taça Casimiro da Costa, a primeira da história do futebol brasileiro. Nos campeonatos paulistas que se seguiram, acabou a moleza para os "ingleses". Só em 1911 o time voltou a ganhar o campeonato. Ganhou, mas não levou. O Palmeiras (nenhuma relação com o alvi-verde de hoje) se recusou a passar a taça para o vencedor, alegando ter sido prejudicado numa das partidas. O clube dos ingleses resolveu então abandonar as disputas oficiais. "Não apenas por causa da bagunça, mas também porque os ventos sopravam para o profissionalismo", explica John Robert Mills, diretor e historiador do São Paulo Athletic. "Mas o maior orgulho do clube foi ter introduzido o futebol no Brasil".

O SPAC. Charles Miller, bigode maior, é o capitão

REPRODUÇÃO/HISTÓRIA ILUSTRADA DO FUTEBOL BRASILEIRO

TIME do Mackenzie, o primeiro de brasileiros

ASSOCIAÇÃO ATHLETICA DO MACKENZIE COLLEGE

Quando os alunos e professores do Mackenzie decidiram chutar a bola de basquete, resolveram também fundar um clube dedicado especificamente ao futebol. Assim surgiu, em 1898, o primeiro clube de brasileiros e para brasileiros. Apesar de vitórias esporádicas, o Mackenzie nunca foi campeão de nada. A não ser, talvez, de elegância. O uniforme do time era camisa vermelha, calção e gravata brancos.

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

te. Tanto que, em 1898, eles fundariam a Associação Atlética do Mackenzie College que, mesmo restrita aos alunos do colégio, era a primeira agremiação formada por brasileiros unicamente para a prática do futebol.

O NOVO clube abrigaria a terceira equipe formada na cidade. O alemão Hans Nobiling, que chegara a São Paulo em 1897, havia fundado um time que levava o seu próprio nome.

O Distrito Federal, que era a cidade do Rio de Janeiro, tinha, em 1898, mais de 500 mil habitantes e começava a modernizar-se. Já se projetavam as grandes avenidas que deixariam para trás a imagem de cidade suja e doente.

Foi nesse ambiente de grandes mudanças que nasceu, no bairro da Piedade, no dia 23 de abril de 1898, Alfredo da Rocha Viana, destinado a enriquecer notavalmente o panorama da música nacional no século que se avizinhava. O moleque, um pretinho de cara redonda, seria mais tarde conhecido pelo apelido de Pixinguinha.

Também naquele mesmo ano, em junho, a bordo de um navio francês, Affonso Segreto filmou cenas da Baía de Guanabara com uma câmara trazida da França. Essas cenas seriam mais tarde exibidas no Salão de Novidades, um dos primeiros cinemas do Rio, de propriedade do irmão de Affonso, Paschoal.

CLUB ATHLETICO PAULISTANO

O Paulistano foi fundado em 1900 para que a fina flor da sociedade paulista pudesse praticar o ciclismo. Não tardou, porém, que os jovens associados descobrissem os atrativos do futebol. E foi o Paulistano o clube mais glorioso do futebol amador. Primeiro, acabou com a hegemonia dos ingleses ganhando o campeonato de 1905. Depois, conquistou o único tetracampeonato (entre 1916 e 1919) da história do futebol paulista. Sua fama se estendeu até o exterior, quando realizou uma excursão vitoriosa pela Europa, onde seus jogadores foram chamados de "os reis do futebol". Mas no momento em que o profissionalismo foi adotado no Brasil, o clube resolveu abandonar o esporte. Foram ao todo 11 campeonatos paulistas. Seus principais jogadores, entretanto, fundaram o São Paulo que, hoje, é bicampeão do mundo.

O PRIMEIRO time do Paulistano, de 1902

QUEM É O PRIMEIRO?

Como o São Paulo Athletic e o Mackenzie abandonaram o futebol, a honra de ostentar o título de clube mais antigo em atividade no Brasil está entre a Ponte Preta, de Campinas (SP), e o Rio Grande, da cidade de Rio Grande (RS). Se valer a data, a primazia cabe ao Rio Grande, fundado em 14 de julho de 1900. A Ponte surgiu menos de um mês depois, no dia 6 de agosto. Mas os defensores da "Macaca" alegam que o clube de Campinas merece a honraria já que suas atividades futebolísticas jamais foram interrompidas, ao contrário do que aconteceu com o time gaúcho. Esta ainda é uma disputa sem vencedores.

SPORT CLUB GERMÂNIA

E.C. PINHEIROS

O GERMÂNIA hoje é o Pinheiros

O Sport Club Germânia nasceu da firme decisão de Hans Nobiling de fundar um clube para que a colônia alemã pudesse praticar o futebol. Nos primeiros tempos, entretanto, a rotina da equipe foi a de permanecer na lanterna em todas as competições — apesar de contar com o futebol vigoroso de Hermann Friese, considerado um fenômeno na época. Fundado em 1899, somente em 1906 o clube conseguiu o título de campeão paulista. O feito se repetiu em 1915, mas nesse tempo o futebol de São Paulo estava dividido em dois campeonatos distintos. Com a reunificação em 1917, o Germânia esperava mostrar sua força. Entretanto, a Primeira Guerra Mundial declarada pela Alemanha fez com que o clube adotasse a prudente atitude de não se expor. Não disputou nenhum campeonato e abandonou o futebol paulista. A Segunda Grande Guerra também obrigou-o a trocar o nome de Germânia para Pinheiros.

★★★★

Era a primeira obra do cinema nacional.

Na França, Émile Zola publicava o retumbante artigo "J'accuse", em defesa e desagravo do tenente Alfred Dreyfus, acusado de traição à França num processo cheio de erros e preconceitos gerados por sua origem judaica.

PASSATEMPO da elite, o futebol era praticado com espírito olímpico. Nada de muita competição. O São Paulo Athletic e o Mackenzie disputavam suas peladas em ambientes fechados a estranhos. Coube ao alemão Nobiling acrescentar água fervendo ao caldinho morno do futebol paulistano.

Em 1899 Nobiling desafiou os mackenzistas para o primeiro confronto entre clubes brasileiros. O jogo não passou de um chatíssimo zero a zero, mas marcou o início de uma série de partidas na qual todas as equipes de São Paulo se enfrentaram. Foi dentro dessa série, aliás, que o futebol paulista teve seu primeiro grande público: jogavam o combinado de Hans Nobiling e o São Paulo Athletic, que venceu por escasso 1 a 0, mas saboreou a admiração e os aplausos de nada menos de 60 pessoas!

Nos anos que antecederam e sucederam a virada do Século XX, havia jovens brasileiros destacando-se em vários países do mundo desenvolvido. O maior pólo de atração de

NASCIMENTO E VIDA

São os grandes conquistadores. Ao longo da história, se revezam no pódio dos campeões. Como nasceram eles, e suas mais importantes conquistas

FLAMENGO

Paixão do povo

Ninguém poderia imaginar que o Clube de Regatas do Flamengo, fundado em 1895 por rapazes da classe média alta carioca e amantes do remo, pudesse um dia se transformar no mais popular dos clubes brasileiros. Tudo graças ao futebol, esporte que os remadores consideravam atividade de maricas. A aversão que o esporte bretão despertava nos flamenguistas durou até 1911, quando um grupo de jogadores dissidentes do Fluminense procurou o rubro-negro. No início, o departamento de futebol foi criado apenas como experiência. Tanto que não era permitido que os futebolistas usassem o mesmo uniforme do remo (calção branco e camisa com listas vermelhas e negras). Mas com as primeiras vitórias, o futebol adquiriu o direito sobre a camisa do clube e, com o tempo, relegou o remo a segundo plano.

O primeiro título veio no campeonato carioca de 1914. Desde então, o Flamengo mostrou uma fome insaciável por vitórias. Foram ao todo 23 estaduais (somando três tricampeonatos) e cinco nacionais. Todos com a marca da paixão de sua torcida e da categoria de seus jogadores, alguns dos maiores que já surgiram no futebol brasileiro. Caso de Domingos Da Guia, Leônidas da Silva, Fausto, Zizinho, Dida, Júnior e Zico. A Era Zico, aliás, representou o momento máximo para o clube e culminou no ano de 1981, quando o Fla conquistou a Libertadores da América e o Mundial Interclubes.

E não há torcida maior: uma massa democrática que reúne pobres, ricos, analfabetos, intelectuais, cariocas, nordestinos e até paulistas. Como diz a sabedoria popular, "todos nascem Flamengo; alguns degeneram".

CORINTHIANS

O Timão é uma nação

Os fundadores eram operários, o primeiro presidente ganhava a vida como alfaiate. As origens humildes já mostravam que o destino do Corinthians era ser povo. O marco inicial, entretanto, foi a festejada visita do time inglês Corinthian (sem s mesmo) Football Club, em 1910: deixou tão

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

talentos era, claro, Paris. Lá, a conceituada Banda da Guarda Nacional incluía peças de Ernesto Nazaré em seu repertório, e o jovem Alberto Santos-Dumont fazia das suas em balões e dirigíveis, enquanto preparava sua maior proeza — o histórico primeiro vôo do 14-Bis, que alguns anos depois faria dele o brasileiro mais conhecido do planeta.

O FUTEBOL continuava sendo, no Brasil, um esporte de elite, mas pelo menos já apareciam alguns nomes brasileiros nas escalações. Hans Nobiling, por sua vez, revelava-se um autêntico agitador esportivo: em 1899 ele foi um dos líderes da fundação do Sport Club Internacional, o de São Paulo, mas em apenas uns dias já estava na oposição e fundando o Germânia, semente do atual Esporte Clube Pinheiros.

Como se vê, São Paulo chegou a 1900 com quatro times de futebol: São Paulo Athletic, Mackenzie, Internacional e Germânia. Naquele mesmo ano viria juntar-se a eles o Paulistano. No Rio apenas dois clubes prestigiavam o esporte — o Rio Cricket e o Payssandu — mas muito mais como patrocinadores. O abnegado Oscar Cox, uma espécie de Charles Miller carioca, tentava havia três anos fundar um clube. Não conseguia nem sequer formar um time. O futebol carioca era praticado por militantes, como havia

boa impressão que inspirou o nome do time dos operários.

O primeiro título veio em 1914, sob o comando de Neco, um ponta-de-lança driblador que ganhou oito campeonatos vestindo a camisa do Timão. As vitórias se repetiram nos anos seguintes, fazendo do Corinthians um time vencedor como poucos e criando uma legião de craques reverenciados pela torcida, como o centroavante Teleco (243 gols em 234 jogos) e Servílio de Jesus, o bailarino. Com os títulos do Centenário da Independência e o do Brasil, ambos em 1922, e do IV Centenário da Cidade de São Paulo, em 1954, o Corinthians entrou para a história como o Campeão dos Centenários. Mas a partir de 1954, o clube conheceu um tenebroso buraco negro de 23 anos sem títulos. A decadência se perpetuou por culpa de más administrações, principalmente de Vicente Matheus e Wadih Helu. Nessa época, o Corinthians virou chacota, ganhando o apelido de Faz-Me-Rir e amargando um tabu de 13 anos sem vencer o Santos de Pelé.

Incrivelmente, sua torcida não parou de crescer, tornando-se um símbolo do time e dando uma dimensão corintiana à palavra fidelidade. Uma verdadeira nação alvi-negra, capaz de tomar o campo do adversário, como aconteceu em 1976, quando mais de 70.000 corintianos invadiram o Maracanã, numa semifinal do Brasileirão contra o Fluminense. Entretanto, a redenção só viria no ano seguinte, quando Basílio fez o gol da vitória sobre a Ponte Preta na decisão do Campeonato Paulista de 1977. A partir de então, vieram outros campeonatos paulistas e, em 1990, o campeonato brasileiro. Ganhar títulos voltou a ser rotina para o Timão.

SÃO PAULO

Patrimônio de craques

NICO ESTEVES

Quem vê hoje o poderoso São Paulo, dono do maior estádio particular do mundo e detentor de um bicampeonato mundial, não imagina que o clube já passou o diabo. Precisou até nascer mais de uma vez. A primeira, em 1930, data oficial da fundação do clube, reunindo atletas e dirigentes do C. A. Paulistano, que havia decidido abandonar o futebol, e da A. A. Palmeiras (nada a ver com o alvi-verde do Parque Antarctica). A última, em 1935, quando se criou definitivamente o São Paulo F. C.

Apesar de contar com o gênio de Friedenreich e de ter conquistado o Campeonato Paulista de 1931, o São Paulo iria amargar um longo jejum de títulos, só quebrado no Paulistão de 1943. A partir daí, o tricolor deslanchou. Sempre procurando seguir uma receita de sucesso: reforçar a equipe com jogadores estrangeiros (os argentinos Sastre e Poy e os uruguaios Pedro Rocha e Darío Pereyra, por exemplo) ou com foras-de-série em "fim de carreira" como Leônidas, Zizinho, Gérson e Mário Sérgio.

Os dirigentes também fizeram a sua parte. Primeiro, ergueram o Morumbi, tarefa iniciada em 1952 e só concluída em 1969. Depois, montando uma estrutura de administração e marketing exemplar. Agora, o São Paulo não se orgulha apenas dos títulos. Mas também do patrimônio invejável constituído por um Centro de Treinamentos, um completo Laboratório de Fisiologia do Exercício e alojamentos para quase 150 garotos que jogam nas divisões inferiores do clube. O São Paulo cultiva hoje os campeões de amanhã.

VASCO

Clube de todas as raças

RICARDO BELIEL

Ninguém esperava que aquele time do Vasco da Gama pudesse conseguir mais do que um punhado de derrotas no campeonato de 1923. Afinal, era o primeiro ano do clube na

★★★★

sido o de São Paulo cinco anos antes.

Mas as dificuldades não conseguiram impedir o incansável Cox de realizar, logo no primeiro ano do Século XX, um de seus sonhos — uma partida entre paulistas e cariocas reunindo a fina flor dos craques brasileiros. Charles Miller e Hans Nobiling de um lado, e o próprio Oscar Cox do outro, os dois times jogaram duas duríssimas partidas em São Paulo, em 1901. Dois empates e muita troca de elogios entre os dois times. O futebol brasileiro era pura fidalguia.

PARECE que a virada do século acelerou o desenvolvimento do novo esporte. Vários clubes foram fundados em todo o país. Em 1902 surgiu o Fluminense, no Rio de Janeiro, e no ano seguinte o Grêmio, em Porto Alegre. Em 1904 os cariocas viram nascer o Bangu, o América e o Botafogo.

Mas o futebol mais organizado do país continuava sendo o paulistano. As cinco equipes pioneiras haviam constituído, em 1901, a Liga Paulista de Futebol (LPF) e em 1903 o jornalista Mário Cardim encarregou-se de fazer a primeira tradução para o português das regras inglesas do jogo. Em 1902 fora disputado o primeiro Campeonato Paulista — que também foi o primeiro campeonato regional do Brasil.

O ano de 1903 marcou o início de gran-

divisão principal do futebol carioca. Além do mais, enfrentaria times ricos e com craques consagrados. Uma rápida análise do elenco vascaíno encontraria apenas uma porção de jogadores desconhecidos (e o que era "pior": negros, mulatos e brancos pobres). Como poderiam enfrentar com sucesso os rapazes brancos, estudados e endinheirados do Fluminense, Botafogo, Flamengo? Com um belo futebol. Foi com Nelson Chofer, Leite, Mingote, Nicolino, Claudionor Bolão, Arthur, Paschoal, Torterolli, Arlindo, Ceci e Negrito, que o Vasco conquistou não só seu primeiro título (para ódio dos refinados adversários), mas também deu a mais importante contribuição de um clube para a democratização do futebol brasileiro, abrindo as portas para os negros e os pobres bons de bola.

Nos anos que se seguiram, o Vasco continuou a ganhar títulos e a revelar craques de todas as raças: o volante negro Fausto, chamado na Copa de 30 de Maravilha Negra, o goleiro mulato Jaguaré, que costumava defender chutes com uma única mão e jogar a bola na cabeça do adversário só por deboche, o artilheiro branco Ademir de Menezes, comandante do Expresso da Vitória, esquadrão vascaíno que dominou o futebol brasileiro na virada dos anos 40. Sem falar em Roberto Dinamite, artilheiro absoluto do clube com 642 gols.

Apesar da conquista de dois campenatos brasileiros (1974 e 1989), o título que mais orgulha os vascaínos é o da Taça dos Clubes Campeões Sul-Americanos, ganha em 1948, no Chile. Não é para menos. Com uma campanha irretocável (três vitórias e dois empates), os cruz-maltinos trouxeram o primeiro título internacional conquistado por um clube brasileiro no exterior.

FLUMINENSE

Glórias de campeão

IGNACIO FERREIRA

A honra de implantar o futebol no Rio de Janeiro cabe ao Fluminense, fundado em 1902 pelo pioneiro Oscar Cox. Outro motivo de orgulho está na sala de troféus do clube. O Tricolor possui o maior número de campeonatos cariocas (25 no total), com destaque para o do primeiro título disputado no Rio de Janeiro, o de 1906. O pioneirismo, aliás, parece realmente ser a marca do Tricolor. Em 1933, o clube anunciou sua adesão ao profissionalismo, sendo seguido pelos demais clubes.

Tantos serviços prestados pelo Fluminense ao esporte foram reconhecidos até mesmo internacionalmente, quando, em 1949, recebeu a Taça Olímpica, instituída pelo Barão de Coubertin, o criador dos Jogos Olímpicos da era moderna. Uma honraria capaz de causar *frisson* na torcida que, no começo do século, importava fitinhas tricolores da Inglaterra, enquanto em campo, os jogadores mais morenos disfarçavam a cor inundando o rosto de pó-de-arroz.

Mas é nas disputas dentro dos gramados que o Fluminense marca presença. Poucos clubes podem ostentar tamanha regularidade em conquistar títulos, marcada por uma tradição de gerência econômica de seus elencos. Como se esquecer do Campeonato Brasileiro de 1984, conquistado rigorosamente sem nenhum craque no time, mas com a dupla infernal Assis e Washington no ataque? O que não quer dizer que o Tricolor não possua heróis em sua galeria. Eles são muitos. Como o grande goleiro Marcos de Mendonça, titular da primeira Seleção Brasileira, Castilho, outro guarda-metas, um verdadeiro santo milagreiro, o atacante Hércules e o genial e intempestivo Rivelino. Heróis que orgulhariam qualquer torcida.

PALMEIRAS

O poder alvi-verde

RICARDO CORREA

O Brasil ainda amargava a derrota de 1950 quando o Palmeiras entrou no gramado do Maracanã para decidir a Taça Rio — uma espécie de Copa do Mundo de clubes campeões disputada em 1951. E o time não decepcionou os brasi-

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

des obras destinadas à total remodelação da Capital da República. Para financiar as obras do prefeito Pereira Passos, das quais a mais importante seria a Avenida Central (hoje Rio Branco), o governo federal toma no exterior um empréstimo equivalente a quase a metade de toda a receita da União. Este parece ter sido o pontapé inicial na famigerada dívida externa que até hoje atormenta o país. Mas o país tinha uma compensação: em Brodowski, no interior de São Paulo, nascia, naquele mesmo ano, Cândido Portinari.

ENQUANTO os políticos ensaiavam seus primeiros maus passos com o dinheiro público, o futebol tratava de se promover e de ocupar outros espaços. É de 1903 a primeira partida internacional realizada no país. Enquanto seu filho mais ilustre, Ruy Barbosa, enfrentava na Capital, com idéias, o ranço militar que ficara dos dois primeiros governos republicanos — Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto —, a Bahia formava um time para enfrentar, lá mesmo, em Salvador, um combinado inglês. Foi 0 X 0, mas na revanche os baianos enfiaram 2 X 0 e, diz a crônica do tempo, deram um vareio.

Naquele mesmo ano, no dia 16 de julho, o Fluminense do Rio recebe o Paulistano e, pela primeira vez no país, são cobrados ingressos. Novecentas e sessenta e nove

leiros. Numa partida heróica, o alvi-verde empatou em dois gols com a poderosa Juventus, da Itália. Naquela tarde, o Palmeiras foi Brasil. Outra doce ironia do futebol se lembrarmos que o clube foi fundado com o nome de Palestra Itália, em 1914, para honrar a numerosa colônia italiana de São Paulo.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, que colocou em campos opostos Brasil e Itália, o clube se viu forçado a mudar o nome para Palmeiras. Mas, se como Palestra havia conseguido seu único tricampeonato estadual, com a nova denominação passou a ser um incansável ganhador de títulos. Na época áurea do Santos de Pelé, só o Palmeiras de Djalma Santos, Julinho e Chinesinho conseguia quebrar a seqüência de campeonatos estaduais do time santista. Com a chegada de Ademir Da Guia, Luís Pereira e Leivinha se iniciou a era de um Palmeiras chamado de Academia de Futebol.

Depois de títulos inesquecíveis, o Palmeiras passou por um doloroso jejum, só quebrado quando se associou à multinacional italiana Parmalat. A empresa trouxe modernas técnicas de administração para o departamento de futebol do clube e, o que é melhor, uma verdadeira Seleção Brasileira foi contratada. Com craques como Evair, Edmundo, Edílson, César Sampaio, Mazinho, Roberto Carlos e Cléber, o Palmeiras conquistou um bi paulista (1993-1994) e um Campeonato Nacional (1994).

BOTAFOGO

Com todas as glórias

RODOLPHO MACHADO

Há coisas que só acontecem ao Botafogo, costumam dizer os torcedores alvi-negros. Verdade. Em que outro time poderia surgir Garrincha? Só no Botafogo. Que outro esquadrão forneceria cinco jogadores titulares para que a Seleção Brasileira fosse bicampeã do mundo em 1962? Só o Botafogo. Qual o único clube que ganharia um tetracampeonato carioca? Só o Botafogo. O clube, aliás, era para se chamar Eletro. Mas graças à intervenção da avó de um dos sócios, o nome foi trocado. E já no primeiro campeonato (1907), o Fogão passaria a ser conhecido também como o Glorioso.

As glórias, na verdade, começaram em 1904, ano da fundação, e se intercalaram com períodos de escassez de títulos. Depois de dominar boa parte dos anos 30, quando conseguiu o tetra carioca entre 1932 e 1935, o Botafogo ficou nove anos na fila. Ressurgiria em 1948, interrompendo a fieira de campeonatos do Expresso da Vitória vascaíno, e em 1957, aplicando uma goleada impiedosa na decisão, 6 a 2 no Fluminense.

Mas foi na década de 60 que o Botafogo marcou época. Montou times com alguns dos maiores jogadores que o Brasil já viu: o lateral-esquerdo Nílton Santos, o meia clássico Didi, o inqualificável Garrincha, o canhotinha Gérson, o atacante Jairzinho. Passou ainda por maus bocados entre 1969 e 1989, quando então voltou à rotina de títulos. Agora, de volta à sua sede histórica em General Severiano, o Botafogo espera reviver as glórias nas quais só encontra rival no Santos de Pelé.

ATLÉTICO

O Galo canta alto

O Atlético Mineiro nasceu com um grupo de rapazes que queria "sufocar todos os outros clubes". E foi realmente o que aconteceu. Para ter uma idéia, entre 1908, ano de sua fundação, e 1912, o time passou quatro longos anos sem conhecer uma única derrota. E em 1915 veio o primeiro dos seus até hoje 35 campeonatos mineiros.

Os bons resultados iniciais refletiram não apenas a categoria de um time comandado pelo artilheiro Mário de Castro, que nos anos 20 estabeleceu a marca de 195 gols em 100 jogos. Refletia também o amor que a torcida dedicava ao clube. O

★★★★

pessoas pagaram 2 mil réis cada uma, mas havia mais de duas mil e quinhentas pessoas presentes ao jogo. Quer dizer: a primeira renda já veio com perna de anão.

EM SÃO PAULO, o alemão Hermann Friese era a sensação do time do Germânia. O artilheiro da equipe de Hans Nobiling tinha físico formidável e já havia sido campeão de atletismo na Europa. Atribui-se a ele a introdução do jogo de corpo no futebol brasileiro, jogada imediatamente apelidada de "marreta", apelido pelo qual o próprio Friese acabou conhecido.

A Liga Metropolitana de Futebol, fundada em 1905 com o propósito de reunir os clubes cariocas, organizou seu primeiro campeonato no ano seguinte, 1906, quando também foi disputada a primeira partida entre seleções estaduais: São Paulo 2 X 1 Rio, no Rio.

Neste mesmo ano, os craques nacionais tiveram de abaixar a crista e reconhecer que a paixão esportiva se alastra rapidamente, mas a técnica na prática de um esporte é imprescindível, quando se quer competir internacionalmente. Um time sul-africano de passagem por São Paulo aplicou uma verdadeira surra de 6 a 0 no melhor time brasileiro, a Seleção Paulista.

O amadorismo que imperava no futebol brasileiro era uma espécie de moda chique

melhor exemplo era Dona Alice Neves, torcedora fanática que se encarregava pessoalmente de confeccionar todos os uniformes dos jogadores. Assim, o Galo se tornou o clube do povo, aceitando em seus quadros estudantes, operários, brancos, negros, pobres, ricos, brasileiros ou estrangeiros. Ao contrário do América, que então só permitia a entrada de estudantes de medicina endinheirados.

Mas o reconhecimento nacional da força do Atlético só veio em 1936, quando o time ganhou o título de Campeão dos Campeões, batendo a Portuguesa (SP), o Fluminense (RJ) e o Rio Branco (ES). Feito repetido em 1971, quando o Galo venceu o primeiro Campeonato Brasileiro oficial. Com o surgimento do esquadrão dos craques Reinaldo e Toninho Cerezo, o Galo manteve sua presença vitoriosa na esfera nacional. E, em 1992, conquistou a I Copa Conmebol vencendo o Olímpia, do Paraguai. Hoje, com um time recheado de jogadores experientes como Renato Gaúcho e Éder, a prioridade é acabar com a festa do Cruzeiro, seu maior rival.

CRUZEIRO

Estrela das Gerais

NÉLIO RODRIGUES

Società Sportiva Palestra Italia. O nome daquele clube fundado no ano de 1921 em Belo Horizonte dizia muito. Já revelava até a proibição da entrada de quem não fosse italiano ou descendente. Todos os seus atletas eram da colônia. Jogadores, aliás, muito bons. Exceto Niginho. Niginho não era bom. Era o melhor. E foi assim que o time conseguiu seu primeiro tricampeonato mineiro (1928 a 1930). As exibições do craque chamaram tanto a atenção, que Niginho foi comprado pela Lazio, da Itália.

Com a ausência de Niginho e a amarra que limitava o clube aos italianos, o Palestra passou dez anos longe dos títulos. A saída vitoriosa foi abrir as portas a qualquer um que amasse o time, independente da origem. Com a Segunda Guerra Mundial que colocou a Itália de um lado e o Brasil de outro, o clube seguiu a sina de todos os co-irmãos espalhados pelo Brasil: mudou de nome. Passou a se chamar Ypiranga e vestir uma camisa vermelha com um Y no peito. Não durou uma semana. A primeira derrota para o Atlético Mineiro enterrou o nome e o uniforme. Nasceu assim o Cruzeiro, um dos maiores clubes que o futebol brasileiro já produziu.

Já com Niginho de volta, outro tricampeonato (1943 - 1945) alegrou a torcida. Mas foi com o dirigente Felício Brandi, na década de 60, que se iniciou a fase áurea do time. Brandi montou um esquadrão com Tostão, Piazza e Dirceu Lopes e o Cruzeiro ganhou tudo a que tinha direito. Venceu até mesmo o Santos de Pelé pela Taça Brasil. E as conquistas seguintes confirmaram seu poderio, agora, internacional: campeão da Libertadores da América (1976), bicampeão da Supercopa Libertadores (1991 e 1992). Não há time mais brasileiro.

SANTOS

O Peixe faz história

RONALDO KOTSCHO

O Santos Futebol Clube entrou para a história do futebol brasileiro em 1912, ano de sua fundação. Entretanto, seu primeiro compeonato paulista só viria em 1935, com Araken Patuska no ataque. O segundo estadual demoraria mais vinte anos para ser conquistado, o que ocorreu em 1955. Nada fazia supor que aquele clube de escassos títulos se tornaria a maior legenda do futebol mundial como a mais perfeita máquina de jogar bola.

O esquadrão que o Santos montou naquele final dos anos 50 e que o acompanhou durante toda a década seguinte, girava em torno da realeza de Pelé. O time contava ainda com a segurança de um Gilmar no gol, de um Zito no meio-campo e

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

em todos os ramos da criação. Eram amadores os experimentos aeronáuticos de Santos-Dumont em Paris. O mesmo espírito estava presente quando Alberto realizou a incrível façanha do primeiro vôo do 14-Bis, no dia 23 de outubro de 1906, celebrada em todos os países do mundo. Segundo avisava o importante jornal parisiense Le Matin, o senhor Santos-Dumont não desejava construir aeroplanos para vender e punha o modelo "à disposição de todos os interessados".

NO BRASIL, muita gente já brilhava nos campos de futebol. Pelo menos entre os ricos, pois os clubes barravam a entrada de quem não tinha para o banquete da vitória. Ou da derrota. O *fair-play* vigente mandava comemorar as duas. Puro amadorismo.

O Fluminense, por exemplo, se orgulhava da seleção de seus atletas. Para jogar no Fluminense era preciso ser fino. Mais que isso, endinheirado. E branco, claro. E foi por causa do rigor com a "seleção" que o clube carioca passou a ser chamado de "pó-de-arroz". Um ex-jogador do América viera jogar no time. Mulato tão discreto que quase não se percebia, o novo atleta, nos dias de jogo, para enganar a torcida, enchia a cara de pó-de-arroz. Entrava em campo quase cinza. Um dia foi jogar contra o América e não deu outra: a geral inteira gritou o apelido que

de um Pepe no ataque. Depois vieram Coutinho e Clodoaldo. Nesta época, o Peixe somou o pentacampeonato na Taça Brasil (1961-1965), três Torneios Rio-São Paulo (1963, 1964 e 1966) e dois tricampeonatos paulistas (1960 a 1962 e 1967 a 1969). Mas foram as vitórias internacionais que projetaram o nome do Santos para todo o planeta: duas Libertadores da América e dois Mundiais Interclubes (1962-1963).

Com a Era Pelé, o Santos assistiu ao crescimento geométrico não apenas de seus títulos mas também da torcida. Só mesmo o patrimônio do clube é que ficou parado. Tudo por conta das péssimas administrações que não transformaram as glórias em lucros para o Santos. Na nova fase, alguns títulos vieram, como os campeonatos paulistas de 1978 (com Juary, João Paulo e Pita) e de 1984 (com Serginho Chulapa, Paulo Isidoro e Zé Sérgio). Mas os santistas querem mais. Hoje, o rei Pelé promete retornar, desta vez, como presidente do clube. A promessa é que os bons tempos voltem junto com o rei. A torcida confia.

INTERNACIONAL

Gosto democrático

ADOLFO GERCHMANN

Só mesmo alemão para conseguir jogar bola na Porto Alegre do início deste século. Os únicos dois clubes existentes — Grêmio e Fussball Club — eram exclusivos da colônia germânica e refratários ao ingresso de pessoas recém-chegadas à capital gaúcha, como os irmãos Poppe, vindos de São Paulo. Mas como a fome de bola era grande, Henrique, José e Luís Poppe não desistiram e resolveram fundar um clube. Assim nasceu o Internacional em 1909. Um time do povo. No Rio Grande do Sul, foi o primeiro clube a escalar um negro em seu quadro (Dirceu Alves, em 1925).

Mas os tempos iniciais foram difíceis. Tão difíceis que o primeiro título gaúcho só veio em 1927 e o segundo, em 1934. Mas na década de 40, o Inter surpreendeu a todos com um hexacampeonato (1940 a 1945). Nesse período, o Rolo Compressor, como os jornais o chamavam, venceu 19 dos 28 Gre-Nais disputados, empatando cinco e perdendo apenas quatro. Era tempo do ponta-direita Tesourinha, que por suas exibições chegou à Seleção Brasileira.

O Inter continuou sua sina de vencedor nas décadas seguintes, mas foi nos anos 70, com Falcão & Cia., que o clube conseguiu seus títulos mais memoráveis: octacampeão gaúcho (1969-1976) e três vezes campeão brasileiro (1975, 1976 e 1979). Só ficou faltando mesmo ganhar a Libertadores da América e o Mundial Interclubes, como fez o maior rival, o Grêmio. Mas a sua enorme torcida confia que isto é apenas uma questão de tempo.

GRÊMIO

Vitorioso na força

ADOLFO GERCHMANN

Os imigrantes alemães levaram o progresso para Porto Alegre, no início deste século. Eles instalaram indústrias, impulsionaram o comércio e dinamizaram a economia da capital gaúcha. Só estava faltando uma coisa: a bola. A única redonda na cidade pertencia ao engenheiro paulista Cândido Dias. A reunião do dinamismo alemão com a raridade do paulista foi só questão de tempo. Em 1903, fundava-se o Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense.

O clube nasceu vencedor. Quando ainda não existia o campeonato gaúcho, o Grêmio já vencia os torneios metropolitanos (tetracampeão de 1904 a 1907) e aplicava surras achachapantes nos adversários (10 a 0 contra o Internacional em 1909). Mas foi nas décadas de 20 e 30 que surgiram seus maiores ídolos: o goleiro Eurico Lara, "capaz de atirar a bola

★★★★

entrou para a História.

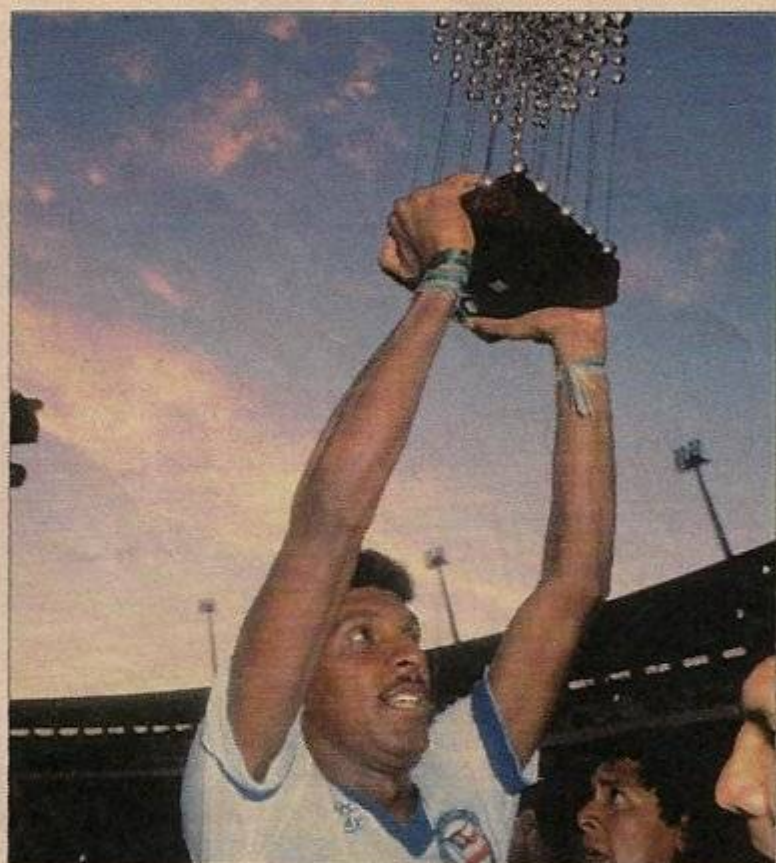
Contrastando com o ambiente de quase afetação reinante na maioria dos outros clubes, o Bangu exibia um time muito bom composto por ingleses branquelas, ocupantes dos cargos mais altos da indústria, e também operários, mulatos e negros. Não por qualquer posição filosófica, pois The Bangu Athletic Club nascera tão inglês como o Payssandu ou o Rio Cricket. Mas por contingência: falta de quórum. O clube pertencia a funcionários britânicos da Companhia Progresso Industrial do Brasil, estabelecida no bairro de Bangu. O centro da cidade ficava longe e os ingleses não conseguiam atrair compatriotas para seus jogos. Aos poucos foi sendo permitida a participação de operários, só para reforçar os times. E os operários foram percebendo que gastar a bola valia certas regalias na fábrica. Surgiam, assim, os primeiros craques da arraia-miúda. Tudo pelo futebol!

DEPOIS, nem tudo era assim tão cavalheiresco entre as quatro linhas que começavam a ser traçadas, com cal, onde houvesse um espaço de 5 mil metros quadrados suficientemente plano. Tanto que, em 1907, quando os paulistas suaram para vencer o primeiro campeonato brasileiro, contra o Rio de Janeiro, os cariocas negaram-se a entregar

ao meio do campo com um munhecaço", o centroavante Luís Carvalho, conhecido pelos gols de virada, e Foguinho, meia-esquerda técnico e artilheiro.

O mesmo Foguinho passou a ser conhecido por seu verdadeiro nome, Oswaldo Rolla, quando assumiu o cargo de técnico em 1953. Rolla excursionara pela Europa e voltou decidido a implantar o futebol-força alemão que tanto o havia impressionado. O novo estilo ficou para sempre ligado ao clube. Mas foi com o futebol-arte de Renato Gaúcho que o Grêmio atingiu sua mais alta honraria: o Mundial Interclubes de 1983, vencendo por 2 a 1 o Hamburgo, quem diria, da Alemanha.

BAHIA

Nascido para vencer

ENEIDA SERRANO

Em 1930, o Clube Baiano de Tênis e a Associação Atlética da Bahia resolveram se afastar dos campeonatos de futebol. Descontentes com a decisão, jogadores das duas equipes resolveram se juntar e fazer uma excursão pelo interior do Estado. O time se denominava Baianinho. Mas não havia nada de diminutivo nas suas exibições: passou meses sem sofrer uma única derrota. Por isso, em 1931 o Baianinho virou Bahia, iniciando uma trajetória vitoriosa no futebol brasileiro.

Uma das maiores glórias aconteceu em 1959, quando a primeira Taça Brasil foi disputada. O timaço do Bahia bateu o Vasco da Gama e o Santos. Isso em plena Era Pelé. Os baianos venceram o time santista por 3 a 2 na Vila Belmiro, mas perderam por 2 a 0 em casa. Na finalíssima, jogada no Maracanã, o Bahia ganhou de 3 a 1. Glória igual só em 1989, quando o tricolor conquistou o campeonato brasileiro em cima do Internacional. Os dois times que passaram à história jogavam com (1959) Nadinho, Leone, Henrique, Flávio, Vicente, Beto, Marito, Alencar, Léo, Bombeiro e Biriba; (1989) Ronaldo, Tarantini, João Marcelo, Claudir, Paulo Róbson, Paulo Rodrigues, Gil, Bobô, Zé Carlos, Charles e Marquinhos.

CORITIBA

O Coxa é um gigante

Um grupo de brasileiros descendentes de alemães reuniu-se em torno de Frederico Essenfelder (mais conhecido por sua fábrica de pianos) para conhecer um novo apetrecho esportivo: uma bola de futebol. Era o ano de 1909 e o grupo de paranaenses logo se apaixonou pela novidade. O resultado foi a fundação do Coritiba, um dos mais gloriosos clubes brasileiros.

No Paraná, o clube reina soberano no coração da torcida. Não é para menos: o Coritiba possui o maior número de campeonatos estaduais (29 no total), além do único campeonato brasileiro do Paraná, conquistado em 1985, vencendo o Bangu nos pênaltis em pleno Maracanã. O time jogava com Rafael, André, Gomes, Heraldo e Dida; Almir, Marildo e Tóbi; Lela, Índio e Édson. Hoje, é verdade, o Coxa atravessa uma má fase. Mas a torcida sabe que a volta dos títulos acontecerá bem depressa. Afinal, o Coxa é um gigante.

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

aos adversários a Taça Brasil. Foi o primeiro ganha-mas-não-leva oficial.

Os últimos anos da primeira década do século foram marcados pelo desenvolvimento industrial do país, pela evolução dos costumes sociais — a urbanização das grandes cidades criara ambientes elegantes, como os cafés ao ar livre, redutos de artistas e intelectuais — e pelo lançamento de importantes jornais. E foi das páginas dos jornais que o país inteiro ficou sabendo do crime mais hediondo de que se ouvira falar até então. Na noite do dia 2 de setembro de 1908, o escriturário Miguel Traad, um imigrante libanês, foi preso a bordo do navio Cordillère, recém-zarpado do porto de Santos, quando tentava jogar ao mar uma grande mala. Dentro da mala os marinheiros que o detiveram encontraram o corpo esquartejado do comerciante Elias Farhat, ex-patrão de Miguel. A polícia levantou a hipótese, sem nunca ter conseguido comprová-la, de que Traad matara Farhat porque estava tendo um caso com sua mulher, Carolina Farhat, coisa que Traad, condenado a 25 anos de prisão, sempre negou. O caso foi chamado pelos jornais de O Crime da Mala e comoveu o país durante semanas.

MAS NEM TUDO o que a imprensa noticiava era drama, crime ou política. Em

AS ÉPOCAS DE OURO

Hoje é até possível montar um timaço, com recursos, mas antes só os deuses explicavam o surgimento dos esquadrões, que são a felicidade maior de uma torcida

PAULISTANO (1916 · 1926)

Os primeiros reis

REIS do futebol: em pé, Clodoaldo, Barthô, Sérgio, Nestor, Nondas e Abate; agachados, Filó, Mário, Friedenreich, Araken e Netinho

Os primeiros brasileiros a ser coroados reis do futebol não foram Pelé e Garrincha, como muita gente imagina. Mas os jogadores do esquadrão montado pelo Club Athletico Paulistano que, em 1925, encantou franceses, suíços e portugueses durante uma vitoriosa excursão à Europa. Foram dez jogos disputados, nove vitórias e uma derrota, 31 gols pró e oito contra. Uma campanha que mereceu destaque dos principais jornais, principalmente depois da vitória por 7 a 1 sobre o selecionado francês. "(Os brasileiros) são mais perigosos, mais eficientes, pelo seu jogo fogoso, ardente e insistente, em passes rápidos, seguros, e em investidas excessivamente velozes que deixam estupefato o adversário. São os reis do futebol", sentenciou o matutino francês Le Journal. O maior destaque ficou por conta de Friedenreich, artilheiro da excursão com 11 gols.

Mas as glórias daquele time do Paulistano já vinham de longa data. Primeiro, com o tetracampeonato paulista conseguido no período de 1916 a 1919. Sem falar no inédito título de Campeão dos Campeões, conquistado ao vencer o primeiro campeonato brasileiro de clubes campeões. A disputa, que pode ser chamada de avó do atual campeonato brasileiro, foi realizada em 1920 contra o Fluminense, do Rio de Janeiro, e o Brasil, do Rio Grande do Sul. Sua formação mais famosa jogava com Nestor; Clodoaldo e Barthô; Sérgio, Nondas e Abate; Filó, Mário, Friedenreich, Araken e Netinho.

★★★★

1908 mesmo, as folhas de notícias anunciavam com estardalhaço a construção do primeiro automóvel brasileiro. Era obra do inventor Cláudio Bonadei, que construíra ele próprio a carroceria do veículo, acrescentando-lhe um motor importado. O automóvel, aliás, começava a modificar os hábitos e o panorama das grandes cidades, principalmente São Paulo. Naquele mesmo ano de 1908, o paulista Sylvio Penteado vencia a primeira corrida automobilística do país. Ele percorreu, no dia 23 de julho, os 70 quilômetros do Circuito de Itapecerica em 1h31m, fazendo a média de 50 quilômetros por hora em seu Fiat de 40 cavalos.

A primeira década do novo século, no entanto, não se despediria sem uma outra cena de sangue de repercussão nacional. Em 15 de agosto de 1909, o cadete do Exército Dilermando de Assis mata com um tiro o jornalista e escritor Euclydes da Cunha. Segundo as testemunhas, o escritor chegara à casa do aspirante armado e com a aparente intenção de resgatar a mulher, Anna da Cunha, que visitava Dilermando. Euclydes conquistara fama nacional com a cobertura da chamada Guerra de Canudos, ao fim da qual dois governos da República, depois de sucessivas tentativas e de muita resistência, haviam exterminado Antônio Conselheiro e

VASCO (1945 · 1952)

O Expresso da Vitória

IGNÁCIO FERREIRA

UMA das formações da época de ouro: Barbosa, Haroldo, Augusto, Danilo, Jorge e Eli (em pé); Edmur, Ipojucan, Ademir, Maneca e Chico

No final dos anos 40 e começo dos 50, não havia torcedor mais feliz do que o vascaíno. Não era para menos. O timaço comandado por Ademir de Menezes no ataque e garantido por Barbosa no gol conquistou cinco vezes o campeonato carioca (três deles invicto), impingindo goleadas históricas nos rivais. O América apanhou de 8 a 2, o Botafogo e o Fluminense levaram de 4 a 0 e o Flamengo, bem, o Flamengo passou de abril de 1945 a setembro de 1951 sem conseguir uma vitória sequer sobre este Vasco que serviu de base para a Seleção Brasileira vice-campeã mundial em 1950.

Se em casa o Vasco reinava como senhor absoluto, fora dela não era diferente. Em 1948, o Expresso da Vitória conquistou o Torneio dos Campeões Sul-Americanos. Foi o primeiro campeonato internacional ganho por um time brasileiro. E que time! Barbosa; Augusto e Wilson, Eli, Danilo e Jorge; Djalma, Maneca, Friaça, Ademir de Menezes e Chico.

HERDEIROS GANHAM O TRI O Expresso da Vitória conseguiu quase tudo, só faltou mesmo o tricampeonato. A glória só foi alcançada agora pelo atual quadro, verdadeiros herdeiros do esquadrão de Ademir de Menezes. Hoje, o time do Vasco reina hegemônico no Rio de Janeiro, onde conquistou os estaduais de 1992, 1993 e 1994. A receita é simples: trabalho sério nas divisões inferiores associado à contratação de jogadores renomados. E os adversários que se preparem. O Vasco vai querer o tetracampeonato com seu time de jovens ídolos como Carlos Germano, Pimentel, Torres, Leandro, Ian, Valdir e Gian.

CORINTHIANS (1950 · 1955)

Ataque com fome de gols

CLÁUDIO, Luisinho, Baltazar, Carbone e Mário: este ataque marcou 103 gols num só campeonato. Na defesa, Gilmar, Homero, Olavo, Idário, Goiano e Roberto

No início dos anos 50, o Corinthians levava seus torcedores ao êxtase com um esquadrão que tinha fome de gols. A sua linha de frente formada por Cláudio, Luisinho, Baltazar, Carbone e Mário entrou para a história ao ultrapassar a marca dos 100 gols num único campeonato. Foram ao todo 103 tentos no Paulistão de 1951. Marcar gols, aliás, era a especialidade desse time que conquistou o bicampeonato paulista (1951/52), e o título do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954), além de três torneios Rio-São Paulo (1950, 1953 e 1954).

Mas o grande feito da máquina corinthiana aconteceu longe da sua torcida, em 1953, quando sagrou-se campeão da Pequena Taça do Mundo, na Venezuela. Não perdeu, nem empatou. Venceu todos os jogos diante do Barcelona (Espanha), Roma (Itália) e da seleção local. A festa ficou, então, marcada para o aeroporto de Congonhas, onde a torcida recepcionou os campeões. O time-base jogava com Gilmar (que revezava com Cabeção); Homero e Olavo; Idário, Goiano e Roberto Belangero; Cláudio, Luisinho, Baltazar, Carbone e Mário.

VITÓRIAS DEMOCRÁTICAS Mais do que a genialidade de Sócrates, Zenon e Casagrande, o bicampeonato paulista de 1982-1983 ficará marcado pelo que se convencionou chamar de Democracia Corinthiana, com muito diálogo no relacionamento entre jogadores e diretoria. A torcida jamais vai esquecer que a Democracia jogava com Solito; Alfinete, Mauro, Daniel González e Wladimir; Paulinho, Sócrates e Zenon; Ataliba, Casagrande e Biro-Biro.

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

seus seguidores, arrasando a vila de Bela Vista, no Arraial de Canudos.

O ANO DE 1909 marcou uma grande abertura do novo esporte, com a realização do primeiro campeonato paulista de futebol de várzea — aquele jogado pelas classes menos favorecidas nas várzeas dos rios, e que haveria de ser o maior celeiro de craques do mundo.

Mas a verdade é que, por aqueles tempos, o futebol brasileiro continuava penando cada vez que se defrontava com um bom time estrangeiro. Principalmente, é claro, time inglês. Como o Corinthian (sem o s mesmo) de Londres, que baixou por aqui em 1910. Era um timão de bola que humilhou o Fluminense e triturou dois combinados cariocas. O Corinthian disputou três partidas em São Paulo. Quem perdeu de 2 a 0 saiu comemorando, porque os 8 a 2 que o time inglês aplicou no São Paulo Athletic valeram a aposentadoria de Charles Miller como jogador.

EM COMPENSAÇÃO, naquele mesmo ano, fundado por gente simples e inspirado no timaço inglês, nasceria o Sport Club Corinthians Paulista.

As eleições para presidente da República de 1910 tinham dado a vitória ao marechal Hermes da Fonseca, repondo os militares no

SANTOS (1962 · 1963)

O maior do mundo

RAFAEL DIAS HERRERA

O MAIOR time que o mundo já viu jogar: em pé, Lima, Zito, Dalmo, Calvet, Gilmar e Mauro; o ataque com Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe

Eram onze camisas brancas vestindo onze corpos negros. Apesar de não ser uma verdade completa, a começar pelo goleiro Gilmar, assim corria pelo mundo a fama do maior esquadrão de todos os tempos. Não houve títulos que aquele time de Pelé não conquistasse: bicampeão mundial, bicampeão da Libertadores da América, pentacampeão da Taça Brasil, oito campeonatos paulistas, três Rio-São Paulo. Sem falar dos 28 torneios ganhos em todos os cantos do planeta.

Mas o seu apogeu aconteceu em 1962 com a impressionante seqüência de títulos que o levaram ao bicampeonato mundial. Para isso, o time teve que vencer o Peñarol, no tira-teima realizado em Buenos Aires, e o Benfica, em Portugal. Em 1963, os feitos heróicos se repetiram em cima do Boca Juniors, em pleno estádio de La Bombonera, e contra o poderoso Milan, dando ao Santos o bicampeonato mundial interclubes. A verdade é que nunca houve e muito dificilmente haverá um time como o Santos de Gilmar; Mauro e Calvet; Dalmo, Zito e Lima; Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe.

GERAÇÕES DE OURO Três gerações de craques gravitaram em torno do deus Pelé. A primeira venceu o campeonato paulista de 1958 com a insuperável marca de 143 gols. Jogavam Manga; Ramiro e Dalmo; Getúlio, Urubatão e Zito; Dorval, Jair, Pagão, Pelé e Pepe. Bem diferente, mas tão bom como o time que venceu o tricampeonato paulista em 1969: Cláudio; Carlos Alberto Torres, Ramos Delgado, Djalma Dias e Rildo; Clodoaldo e Negreiros; Manuel Maria, Toninho Guerreiro, Pelé e Edu.

BOTAFOGO (1960 · 1964)

O Glorioso na seleção

CAMPEÃO do Rio-São Paulo 1962: em pé, Joel, Manga, Nílton Santos, Zé Maria, Aírton e Rildo; o ataque: Garrincha, Didi, Quarentinha, Amarildo e Zagalo

Na fase mais gloriosa do futebol brasileiro, o Santos de Pelé só tinha um adversário à altura: o Botafogo de Garrincha. E era um timaço! Tanto que foi a base da seleção bicampeã do mundo no Chile com cinco jogadores em campo: Nílton Santos, Didi, Amarildo e Zagalo, além do gênio das pernas tortas. Craques que fizeram do Fogão o bicampeão carioca em 1961 e 1962 e campeão do Torneio Rio-São Paulo nos anos de 1962 e 1964. No exterior, não era diferente. O time venceu torneios na Colômbia, México, França, Bolívia e Argentina.

Mas a história vitoriosa do esquadrão alvi-negro começou com a firme determinação de torcedores históricos como o jornalista e técnico João Saldanha, para quem o Fogão precisava de grandes craques. Eles vieram e com eles as maiores glórias que o clube já conquistou. Quem, afinal, enfrentaria tranqüilo um time com Manga; Joel, Zé Maria, Nílton Santos e Rildo; Aírton e Didi; Garrincha, Quarentinha, Amarildo e Zagalo?

TRADIÇÃO DE CRAQUES Os gênios alvi-negros mal haviam deixado os gramados e uma nova geração de craques já assumia seus postos para garantir ao Botafogo mais e mais glórias. No lugar de Nílton Santos, Didi e Garrincha, surgiram Gérson, Jairzinho e Paulo César Lima. Com eles o Fogão conquistou novamente o Rio-São Paulo (1966), o bicampeonato carioca (1967-1968) e a cobiçada Taça Brasil (1968). O time-base era Manga; Moreira, Zé Carlos, Leônidas, Valtencir, Carlos Roberto, Gérson, Rogério, Roberto Miranda, Jairzinho e Paulo César.

poder. Era o fim da que vinha sendo chamada "política do café com leite", dominada pela aristocracia rural — uma alusão aos plantadores de café paulistas e aos criadores de vacas leiteiras de Minas. Os anos seguintes seriam sangrentos, de norte a sul do país. O governo de Hermes da Fonseca instituiu a chamada política de "salvações nacionais", destinada a acabar com as oligarquias que governavam os estados, principalmente os do Nordeste. Houve intervenções e reações armadas em Pernambuco (1911), Bahia, Ceará e Alagoas (1912). No Sul, sertanejos, na sua maioria gaúchos e catarinenses, em busca de terras, deflagram a Guerra do Contestado, pelo domínio do território com este nome situado entre Santa Catarina e o Paraná, na região de Palmas. Como o Antônio Conselheiro de Canudos e o padre Cícero Romão, que liderara a resistência aos coronéis no Ceará, o líder do movimento pelo Contestado, o "monge" José Maria, tem um discurso místico. Ele reúne seus "pelados" — os caboclos que o seguiam — para resistir aos "peludos" (as tropas governamentais que acabariam por massacrá-los) sob a "Monarquia Celeste", na qual sertanejos ganham títulos nobres. José Maria morreu no primeiro combate contra forças do Paraná, mas seus seguidores ainda desafiaram o Estado até 1916, quan-

CRUZEIRO (1965·1970)

Constelação de garotos

NO FIM dos anos 60: em pé, Neco, Pedro Paulo, Piazza, Vítor, Raul e Procópio; no ataque, Natal, Tostão, Evaldo, Dirceu Lopes e Hílton Oliveira

Quem poderia esperar que um time de garotos recém-saídos do juvenil pudesse impor alguma resistência ao Santos de Pelé? Ninguém. Só mesmo Tostão, 19 anos, Dirceu Lopes, 20, e Wilson Piazza, 23, eram atrevidos o bastante para apostar no time do Cruzeiro na decisão da Taça Brasil de 1966. Apostaram e ganharam. Naquele campeonato, o país inteiro pôde testemunhar o nascimento da mais brilhante geração de jogadores do final dos anos 60.

O esquadrão cruzeirense tinha a segurança de Raul, o goleiro que inovou com as camisas amarelas, uma zaga às vezes violenta e um ataque infernal. Que o digam os atleticanos, que tiveram que assistir impotentes ao pentacampeonato do Cruzeiro entre 1965 e 1969. Que o digam os craques do Santos, derrotados por 6 a 2 no Mineirão e por 3 a 2, de virada, no Pacaembu. Aquele Cruzeiro realmente valia ouro: Raul; Pedro Paulo, William, Procópio e Neco; Piazza e Dirceu Lopes; Natal, Evaldo, Tostão e Hílton Oliveira.

BRILHO DAS AMÉRICAS Quando Tostão foi para o Vasco e, em seguida, abandonou o futebol, o Cruzeiro ainda teve fôlego para formar outro timaço com a chegada de Jairzinho e a ascensão de Palhinha, Joãozinho e Nelinho. Uma equipe que venceu a Libertadores da América em 1976 e só não ganhou o título mundial porque teve de enfrentar o Bayern de Munique num campo coberto de neve. O Cruzeiro jogava com Raul; Nelinho, Morais, Darci e Vanderlei; Wílson Piazza e Zé Carlos; Eduardo, Palhinha, Jairzinho e Joãozinho.

INTERNACIONAL (1974·1976)

O Rolo Compressor

J. B. SCALCO

CAMPEÃO brasileiro de 1976: em pé, Manga, Cláudio, Figueroa, Vacaria, Marinho Peres e Falcão; na linha, Valdomiro, Jair, Dario, Caçapava e Lula

O Internacional não tinha do que reclamar em 1973. Afinal, naquele mesmo ano conquistara o pentacampeonato gaúcho. Mas a torcida e os dirigentes queriam mais. Queriam mostrar ao Brasil o Rolo Compressor colorado. Para isso, montaram um time que privilegiava a força sem esquecer da arte. O clube já contava com o chileno Figueroa na zaga e o garoto Falcão no meio-campo, mas os reforços vieram com a contratação de um técnico cheio de idéias, Rubens Minelli, e do goleiro Manga. Assim, o Inter conquistou o primeiro título brasileiro em 1975, em cima do timaço do Cruzeiro que tinha craques como Piazza, Nelinho e Joãozinho.

No ano seguinte, o que estava bom ficou melhor ainda com a chegada do zagueirão Marinho Peres e do folclórico, porém eficiente, Dadá Maravilha. O bi brasileiro veio fácil em cima de um Corinthians esforçado mas sem brilho. Tanto que a torcida colorada até hoje considera ter assistido à verdadeira final no domingo anterior ao da decisão contra os paulistas. No dia 5 de dezembro de 1976, o time vencera o Atlético Mineiro na partida mais emocionante do campeonato. Foi de virada, por 2 a 1, com uma verdadeira pintura de gol, marcado por Falcão no último minuto do segundo tempo.

Em casa, o esquadrão colorado continuava torturando o arquiinimigo Grêmio, que viu o rival se sagrar octacampeão gaúcho em 1976. Eis a escalação do melhor time da história do Internacional, também um dos melhores já formados no Brasil: Manga; Cláudio, Figueroa, Marinho Peres e Vacaria; Batista, Falcão e Carpegiani; Valdomiro, Dario e Lula.

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

do 20 mil deles já haviam morrido em combates desiguais.

As grandes cidades do país não viviam o clima de conflitos e sangue reinante em algumas regiões mais afastadas. É verdade que a industrialização dera origem a movimentos políticos de esquerda, alguns anarquistas, principalmente em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Mas o rápido progresso da urbanização e o refinamento dos costumes mantinha o ar civilizado e progressista das metrópoles. Isto apesar de episódios como o da eleição de Nilo Peçanha para o governo do Estado do Rio de janeiro, em 1914. Mesmo ganhando nas urnas, Nilo quase não é empossado por causa de uma trama urdida pelo senador Pinheiro Machado. Foi preciso a população, e até tropas do Exército e da Força Pública, saírem às ruas para evitar o golpe regional.

O FUTEBOL, por sua vez, tinha pegado, é verdade. Mas não se podia dizer que era sequer o segundo esporte do país, tamanha a distância que o separava do remo — acredite, do remo — até por volta de 1911. Dizem os cronistas da época que se podia marcar regata em dia de futebol, mas nunca futebol em dia de regata. Nem os times se conseguiriam formar.

Foi por isso que o Flamengo demorou

FLUMINENSE (1975-1977)

A Máquina Tricolor

RODOLPHO MACHADO

NA METADE dos anos 70: em pé, Renato, Pintinho, Carlos Alberto, Edinho, Gálaxie e Rodrigues Neto; o ataque: Gil, Cléber, Doval, Rivelino e Dirceu

A seleção de craques que o Fluminense reuniu durante os anos de 1975 e 1976 foi produto do delírio de seu presidente Francisco Horta em montar uma verdadeira máquina de títulos. No dia seguinte à sua posse, Horta contratou Rivelino. Em seguida vieram Félix, Toninho Baiano, Marco Antônio, Pintinho, Manfrini, Gil e Paulo César Caju. O time garantiu o Campeonato Carioca.

No ano seguinte, mais reforços: o goleiro Renato, o tricampeão Carlos Alberto Torres, Edinho, Doval e Dirceu. Mais um Campeonato Carioca e mais resultados inesquecíveis: 3 a 0 no Vasco e 5 a 1 no Botafogo. O Fluminense ainda teve fôlego, no ano seguinte, para conquistar o Troféu Tereza Herrera (Espanha) e o Torneio de Nice (França), mas a Máquina se mostrava muito cara para ser sustentada. A saída de Rivelino marcou o fim de um dos melhores esquadrões que vestiu a camisa tricolor. Ficaram na história Renato; Carlos Alberto, Miguel, Rodrigues Neto, Pintinho, Rubens Gálaxie, Gil, Doval, Rivelino, Paulo César Caju e Dirceu.

ESQUADRÃO PAULISTA Uma outra vez antes da gastança promovida por Francisco Horta, o clube já havia investido pesado. Foi em meados da década de 30, quando o Flu contratou os paulistas Batatais, Hércules, Tim e Romeu Pellicciari. Os resultados foram imediatos: o tricampeonato entre 1936 e 1938 e o bi de 1940 e 1941. Confira o time: Batatais; Moisés e Machado; Santamaría, Brandt e Orozimbo; Orlandinho, Russo, Romeu Pellicciari, Tim e Hércules.

ATLÉTICO MINEIRO (1977-1983)

Rei das Gerais

NA ÉPOCA do hexacampeonato: em pé, João Leite, Nelinho, Osmar, Luizinho, Cerezo e J. Valença; e a linha: Catatau, Heleno, Reinaldo, Renato e Éder

No final dos anos 70 e início dos 80, Minas Gerais só conheceu um campeão: o Galo. Foi um hexacampeonato para calar os torcedores do Cruzeiro, rival que vinha dominando o cenário mineiro desde o surgimento de Tostão no final da década de 60. E o timão que o Atlético Mineiro montou já no Campeonato Nacional de 1977 era uma pequena amostra do que os cruzeirenses iriam amargar. No meio de campo, a lucidez de Toninho Cerezo e, no ataque, a genialidade de Reinaldo.

No Nacional de 1977, o Atlético só não levou o título por conta da loteria dos pênaltis. Perdeu para o São Paulo, depois de fazer uma campanha inesquecível, sem uma única derrota. Mas de 1978 a 1983, só deu Galo em Minas. Além disso, no cenário nacional, o Atlético de Reinaldo era um dos poucos times que podiam enfrentar o Flamengo de Zico em igualdade de condições. Os dois rivais, aliás, serviram de base para a Seleção Brasileira que encantou o mundo em 1982. Mas o Galo já era uma verdadeira seleção: João Leite; Nelinho, Oliveira, Luisinho, Miranda; Heleno, Cerezo, Marcus Vinícius, Catatau, Reinaldo e Éder.

FESTA EM CASA ALHEIA O título nacional que o esquadrão de 77/83 não conseguiu já fora conquistado por um outro timaço do Galo — aquele que venceu o Botafogo em pleno Maracanã em 1971 e levou a Taça de Ouro (o Brasileirão da época) para Minas. O time era assim: Renato, Humberto Monteiro, Grapete, Vantuir, Oldair, Vanderlei, Humberto Ramos, Ronaldo, Lola (Spencer), Dario e Tião.

★★★★

tanto para criar seu Departamento de Futebol, o que só aconteceria em 1911. Mas o Flamengo, que nunca tinha sido campeão de remo, quando finalmente conseguiu a proeza já ostentava dois títulos no futebol.

O ano de 1911 foi o primeiro caracterizado pelo falso amadorismo. Foi marcado também por atitudes anti-desportivas que dificilmente teriam sido aceitas uns anos antes. O São Paulo Athletic, que conquistou naquele ano o seu quarto título paulista, jamais viu a cor da taça. O Palmeiras da Floresta, campeão do ano anterior, recusou-se a entregá-la. Em 1912 o São Paulo Athletic abandonou o futebol. No mesmo ano, nasceu um futuro papa-títulos, o Santos Futebol Clube, que, como se verá, veio à luz num clima de verdadeiro vale-tudo.

Competir, coisa nenhuma! O importante passara a ser ganhar. Ganhar no futebol significava prestígio político, ascensão social e aceitação racial. Foi essa mudança de atitude nada sutil que desencadeou um verdadeiro sururu na Liga Paulista de Futebol. O ano era 1913 e houve tanta briga que o Paulistano, na tentativa de fazer o futebol voltar a ser o esporte dos jovens delicados e finos, fundou a APEA, Associação Paulista de Esportes Atléticos. Carregou a maior parte dos filiados à LPF, mas não impediu que o fu-

FLAMENGO (1978 · 1983)

Do Maracanã para o mundo

RODOLPHO MACHADO

CAMPEÃO da Libertadores de 1981: em pé, Leandro, Raul, Mozer, Figueiredo, Andrade e Júnior; no ataque, Lico, Adílio, Nunes, Zico e Tita

Em cada posição, um craque. Esta foi a receita que levou o Flamengo a se tornar o maior time que o Brasil viu jogar na virada dos anos 70. O Brasil e o mundo. Foram quatro Campeonatos Cariocas (1978, 1979, o Especial de 1979 e 1981), três Brasileiros (1980/82 e 83), uma Libertadores da América (1981) e um Mundial Interclubes (1981). A construção do time começou pelas mãos do técnico Cláudio Coutinho. O Mengo contava com Zico, o maior craque brasileiro de então, o goleiraço Raul e o zagueiro Rondinelli. Nos anos seguintes surgiram Júnior, Leandro, Mozer, Adílio, das divisões inferiores. Mas o clube não descuidou das contratações. A mais frutífera foi a do centroavante Nunes, o artilheiro das decisões.

Das inúmeras batalhas vencidas pelos rubro-negros, duas marcaram: sobre o violento Cobreloa, do Chile, na decisão da Libertadores (2 a 0); e sobre o Liverpool (Inglaterra), 3 a 0 na decisão do Mundial Interclubes.

TRI DE ALEGRIA O esquadrão que deu o primeiro tricampeonato ao Flamengo (1942-1944) reunia o que de melhor o futebol brasileiro havia produzido até então. Na zaga, a técnica de Domingos Da Guia; no meio-campo imperava o jogador mais completo antes do surgimento de Pelé, Zizinho; e no ataque havia Leônidas da Silva. Durante os três anos de campanha, Leônidas e Domingos dariam lugar a Silvio Pirillo e Quirino. Mas nada que pudesse atrapalhar o tricampeonato. Confira o timaço: Jurandir; Domingos Da Guia (Quirino) e Nílton; Biguá, Bria e Jaime; Valido, Zizinho, Leônidas (Pirillo), Perácio e Vevé.

GRÊMIO (1983)

Os conquistadores do mundo

JURANDIR SILVEIRA

O TIME do maior título: Paulo Roberto, Mazarópi, Baidek, China, Casemiro e De León; mais Renato, Osvaldo, Tarciso, Paulo César e Mário Sérgio

O tricampeonato brasileiro do Internacional ainda estava entalado na garganta dos gremistas quando o time perdeu para o Flamengo, deixando escapar o título nacional de 1982. Mas o Grêmio fez dessa derrota o início da campanha mais vitoriosa que um time gaúcho realizou até hoje. Começou com a conquista heróica da Libertadores da América vencendo o Peñarol por 2 a 1 em Porto Alegre, depois de arrancar um empate em um gol na casa do adversário.

O time contava então com quatro ótimos jogadores saídos das divisões inferiores do próprio clube: Paulo Roberto, China, Renato Gaúcho e Baidek.

Mas para trazer o Mundial Interclubes era preciso jogadores mais experientes. Para isso chegaram Mário Sérgio e Paulo César Caju. Entretanto, quem brilhou como nunca naquela decisão contra o Hamburgo foi o ponta-direita Renato. No primeiro gol, driblou o zagueiro uma, duas, três vezes antes de mandar a bola entre a trave e o goleiro. O time alemão chegou ao empate, mas, na prorrogação, lá estava ele de novo. De pé esquerdo, Renato fuzilou o gol adversário e garantiu o maior título que o Grêmio já conquistou. Recebido em festa ao voltar de Tóquio, o time já encontrou afixada sobre a marquise do Estádio Olímpico a placa: "Grêmio campeão do mundo: nada pode ser maior" — provocação nada sutil aos colorados que não cansavam de lembrar a vantagem que levavam em títulos nacionais. Na decisão mundial, o time entrou em campo com Mazarópi; Paulo Roberto, Baidek, De León e Paulo César; China, Osvaldo e Paulo César Lima; Renato, Tarciso e Mário Sérgio.

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

tebol de São Paulo se embrenhasse por pelo menos quatro anos em confusões e anarquia.

ERA DIFÍCIL, para uma entidade elitizada, administrar os novos interesses que chegavam ao esporte. A popularidade do futebol crescia. Formavam-se clubes de operários, segundos times, times de várzea. Imigrantes pobres queriam fundar seus próprios clubes. Afinal, ninguém os avisara, na Europa, que futebol era coisa de grã-fino.

Foi assim que nasceram o Palestra Itália, em 1914, e a Portuguesa de Desportos, em 1920. Foi assim, também, que o garoto bem-nascido se viu disputando posição no mesmo time com o operário, o negro e o mulato.

Como era de esperar, essa abertura, mesmo desorganizada, melhorou muito a qualidade do futebol nacional. A prova disso é que naqueles anos conseguimos nossas primeiras vitórias internacionais. Em 1913, durante a primeira excursão de um time brasileiro ao exterior, o Americano de São Paulo venceu por 2 a 0 um combinado argentino, em Buenos Aires.

EM 1914 uma seleção de jogadores paulistas e cariocas venceu, também por 2 a 0, o time inglês do Exeter City, no Rio de Janeiro. No mesmo ano, o escrete brasileiro conseguiu sua primeira vitória no exterior: 1

SÃO PAULO (1992 · 1993)

Os reis de Tóquio

NICO ESTEVES

BICAMPEÃO mundial interclubes: Zetti, Dinho, Ronaldo, Cafu, Leonardo e Cerezo; mais Müller, Doriva, Válber, Palhinha e André

Os feitos do grande Santos de Pelé pareciam inatingíveis quando o técnico Telê Santana começou a montar o esquadrão tricolor que passaria à história do futebol brasileiro com uma trajetória quase tão gloriosa como a do time santista. Nos anos de 1992 e 1993, o São Paulo se firmaria como o maior time do mundo. A primeira campanha foi comandada pelo engenho de Raí. Havia ainda a eficiência do zagueiro Ronaldão, o toque mágico de Palhinha e a força de Cafu. Com essa base, o São Paulo chegou ao título da Libertadores (1 a 0 no tempo normal e 3 a 2 nos pênaltis, contra o Newell's Old Boys, da Argentina) e do Mundial Interclubes (2 a 1 sobre o Barcelona, da Espanha).

A hegemonia foi mantida no ano seguinte com a chegada de Leonardo para substituir Raí, que deixou o supertime depois da conquista do bi sul-americano. Nas Américas, aliás, o São Paulo deitou e rolou ganhando a Recopa Sul-Americana em cima do Cruzeiro e a Supercopa dos Campeões da Libertadores sobre o Flamengo. A decisão do Mundial foi outra batalha inesquecível, desta vez contra o poderoso Milan, da Itália: 3 a 2, São Paulo bicampeão do mundo. O time-base destas conquistas históricas foi o de 1992: Zetti; Vítor, Adílson, Ronaldo e Ronaldo Luís; Pintado, Toninho Cerezo e Raí; Cafu, Müller e Palhinha.

UNIVERSIDADE EM CAMPO Um grande time, nos anos 40, deu orgulho e cinco títulos paulistas ao São Paulo (1943, 1945, 1946, 1948 e 1949). A Universidade jogava com King; Piolin e Virgílio; Rui, Bauer e Noronha; Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeirinha.

PALMEIRAS (1993 · 1994)

Um time dos sonhos

NELSON COELHO

CAMPEÃO brasileiro de 1993: em pé, César Sampaio, Gil Baiano, Roberto Carlos, Sérgio e Antônio Carlos; mais Edmundo, Mazinho, Evair, Edílson e Zinho

A torcida do Palmeiras teve que esperar por dezesseis longos anos para voltar a comemorar um título. Mas valeu a pena. O alvi-verde não apenas se tornou bicampeão paulista (1993/94) e campeão brasileiro (1993), como também montou uma verdadeira seleção capaz de vôos mais altos. Tudo foi possível graças à associação vitoriosa com a multinacional Parmalat, que injetou dinheiro no departamento de futebol do clube e comprou o passe de vários selecionáveis. Em 1993, o time-base do Palmeiras jogou com: Sérgio; Cláudio, Antonio Carlos, Cléber e Roberto Carlos; César Sampaio, Mazinho, Rincón (Edílson) e Zinho; Edmundo e Evair.

ACADEMIA DOS ANOS 70 A melhor fase de toda a história do Palmeiras ocorreu na época em que o time era chamado de Academia de Futebol. No seu meio-campo, desfilava com maestria o clássico Ademir Da Guia, um gênio que ditava o ritmo cadenciado da equipe. Também havia o incansável desarmador Dudu, além de feras como o goleiro Leão, o zagueiro Luís Pereira e o fantástico cabeceador Leivinha. Isso sem esquecer o comando carismático exercido pelo técnico Oswaldo Brandão. Em três anos, este grupo conquistou dois Campeonatos Paulistas (1972 e 1974), e dois Brasileiros (1972 e 1973). Mas o esquadrão palmeirense não se contentava em exibir seu futebol apenas em gramados brasileiros. Ganhou o disputado Troféu Ramón de Carranza, na Espanha. A Academia jogava com Leão; Eurico, Luís Pereira, Alfredo e Zeca; Dudu e Ademir Da Guia; Edu, Leivinha, César e Nei.

★★★★

a 0 na Seleção Argentina. A partida nos dava a vitória na Copa Roca e foi marcada por uma ato de cavalheirismo dos argentinos, que assumiram ter marcado um gol de mão — falta que o juiz não viu. Não fosse isso, o jogo teria terminado empatado. Quem viu e quem vê!

Em 1914, o mundo também mergulhou na I Grande Guerra. Com a população das grandes cidades, na sua maioria, oriunda ou descendente de cidadãos dos países envolvidos, o Brasil assiste a uma espécie de guerra paralela. Grupos de imigrantes ingleses, italianos e alemães passam, desde o início do conflito, a recolher fundos entre seus patrícios para enviá-los aos seus países de origem. O Brasil manteve-se neutro até 27 de outubro de 1917, quando, depois de ter três navios postos a pique por vasos de guerra alemães, o país declarou guerra à Alemanha, em 27 de outubro de 1917. E até mandou para a Europa equipes médicas e marinheiros, estes com a missão de patrulhar as costas de Dacar e Gibraltar. A guerra, entretanto, terminou no dia de nossa chegada ao palco de operações.

Na Capital Federal, um assassinato modificaria a correlação das forças políticas vigente na época. No dia 8 de setembro de 1915, o gaúcho Francisco Manso da Silva

AS FERAS DA HISTÓRIA

No ataque, na armação, na defesa, no gol, estes jogadores encantaram as torcidas e fazem parte da seleção do mundo de suas épocas

FRIEDENREICH *El Tigre*

O primeiro monstro sagrado que o futebol brasileiro produziu era um mulato claro, de olhos verdes, filho de alemão com brasileira. Chamava-se Artur Friedenreich e, de acordo com as antigas estatísticas, teria feito mais gols que Pelé. Mais precisamente 1329 gols, o que dá a média de um gol por semana durante os seus 26 anos de carreira. Fried, como a torcida o chamava, jogou como centroavante, tinha um estilo fino, hábil e ofensivo. Seus chutes eram precisos e não deixava escapar as oportunidades de gol. Defendeu as equipes do Mackenzie, Ypiranga, Germânia, Paulistano (todos times extintos), São Paulo e Flamengo (apenas jogos de exibição). Mas foi vestindo a camisa do Brasil que conheceu os momentos mais gloriosos de sua vida. Estreou logo no primeiro jogo oficial da Seleção Brasileira, contra o Exeter City, da Inglaterra. O Brasil ganhou de dois a zero. Apesar de não marcar nenhum gol, Fried mostrou toda sua coragem contra os zagueiros ingleses: perdeu dois dentes numa disputa violenta. Coragem que, nas partidas contra Argentina e Uruguai, lhe valeu a alcunha de El Tigre. Seu maior feito, entretanto, foi ter marcado o gol que deu ao Brasil seu primeiro título, o do Campeonato Sul-Americano de 1919. Ao todo, El Tigre conquistou sete Campeonatos Paulistas, quatro Brasileiros, dois Sul-Americanos, dezessete torneios nacionais e internacionais, foi onze vezes artilheiro de Campeonatos Brasileiros, duas de Sul-Americanos, nove de Paulistas. A história registra que nunca perdeu um pênalti.

NECO *Um deus eterno*

O Brasil perdia por dois a zero para o Uruguai no mais acirrado jogo do Sul-Americano de 1919, no Estádio das Laranjeiras, Rio de Janeiro, quando o meia-esquerda Neco fez valer toda a sua raça. Marcou um gol no final do primeiro tempo e outro, de sempulo, a dois minutos do término da partida. O resultado obrigou a realização de um jogo desempate. E de novo Neco se fez presente. Construiu toda a jogada que culminou no gol de Friedenreich, gol da vitória e também do primeiro título da Seleção Brasileira. Manoel Nunes, o Neco, era assim: raçudo, driblador e eficiente nas conclusões. Ídolo do Corinthians, conquistou oito vezes o Campeonato Paulista, tornando-se duas vezes artilheiro (em 1914 com 12 gols e em 1920 com 24). Não jogava por dinheiro, mas por prazer e paixão. Por isso, passou toda sua carreira no Timão, recusando seguidas propostas do Fluminense. É o único jogador com busto no Parque São Jorge. Pela Seleção, disputou dezesseis jogos e marcou dez gols.

ROMEU *O homem-equipe*

Gordinho e meio careca, Romeu Pellicciari não tinha mesmo pinta de atleta. Foi, porém, um dos maiores craques dos gramados brasileiros. Jogador cerebral, dispunha de amplos recursos técnicos que usava exclusivamente em função do jogo de equipe. "O drible tem hora certa. Fora disso, é falsa malandragem", ensinava. Começou a atuar como centroavante trombador, mas sua técnica apurada logo o conduziu para a meia-direita. Apesar de ter enfrentado problemas com o excesso de peso durante toda a vida profissional, isso não atrapalhou sua carreira vitoriosa. Jogou no Palmeiras (então Palestra), onde conquistou o tricampeonato paulista de 1932/1933/1934, e no Fluminense, time no qual se sagrou tri e

NECO: ídolo do Corinthians, até hoje o único a receber um busto no Parque São Jorge

FRIEDENREICH: além de todas as façanhas, o gol do primeiro título da Seleção Brasileira

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

punha fim, com uma punhalada pelas costas, em pleno saguão de um dos maiores hotéis do Rio, à vida do senador Pinheiro Machado — e a seus 25 anos de manobras políticas ao longo de cinco governos da República.

JÁ O FUTEBOL ia bem, apesar das turbulências, também de ordem política: o sucesso dos brasileiros nas primeiras experiências internacionais despertara a disputa, entre Rio de Janeiro e São Paulo, pelo direito de representar o futebol brasileiro no exterior. Em 1915 os paulistas fundaram a Federação Brasileira de Futebol. Os cariocas responderam imediatamente, com a criação da Federação Brasileira de Esportes.

A briga fora dos campos só acabou em 1916. Sob a mediação do embaixador Lauro Müller, os dirigentes esportivos dos dois estados chegaram a um acordo que possibilitou a criação de uma única entidade, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD). No papel, ficou tudo bem, mas as querelas entre Rio e São Paulo tinham apenas começado.

Fosse como fosse, a criação da CBD clareou a situação internacional do futebol brasileiro, o que nos permitiu disputar, em 1916, um torneio oficial sul-americano promovido pela Argentina. A participação do escrete brasileiro foi boa, mas quem levou o título foi o Uruguai. Em 1917 a FIFA reco-

bicampeão carioca (1936 a 1938 e 1940,1941). Vaidoso, costumava usar uma touca para esconder a calvície precoce. Disputou a Copa de 1938, atraindo a atenção dos clubes estrangeiros. Apesar de ser filho de italianos, recusou várias propostas para se transferir para o futebol da Itália. Depois de abandonar os campos, montou uma cantina em São Paulo e não teve mais que se preocupar com a balança.

FEITIÇO *Artista do bico*

O recurso do bico na bola caracteriza o jogador grosso e limitado. Verdade do futebol que só não se aplica quando o jogador em questão é Luís Matoso, o Feitiço. Artilheiro nato, dono de um futebol valente, com dribles curtos e arrancadas irresistíveis, Feitiço aplicava com muita arte seus sem-pulos de bico. Além disso, desferia cabeçadas fulminantes. Com todo esse repertório conseguiu se tornar seis vezes artilheiro do Campeonato Paulista (1923/24/25/29/30/31) jogando pelo São Bento (time extinto da capital paulista) e Santos. Exibiu ainda seu talento no Peñarol do Uruguai, onde foi campeão e artilheiro em 1933, Vasco da Gama (campeão em 1936), Corinthians e Palmeiras (então Palestra). Entretanto, o episódio que mais o tornou famoso aconteceu vestindo a camisa da Seleção Paulista, em 1927. O presidente da República, Washington Luís, assistia a uma partida Rio x São Paulo quando houve uma confusão em campo. Da tribuna, o presidente mandou o jogo prosseguir. Feitiço respondeu que lá no campo quem mandava era ele. E puxou a fila dos paulistas para fora do gramado, para total desconcerto do supremo mandatário da nação. Jogou só quatro vezes pela Seleção, e marcou seis gols.

MARCOS DE MENDONÇA *Classe sob as traves*

Marcos Carneiro de Mendonça era um menino triste. Todos os amigos e irmãos corriam atrás da bola, menos ele. Proibição médica, pois Marcos tivera febre amarela, infecção nos pulmões e pequenos transtornos cardíacos. "Todo mundo me enchia de cuidados, impedindo-me de fazer grandes esforços. Mas, eu queria jogar futebol, e achei que no gol seria menos exigido", contou tempos depois. Nasceu assim o maior guarda-metas dos primórdios do futebol brasileiro. Com excelente sentido de colocação, ótima visão das jogadas e uma mistura precisa de arrojo e segurança, Marcos de Mendonça mudou a concepção de que jogar no gol era apenas para os pernas-de-pau. Também iniciou a tradição de goleiros-galãs. Elegante, arrebatava corações femininos, principalmente quando entrava em campo com uma fitinha roxa amarrando o calção. Marcos de Mendonça vestiu as camisas do Haddock Lobo (time extinto do Rio de Janeiro) e América, mas foi no Fluminense que atingiu a consagração com o tricampeonato carioca de 1917/18/19. Foi o primeiro goleiro da Seleção Brasileira e campeão nos Sul-Americanos de 1919 e 1922.

ROMEU: meia-direita, fez misérias no Palestra e no Fluminense, clubes em que colecionou títulos. Celebrizou uma frase sobre o drible

FEITIÇO: foi mais que um feroz artilheiro, em vários clubes, inclusive o Peñarol do Uruguai. Tanto que, em campo, deu uma lição num Presidente da República

MARCOS DE MENDONÇA: goleiro da primeira Seleção Brasileira. Venceu três doenças para se tornar ídolo e inaugurar uma era: a do jogador-galã

nheceria a CBD como única entidade representante do futebol brasileiro.

O ano de 1919 marcou a primeira manifestação importante da verdadeira comoção que as disputas da Seleção Brasileira causariam no futuro. O Brasil sediou, naquele ano, o Campeonato Sul-Americano, no Rio. Para a final, contra o Uruguai, acorreram torcedores de todo o território nacional, principalmente de Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul. O Brasil venceu, e pela primeira vez um presidente da República, Epitácio Pessoa, decretou ponto facultativo por causa de um jogo de futebol.

A GRANDE afluência de torcedores à histórica final revelou a importância que o futebol começava a assumir, e também a importância que a torcida representava para o esporte. As disputadas partidas entre as seleções estaduais, e os campeonatos regionais cada vez mais fortes, criavam massas de torcedores mais e mais exigentes, ansiosas pelas vitórias de seus times.

Os cartolas, por mais que tentassem, já não conseguiam barrar a ascensão de atletas por preconceitos de classe ou cor. O jogador que caía na afeição da torcida tinha de ser escalado, e ponto final.

Em São Paulo, onde a APEA, como já se sabe, tinha sido fundada justamente

FAUSTO *O Maravilha Negra*

Fausto dos Santos viveu uma das mais brilhantes e trágicas histórias do futebol brasileiro. Começou a carreira no Bangu, mas seu futebol logo chamou a atenção do Vasco da Gama, onde foi campeão em 1929. Fausto possuía um domínio de bola elegante, fazia passes precisos e exercia um comando incontestável, qualidades que o tornaram um dos maiores meio-campistas de todos os tempos. Tanto que, na Copa de 1930, ganhou a admiração internacional e passou a ser chamado de Maravilha Negra. Não tardou muito que partisse para o exterior em busca de remuneração justa, uma vez que o futebol brasileiro ainda era amador. Jogou, então, no Barcelona (Espanha), Young Fellows (Suíça) e Nacional (Uruguai). Na volta, já com o profissionalismo instalado no país, vestiu a camisa do Flamengo. Toda sua carreira, entretanto, foi marcada por constantes problemas de saúde e pela revolta contra o preconceito e a pobreza, mostrada em campo através de seguidas expulsões. Não disputou o Mundial de 1934 porque era profissional e o de 1938 por causa de uma gripe — na realidade, uma manifestação da tuberculose que o iria matar. Em busca de riqueza e reconhecimento, só encontrou pobreza e preconceito. Morreu em 1939, aos 34 anos.

TIM *O Peão*

Elba de Pádua Lima, o Tim, é considerado um dos maiores dribladores que o futebol brasileiro já produziu. O reconhecimento faz justiça apenas parcialmente ao grande jogador. Afinal, Tim era um craque completo. Meio-campista inteligente, comandava a estratégia da equipe, dava passes imprevisíveis e aparecia constantemente na área para marcar. Sua capacidade de ordenar a equipe em campo fez com que a imprensa argentina o chamasse de El Peón (O Peão), pois conduzia o time como "um peão conduz a manada". Começou na Portuguesa de Desportos, mas viveu sua fase mais gloriosa como capitão do Fluminense, conquistando quatro títulos cariocas (1937/38/40/41). Apesar de problemas com Ademar Pimenta, técnico da Seleção, participou da Copa do Mundo de 1938, mas não foi titular. Encerrou a carreira em 1950 na Colômbia, então o Eldorado do futebol sul-americano. Tornou-se em seguida técnico, posição que confirmou sua fama como um dos grandes estrategistas do futebol brasileiro.

DOMINGOS DA GUIA *O Divino Mestre*

Numa época em que beque bom era aquele que entrava duro e dava chutões para a frente, o zagueiro-central Domingos Antônio Da Guia marcava a bola, que geralmente matava no peito para, em seguida, driblar os atacantes adversários dentro da própria área e fazer um passe milimétrico em direção do meio-de-campo. Não é à toa que Domingos é considerado o maior zagueiro do futebol brasileiro de todos os tempos e que seu surgimento assinala o nascimento do defensor técnico. Domingos começou a jogar no Bangu. Depois defendeu o Nacional (campeão uruguaio em 1933), Vasco (campeão carioca em 1934), Boca Juniors (campeão argentino em 1935), Flamengo (campeão carioca em 1939, 1942 e 1943) e Corinthians. Vestiu a camisa da Seleção Brasileira trinta vezes.

FAUSTO: seu apelido diz tudo

TIM, acima: meio-campista cerebral e grande driblador, mais tarde se tornaria também um grande técnico. **DOMINGOS DA GUIA**, à direita: o maior zagueiro de todos os tempos

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

para preservar o amadorismo, os dirigentes arranjavam empregos fictícios para poder remunerar seus atletas "amadores". Mais do que isso, eram comuns as gratificações por vitórias, os prêmios em dinheiro, etc.

POR TRÁS desse amadorismo marrom estavam, justamente, as exigências das torcidas. O Palestra Itália, campeão de 1917, e o Corinthians, times formados por gente menos influente que os sócios do Paulistano, compunham com ele o chamado "trio de ferro" do futebol paulista. Os três ganhavam tudo, mas os times do Corinthians e do Palestra não eram exatamente compostos por estudantes ou jovens bem-sucedidos.

A reação àquela abertura imposta pelo próprio desenvolvimento do esporte não tardou a chegar. Em 1921, o presidente Epitácio Pessoa pediu que não fossem convocados jogadores negros e mulatos para o Campeonato Sul-Americano de 1922. A alegação era um primor de cinismo: era preciso atenuar os conflitos sociais, e ser chamados de "macaquitos" pelos argentinos e uruguaios seria ofensivo até para a raça negra. Mas o país já não aceitava esse tipo de atitudes da mesma forma passiva com que o fazia anos antes. A inteligência brasileira já se formava nas universidades da Inglaterra, da França e da Alemanha sem perder a referência de sua

Foi considerado o melhor zagueiro da Copa de 1938. Vindo de uma família de jogadores, Domingos fez questão que seu filho seguisse a tradição. É pai de Ademir Da Guia.

LEÔNIDAS DA SILVA *O Diamante Negro*

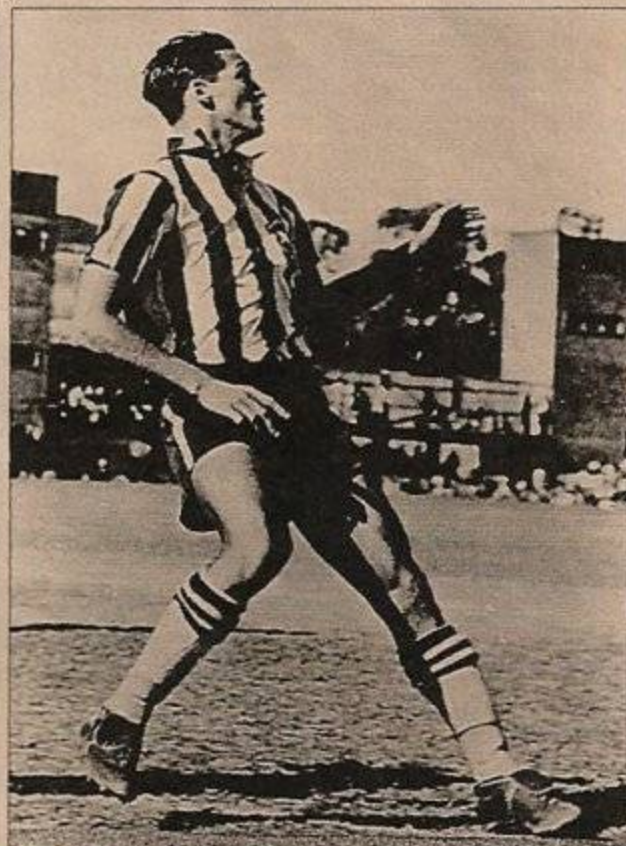
Tão elástico que recebeu o apelido de Homem Borracha, tão raro que passou a ser conhecido como Diamante Negro. Naqueles anos 30 e 40, ninguém era tão famoso como Leônidas da Silva, o maior centroavante de todos os tempos. Leônidas reuniu as principais virtudes que fariam a fama do futebol nacional: o drible de corpo, a ginga com a bola, o deslocamento rápido, a invenção. Apesar de considerado o pai da bicicleta, Leônidas sempre fez questão de dar o crédito de inventor a Petronilho de Brito. Em sua carreira vitoriosa, conquistou campeonatos cariocas pelo Vasco (1934), Botafogo (1935) e Flamengo (1939). No início da década de 40, estava brigado com o Fla e desacreditado no Rio de Janeiro. Sorte dos paulistas, principalmente do time do São Paulo, clube no qual ganhou os campeonatos de 1943, 1945, 1946, 1948 e 1949. Estreou na Seleção Brasileira em 1932 numa partida histórica em que o Brasil ganhou do Uruguai, em pleno Estádio Centenário, com dois gols de sua autoria. Jogou ainda a Copa de 1934. Mas o sucesso absoluto veio no Mundial de 1938, quando se tornou o artilheiro da competição com sete gols em quatro jogos. O Diamante brilhou para o mundo.

HELENO DE FREITAS *Gênio temperamental*

O mais clássico, técnico e elegante centroavante que pisou nos gramados brasileiros chamava-se Heleno de Freitas. Filho de família rica, formou-se em Direito mas nunca exerceu o bacharelado. Muito provavelmente porque a magia do futebol já o havia conquistado. Entrou na história do Botafogo como um dos maiores goleadores (172 gols), embora seu único título tenha sido conquistado no Vasco, em 1949. Vestiu a camisa da Seleção Brasileira dezoito vezes, assinalando quinze gols. Marcou época também por seu temperamento irascível. Perfeccionista, não admitia erros pessoais ou alheios, gritando com os companheiros, brigando com a torcida, afrontando os árbitros. Isto lhe valeu uma incrível série de expulsões. Nem por isso deixava de marcar seus "gols de raiva". O que não se sabia na época era que por trás do comportamento temperamental existia a sífilis, minando o sistema nervoso do craque. A sífilis acabou por tirar-lhe a razão. Morreu num sanatório, aos 39 anos.

ZIZINHO *O mestre*

Os torcedores que compareceram ao treino do Flamengo naquela tarde de 1939 estavam preocupados com Leônidas, que saiu de campo mancando. Nem haviam notado que em seu lugar entrou um rapaz magricela. Mas bastou que Thomaz Soares da Silva pegasse na bola para todos os olhos se voltarem para ele. Zizinho, era assim que o chamavam, driblou quatro, marcou um gol. Minutos depois, marcou outro. "Era tudo ou nada. Se pegasse a bola tinha que sair driblando sem parar senão o técnico nem ia me notar", recorda. Considerado o jogador mais completo antes do surgimento de Pelé, Zizinho possuía uma técnica refinada, rica em dribles curtos, chutes venenosos e passes medidos. Chamado de Mestre Ziza, jogou no Bangu, Flamengo (tricampeão em 1942/43/44), São Paulo (campeão em 1957). Na Seleção foi titular absoluto durante toda a década de 40 e escolhido o melhor jogador da Copa de 1950. Cabe a ele a honra de ter sido o primeiro jogador de futebol que mereceu o tratamento de gênio. Como dizia o cro-

LEONIDAS: bicicleta e gols na carreira do maior de todos os centroavantes

HELENO: a perfeição

★★★★

origem. E o esclarecimento, como se sabe, é o antídoto para os preconceitos.

E era assim que, longe dos gramados, evoluía-se para uma civilização tipicamente brasileira. Pensava-se tropicalmente. O pensamento era mulato, como o povo do país. Em São Paulo, o mais importante grupo de artistas plásticos, escritores, jornalistas, músicos e poetas já reunido no país promovera, em 1922, a Semana de Arte Moderna. Di Cavalcanti, Anita Malfati, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Heitor Villa-Lobos, Guiomar Novaes, Menotti del Picchia e mais meia centena de vanguardistas provocaram, em uns poucos dias, o rompimento total com as regras importadas que, a seu ver, engessavam as artes e o pensamento nacionais.

Libertário, o movimento modernista haveria de empolgar o país para além do elitizado ambiente das artes. E influiria até sobre o futebol.

AINDA EM 1922, realizou-se o primeiro torneio de seleções estaduais não restrito aos times do Rio e de São Paulo. A idéia era avaliar o desempenho dos melhores jogadores do país para formar o selecionado que disputaria o Sul-Americano, naquele ano sediado pelo Rio de Janeiro.

Os paulistas venceram, mas a CBD qua-

nista Nelson Rodrigues: "Não há bola no mundo que seja indiferente a Zizinho".

ADEMIR DE MENEZES *Arrasador de defesas*

Ademir Marques de Menezes combinava o brilho do craque e o faro dos artilheiros. Centroavante inteligente, observava e explorava as deficiências dos zagueiros adversários como poucos, para concluir com chutes fortes e precisos dados com os dois pés. Ademir também ficou famoso por suas arrancadas fulminantes que costumavam resultar em gols. Conquistou cinco vezes o Campeontato Carioca jogando pelo Vasco (1945/49/50/52) e pelo Fluminense (1946), tornando-se artilheiro estadual em 1949 com trinta gols e em 1950 com 23. Ademir representava um perigo tão grande para os adversários que muitos técnicos passaram a reforçar a defesa com mais um jogador, o quarto zagueiro do 4-2-4. Na Seleção Brasileira, marcou 35 gols em 41 partidas e tornou-se artilheiro máximo da Copa de 1950 com nove tentos.

JAIR DA ROSA PINTO *Canhoto brilhante*

As pernas muitos finas e o corpo muito magro de Jair escondiam uma canhota poderosíssima e um craque incansável que por 26 anos encantou a torcida brasileira. Mas Jajá-da-Barra-Mansa, como era tratado nos jornais, não limitava seu futebol aos chutes terríveis. Jair era um armador espetacular, organizador de jogadas e exato nos passes que fizeram a festa de muitos artilheiros (caso do garoto Pelé, que Jair encontrou no Santos). Jogava mais com a cabeça do que com o coração, fato que muitas vezes era confundido com falta de fibra. Mas Jair soube desmentir a calúnia em campo, honrando a camisa de vários clubes: Vasco (campeão carioca em 1945), Flamengo, Palmeiras (campeão paulista em 1950), Santos (campeão paulista em 1956/58/60), São Paulo e Ponte Preta. Pela Seleção Brasileira, foi vice-campeão mundial em 1950, jogou 41 partidas e marcou 24 gols.

NÍLTON SANTOS *Enciclopédia do Futebol*

O Brasil ganhava de um a zero da Áustria na partida de estréia da Copa de 1958, quando Nílton Santos avançou pela esquerda para desespero do técnico Vicente Feola. Próximo da grande área, tocou para um espantado Mazzola. Teve que gritar um palavrão para que o atacante lhe devolvesse a bola e, assim, pudesse anotar o gol. Um gol histórico que marcou o nascimento do futebol moderno, já que, naquele tempo, um lateral jamais ultrapassava o meio-de-campo, e muito menos atacava. Nílton dos Santos, na verdade, gostava mesmo era de jogar para a frente, pois tinha técnica e sabia driblar. A contragosto, acabou na defesa. Mas foi da linha de trás que Nílton Santos se tornou o maior lateral-esquerdo do futebol brasileiro e conquistou o bicampeonato mundial em 1958 e 1962. Além da Seleção, Nílton só vestiu a camisa do Botafogo, clube pelo qual conquistou catorze títulos, entre os quais os Campeonatos Cariocas de 1948/57/61/62. Conhecia todos os segredos do jogo, o que lhe valeu ser chamado de Enciclopédia do Futebol.

ZIZINHO: à esquerda: o primeiro jogador brasileiro a ser chamado de gênio. **ADEMIR DE MENEZES**, acima: foi o artilheiro da Copa de 50. **JAIR DA ROSA PINTO**, à direita: dono do campo na armação, nos passes e uma bomba na perna esquerda, não admitia derrota

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

se não consegue convocar os atletas de São Paulo. Às turras com a entidade nacional, a APEA não queria ceder seus jogadores. Foi necessária a intervenção do governador do Estado, Altino Arantes, e do ministro das Relações Exteriores, Domício da Gama, para conseguir a participação dos paulistas.

O Brasil acabou conquistando o Campeonato, mas com a contribuição bem antidesportiva de um juiz nacional, que prejudicou irremediavelmente o Uruguai. Os uruguaios se retiraram indignados da competição, deixando a disputa entre Brasil e Paraguai. Os brasileiros não tiveram dificuldade para vencer os paraguaios por 3 a 0 e encaçapar o título.

São Paulo continuava em guerra com a CBD. O Campeonato de Seleções de 1922 não foi oficializado pela confederação. Conseqüentemente, não havia título. Para não deixar dúvidas, a CBD anunciou para 1923 o Primeiro Campeonato Brasileiro de Seleções — de natureza oficial. De nada adiantaram os apelos da APEA para a oficialização do título paulista do ano anterior, mas São Paulo venceu também em 23 e confirmou, embora tenha tido de ganhar duas para levar uma, o título de primeiro campeão brasileiro de seleções estaduais.

A superioridade técnica de São Paulo era

DJALMA SANTOS *Espetáculo em campo*

Espetacular, colossal, exuberante, perfeito. Não faltaram adjetivos para glorificar Djalma Santos, o maior lateral-direito do Brasil e de toda a história do futebol mundial. Dono de uma técnica primorosa e de um físico de ferro, Djalma transformava as cobranças de laterais em verdadeiros cruzamentos, lançando a bola com as mãos até a área adversária. Mas era com a bola nos pés que seu futebol deslumbrava. Totalizou, entre 1952 e 1968, cem partidas **oficiais** pela Seleção Brasileira, recorde absoluto. Participou das Copas de 1954, quando foi eleito o melhor zagueiro direito; 1958, tornando-se campeão do mundo; 1962, bicampeão; e 1966. Defendeu as equipes da Portuguesa, Palmeiras (campeão paulista em 1959/63/66) e Atlético Paranaense (campeão em 1970). O físico privilegiado nunca significou jogo duro. Djalma se orgulha de nunca ter sido expulso de campo. Motivo de orgulho também foi ter sido o único brasileiro convocado para integrar a seleção da Fifa, em 1963, para disputar uma partida contra a Inglaterra em comemoração aos 100 anos do futebol.

JULINHO *Fibra de campeão*

A maior vaia já registrada na história do futebol brasileiro também marca a maior exibição de fibra de um jogador. Tudo aconteceu em 1959, na primeira aparição da Seleção Brasileira no Maracanã, depois da Copa da Suécia. O jogo era contra a Inglaterra e os torcedores cariocas queriam ver todos os campeões mundiais em ação, principalmente Garrincha. Só que o técnico escalou Júlio Botelho, o Julinho, na ponta-direita. Ao entrar em campo, Julinho recebeu os apupos de 160 mil "inimigos". Outro jogador teria sucumbido, Julinho não. Ele tinha fibra. "Vão engolir essa vaia", prometeu para o amigo Djalma Santos. A primeira bola, Julinho meteu no meio das pernas do inglês. Com seis minutos de jogo já tinha entortado a defesa adversária e marcado um gol. As vaias transformaram-se em aplausos. O episódio coroou a carreira do maior ponta-direita do futebol brasileiro depois de Garrincha. Veloz, driblador fantástico e chutador fabuloso, Julinho iniciou a carreira no Juventus, passando pela Portuguesa e Palmeiras, clube pelo qual conquistou a Taça Brasil (1960) e dois Campeonatos Paulistas (1959 e 1963). Jogou ainda pela Fiorentina, da Itália, onde se tornou ídolo e campeão na temporada 1955/56. Defendeu a Seleção na Copa de 1954, sendo considerado o melhor jogador brasileiro e o melhor ponta-direita da competição.

GILMAR *O goleiro número um*

"Gilmar dos Santos Neves é o maior goleiro do mundo". A afirmação soaria como mais uma patriotada não tivesse sido feita pelo soviético Lev Iashin, tido como o maior guarda-metas de todos os tempos. Gilmar, de fato, encabeça qualquer lista dos melhores jogadores que o futebol brasileiro já teve. Nosso goleiro Número Um soube como nenhum outro trabalhar as cinco qualidades que ele próprio considera fundamentais para o bom guarda-metas: calma, coragem, boa estatura, reflexos rápidos e segurança. Gilmar impressionava também por sua capacidade de

NÍLTON SANTOS: um dos pais do novo futebol

DJALMA SANTOS: o único brasileiro a ser chamado para a seleção da FIFA, em 1963

JULINHO: o maior ponta-direita, depois de Garrincha

indiscutível. Mas admitir isso, para a CBD, equivaleria a atestar a agonia do velho amadorismo. Então, uma verdadeira revolução aconteceu.

RECÉM-ELEVADO à primeira divisão carioca, o Vasco da Gama, com um time todo formado por jogadores pobres, muitos deles negros e mulatos, arrebatou o Campeonato Carioca de 1923. Era um atrevimento! Para conter a ousadia, foi criada, em 1924, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), sem a presença do Vasco e do São Cristóvão.

Mas já estava escrito: futebol, no Rio, sem o Vasco, equivalia à tentativa de fazer democracia sem povo. E o povo vascaíno falava mais alto. A nova liga logo descobriu como doía a saudade do dinheiro que a enorme colônia lusitana canalizava para os jogos do Vasco. Em 1926 o clube da Cruz de Malta estava de volta às competições oficiais.

A AMEA ainda tentou resistir e atrapalhar a ascensão dos clubes que substituíam o amadorismo familiar pela prática de arrumar empregos para justificar o pagamento dos atletas. Chegou ao ponto de criar um formulário que os jogadores tinham de preencher antes das partidas, para evitar que os analfabetos entrassem em campo. O Vasco, então, mandou boa parte de seu elenco para a esco-

manter-se igualmente tranqüilo tanto numa defesa milagrosa quanto num frango pavoroso. Seu rol de títulos é dos mais extensos: oito Campeonatos Paulistas pelo Corinthians (1951/52/54) e Santos (1962/64/65/67/68), seis torneios Rio-São Paulo, bicampeão da Libertadores e Mundial pelo Santos. Defendeu a Seleção em 103 partidas e foi o goleiro do bicampeonato mundial (1958/62).

ZITO *O dono do meio-campo*

José Eli de Miranda, o Zito, dominava a bola, olhava para a direita e passava para a esquerda. Desacostumado com isso, o garoto Pelé perdia o lance. "Crioulo burro! A cabeça é para um lado, a bola para outro", bronqueava Zito com o novato. O maior volante que já surgiu no futebol brasileiro era assim: personalidade forte e liderança incontestável. Por isso era conhecido pelos companheiros como o Gerente. Mandava em todos, organizava o meio-de-campo, corria por todo o gramado. Assim, comandou as vitórias do time do Santos em dez Campeonatos Paulistas, cinco Brasileiros, dois Sul-Americanos e dois Mundiais. Na Seleção Brasileira, formou com Didi o mais harmonioso meio-campo que já vestiu a camisa amarela, conquistando as Copas de 58 e 62.

DIDI *O Príncipe Etíope*

O principal artífice da conquista da primeira Copa do Mundo pelo Brasil não foi o rei Pelé nem o gênio Garrincha. Todo o mérito cabe a Valdir Pereira, o Didi. Primeiro, porque foi o autor do gol que deu ao Brasil a classificação para o Mundial, num nervoso um a zero sobre o Peru, em 1957. Depois, porque assumiu o comando da equipe dentro e fora de campo na Suécia. É o responsável, junto com Zito e Nílton Santos, pela pressão sobre a comissão técnica que culminou com as escalações de Pelé e Garrincha. Mas foi nos gramados que mostrou todo o seu engenho e arte, sendo eleito o melhor jogador da Copa de 1958. Armador clássico, Didi encantava com seu futebol técnico e criativo, seus dribles dissimulados, lançamentos precisos e chutes infernais. Defendeu o Fluminense (campeão carioca em 1951), Botafogo (campeão em 1957/61/62) e Real Madrid, onde protagonizou uma célebre desavença com o jogador Di Stefano. Ainda pela Seleção, tornou-se bicampeão mundial em 1962. Por causa de sua elegância natural, o corpo ereto, cabeça alta, passadas muito largas, era chamado de Príncipe Etíope.

CARLOS ALBERTO *O grande capitão*

A eficiência de Djalma Santos e o comando de Zito. Assim pode ser definido o futebol de Carlos Alberto Torres, o maior jogador que já usou a braçadeira de capitão na Seleção Brasileira. Todas as suas qualidades puderam ser confirmadas na única Copa que disputou, a do México. No duríssimo jogo contra a Inglaterra, Carlos Alberto abandonou a posição só para dar uma entrada forte no ponta inglês Francis Lee, que tentava catimbar a partida. Depois do lance, Lee sumiu do jogo. Episódios como esse fizeram com que

GILMAR: bicampeão mundial, melhor goleiro que o Brasil já viu

ALBERTO FERREIRA

ZITO: o maior de todos os nossos volantes

ALBERTO FERREIRA

DIDI: nobreza com a bola nos pés, arte na cobrança de faltas

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

la. Não dando para passar, o jeito é tentar o drible. E aquele, foi um drible de classe!

A São Paulo de 1924 era uma cidade ordeira, mas uma onda de roubos a ricas residências das avenidas mais chiques — Brigadeiro Luís Antônio, Paulista, Angélica — deixa a polícia desnorteada. O criminoso entra nas casas, por mais fortificadas que sejam, depena-as e some como um mágico. Os crimes são desvendados por pura coincidência: uma briga de vizinhos procova a denúncia de que um tal "senhor Gino" manteria em casa um baú com uma verdadeira fortuna em jóias. A polícia vai até a casa do denunciado que, ao perceber do que se trata, salta o muro dos fundos e, como um gato, foge pelos telhados. Foi necessária a intervenção do Corpo de Bombeiros, da Força Pública e da Guarda-Civil para, ao fim de quase 24 horas de fuga, conseguirem prender, num telhado da rua dos Gusmões, o italiano Amleto Gino Meneghetti, natural de Pisa. Acusam-no da morte de um comissário de polícia, assassinato que ele nega dizendo que o comissário fora alvejado com um revólver calibre 38, e o seu era um 32. Meneghetti será, mais tarde, condenado a 43 anos de prisão, e transformado pela imprensa num ladrão romântico e anarquista. Uma de suas surpreendentes afirmações: "Os ladrões

fosse chamado de o Grande Capitão. Carlos Alberto também foi o autor do último gol da campanha brasileira, fechando os quatro a um contra a Itália na final. Conquistou também os campeonatos Carioca (1964 e 76) pelo Fluminense, Paulista (1965/67/68/69 e 73) pelo Santos e Norte-Americano (1977) pelo Cosmos.

GÉRSON *O Canhotinha de Ouro*

O maior lançador da história do futebol brasileiro era capaz de colocar a bola mansamente no peito dos atacantes chutando a uma distância de quarenta metros. Inacreditável? Basta conferir nos teipes dos jogos da Copa de 70 para ver Gérson de Oliveira Nunes realizar, várias vezes, lançamentos perfeitos. Entretanto, o que os teipes não revelam é a capacidade do Canhotinha de Ouro em coordenar as ações táticas do time. Soberbo estrategista, orientava a distribuição dos companheiros em campo, muitas vezes à revelia do técnico. Também era conhecido por revidar jogo violento com pernas quebradas como aconteceu num jogo contra o Peru, em 1969. O zagueiro peruano De La Torre já tinha lhe dado uma cotovelada, quando Gérson dividiu duro e fraturou a perna do adversário. Marcou presença ainda pela incrível gana de ganhar. Começou no Flamengo (campeão carioca em 1963), mas viveu sua fase mais gloriosa no Botafogo, onde se sagrou campeão da Taça Brasil (1968) e bi carioca (1966/67). Teve ainda passagem vitoriosa pelo São Paulo, conquistando o bicampeonato paulista (1970/1971). Despediu-se dos gramados sem deixar herdeiros.

TOSTÃO *Inteligência no ataque*

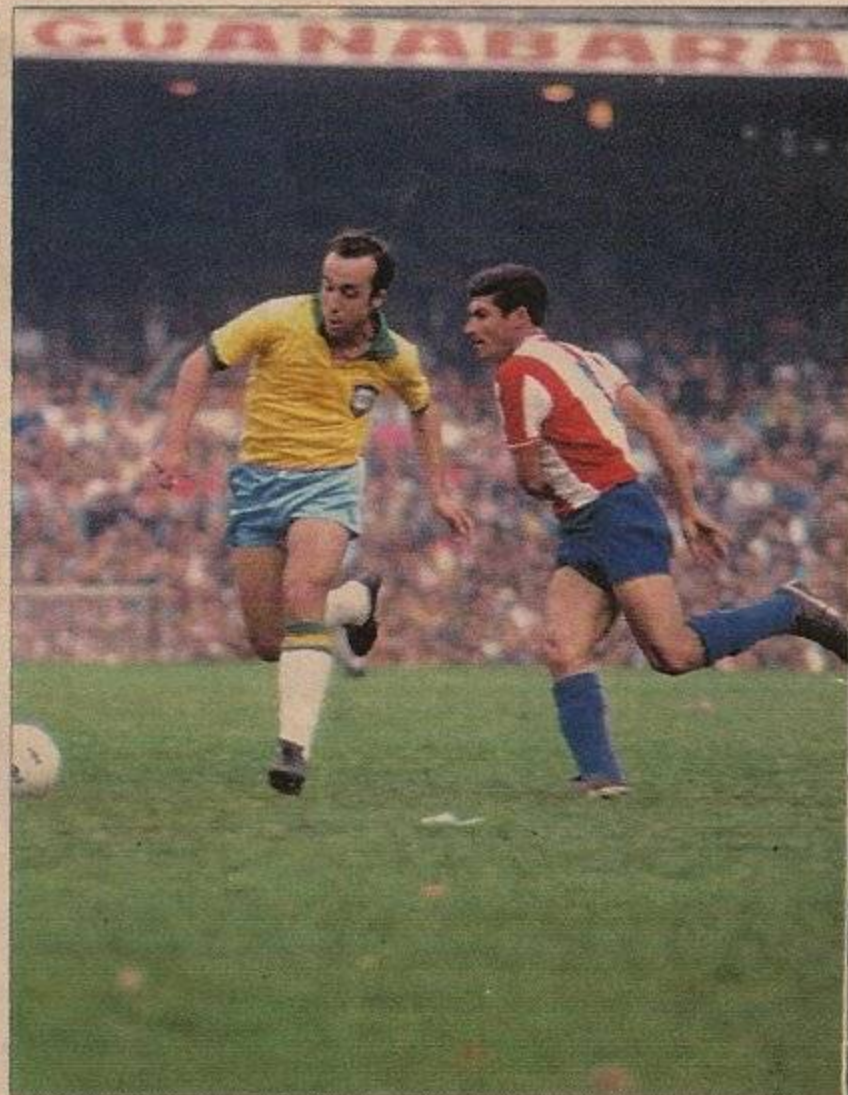
Lutar contra as adversidades parece ter sido o destino de Tostão. Quando o placar não favorecia o Cruzeiro, lá surgia todo seu talento para comandar a reação através de gols marcados com a assinatura de gênio. Tostão só não pôde combater um adversário: o descolamento de retina provocado por uma bola rebatida pelo tosco zagueiro Ditão, num jogo contra o Corinthians. Apesar do problema, o craque brilhou nas eliminatórias para a Copa de 1970, tornando-se o artilheiro com dez gols. No México, deixou sua marca de gênio, marcando gols e construindo jogadas antológicas, como aquela em que driblou meia defesa da Inglaterra e virou o jogo para Pelé. Defendendo o Cruzeiro, conquistou suas maiores glórias tornando-se, com 240 gols, o maior artilheiro da história do clube. Conquistou ainda o pentacampeonato mineiro (1965/69) e a Taça Brasil (1966). Abandonou a carreira em 1972, jogando pelo Vasco, por causa da ameaça de perder a visão em conseqüência do descolamento de retina. Formou-se em Medicina.

RIVELINO *Patada Atômica*

"Vim ver Pelé, mas acabei vendo Rivelino", disse Beckenbauer, depois de ver o meia-esquerda driblar três e meter a bola por baixo das suas pernas numa jogada impressionante, o "elástico". Rivelino ainda marcou um gol em Iashin naquele jogo Brasil 2 x Seleção da Fifa 1, no Maracanã, em 1968.

LUIS PAULO MACHADO

CARLOS ALBERTO: capitão da seleção no título de 70 e lateral perfeito

GÉRSON: lançamentos geniais, craque completo

TOSTÃO: mente privilegiada, finura em campo

★★★★

são mais honestos do que os comerciantes".

UMA ÚLTIMA investida contra a inevitável profissionalização do futebol foi tentada em São Paulo. Com a liderança do Paulistano, foi criada, em 1925, a Liga de Amadores do Futebol (LAF). A única coisa que a nova associação conseguiu foi instalar um novo período de anarquia no esporte paulista. Além de atrair clubes em franco processo de profissionalização, que, portanto, negavam a própria finalidade e até o nome da Liga, a LAF criou nos jogadores o hábito de trocarem periodicamente de associação em busca de melhores ganhos.

Mas no ano de 1925 ainda caberia o último grande feito do amadorismo. O Paulistano empreende uma excursão vitoriosa pela Europa, vencendo inclusive a Seleção da França de goleada: 7 a 2. Foi a mais significativa abertura do mercado europeu para os times brasileiros.

Em 1930 o Brasil participa da primeira Copa do Mundo, no Uruguai. Estréia fraca, pois perdemos o primeiro jogo para a Iugoslávia (1 a 2) e ao vencer a Bolívia por 4 a 0, no segundo, já estávamos desclassificados.

ÀQUELA altura o Brasil já era reconhecido no exterior, o que ocasionou, a partir de 1931, uma verdadeira debandada de craques, seduzidos pelas ofertas do profissionalismo

O futebol de Roberto Rivelino realmente era de impressionar. Tanto que os mexicanos, na Copa de 1970, o chamaram de Patada Atômica por causa de seus chutes violentos e venenosos. Mas Rivelino não dependia apenas do chute, que usava como poucos para bater faltas precisas e fazer lançamentos perfeitos. Driblava curto e com rapidez estonteante. Sua condição de craque, entretanto, não conseguiu trazer um título para o Corinthians, clube que o revelou. Depois de perder uma decisão para o Palmeiras, em 1974, foi crucificado pela torcida e pelo dirigente Vicente Matheus. Vendido ao Fluminense, comandou a máquina tricolor na conquista dos campeonatos cariocas de 1975/76. É o recordista de participações na Seleção Brasileira, com 121 partidas.

ADEMIR DA GUIA *O Divino*

Ademir Da Guia não herdou do pai, Domingos, apenas o apelido de Divino. Herdou também o futebol maravilhoso com o qual encantou a torcida e ditou a cadência do esquadrão do Palmeiras no início da década de 70. Estilo clássico, eficiência impressionante nos passes, Ademir era um polivalente. Podia jogar atrás dos zagueiros em uma partida para em outra partir para a frente e marcar gols. Como o pai, começou no Bangu mas logo se transferiu para um grande clube. No Palmeiras, sagrou-se campeão paulista em 1963, 66, 72, 74 e 76, e brasileiro em 1972 e 73. Apesar de ser considerado um fora-de-série, jogou apenas 45 minutos de Copa do Mundo, em 1974, sob as ordens do técnico Zagalo.

ZICO *O Rei do Rio*

Cobrava faltas com maestria, fazia lançamentos com precisão, possuía visão de jogo incomum, tinha o faro de gol dos matadores. Arthur Antunes Coimbra, o Zico, esbanjava as qualidades que o transformaram no maior craque brasileiro depois que Pelé se despediu dos gramados. Mas sua trajetória teve de ser construída com extremo sacrifício. Primeiro, nos exaustivos exercícios que teve que fazer durante toda a adolescência. Depois, nos longos treinamentos em que aperfeiçoava chutes a gol. Embora não tenha conquistado nenhuma Copa do Mundo, Zico pode se orgulhar de ter-se sagrado cinco vezes campeão carioca (1974, 78, 79, 81 e 86), tetra brasileiro (1980, 82, 83 e 87), uma vez sul-americano e outra mundial (1981). Em 1047 partidas pelo Flamengo, Udinese e Brasil, marcou 729 gols, tornando-se cinco vezes artilheiro estadual, vice-artilheiro na Itália, além de maior goleador da história do Flamengo, do Rio de Janeiro e do Maracanã. Na Seleção, anotou 67 tentos, só ficando atrás de Pelé.

FALCÃO *O Rei de Roma*

Poucos jogadores reuniram tanta elegância e domínio do meio-campo como Paulo Roberto Falcão, o maior craque da história do Internacional e um dos maiores do futebol brasileiro. Sua técnica brilhante e seu jogo cerebral foram os principais responsáveis pelos três títulos brasileiros obtidos pelo Internacional (1975, 76 e 79). Também se credita a ele o Campeonato Italiano vencido pela Roma na temporada 1982/83, depois de um

LEMYR MARTINS

RIVELINO: dribles inigualáveis, chute diabólico, foi o craque que mais vezes vestiu a camisa da Seleção

ZICO: nascido para jogar bola, foi o mais querido e, depois de Pelé, o mais respeitado

ADEMIR DA GUIA: sabia tratar a bola como ninguém e fez do gramado uma passarela. Filho de Domingos, berço de craque

JOSÉ PINTO

FALCÃO: técnica, inteligência e personalidade. O "Rei de Roma"

J.B. SCALCO

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

de fato.

Reconhecendo o óbvio, o Rio de Janeiro criou, em 1933, a Liga Carioca de Futebol. Estava instituído, oficialmente, profissioalismo.

De 1930 a 1935, a Lapa, com suas vielas tortuosas e estreitas, bem perto do Centro do Rio de Janeiro, tornou-se o cenário de uma das mais brilhantes gerações de músicos, artistas e literatos que o Brasil já produziu. O samba de Noel Rosa era batucado e cantado em cada cabaré. Heitor Villa-Lobos, nosso maior músico erudito, o pintor Cândido Portinari, o escritor Jorge Amado e o paulista Mário de Andrade freqüentavam a noite mais alegre e democrática do país. Pixinguinha regravara, para o selo Victor, seu magnífico "Carinhoso", que os rádios da Lapa boêmia tocavam sem parar.

O futebol produzia seus primeiros ídolos. Domingos Da Guia desmoralizava atacantes com cortes e dribles tão finos que deixavam o adversário chutando vento. Fausto, Feitiço e Romeu faziam do futebol uma verdadeira festa. Mas os tempos reclamavam mais do que isso: as torcidas queriam um herói. E ele apareceu, fulgurante, com o futebol-explosão de Leônidas da Silva.

NO PRINCÍPIO, ele era jogador do Bonsucesso, mas o clube era pequeno para a

jejum de 41 anos. A façanha lhe valeu a coroação de Rei de Roma. Por miopia dos técnicos, só explodiu na Seleção Brasileira em 1982, quando foi considerado o segundo melhor jogador da Copa, atrás de Paolo Rossi. Vestiu ainda a camisa do São Paulo, onde se tornou campeão paulista em 1985.

SÓCRATES *O calcanhar mágico*

Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira tinha todos os defeitos para não vingar no futebol: fumava, bebia cerveja, treinava pouco, não suportava concentrações, tinha o pé pequeno (41) em relação à altura (1,91 m) e ainda por cima se dedicava ao puxado curso de Medicina. No entanto, tinha também as qualidades que forjavam os grandes craques. Frieza dentro da área, passes e toques perfeitos, excelente visão de jogo e vocação para marcar gols. Tanta categoria de um médico só poderia render o apelido de Doutor. Para compensar a lentidão ao se virar, Sócrates se valia do toque de calcanhar com uma eficiência nunca alcançada no futebol mundial. "Ele joga melhor de costas do que a maioria de frente", chegou a declarar Pelé. Inteligente e engajado, o Doutor articulou o movimento que passou à história como Democracia Corinthiana, conquistando o Paulistão em 1979, 82 e 83. Foi capitão da Seleção.

REINALDO *Rei, Rei, Reinaldo*

Pergunte a um torcedor do Atlético Mineiro quem foi melhor: Pelé ou Reinaldo? A resposta é óbvia, mas o atleticano pensará antes de responder. O que seria heresia encontra uma explicação perdoável ao se levar em conta toda a categoria do maior centroavante que Minas Gerais já teve. Extremamente técnico e habilidoso, abria o caminho de gol com dribles curtos e desconcertantes. Tornou-se assim artilheiro máximo do Galo com 288 gols e da história do Campeonato Brasileiro, com 28 gols em 1977. Tamanho talento para a artilharia, entretanto, esbarrou numa série de problemas físicos oriundos do embate com zagueiros violentos. Apesar de ter vestido várias camisas, foi mesmo no Atlético que atingiu o apogeu, conquistando oito Campeonatos Mineiros. Só não estourou na Seleção por conta das seguidas contusões. Mesmo assim, fez 14 gols em 37 partidas.

JÚNIOR *Discípulo dos Deuses*

O mais digno herdeiro da camisa de Nílton Santos também amava atacar. Leovegildo Lins Gama, o Júnior, fez da lateral esquerda o caminho mais fácil para os gols. Ágil, toque de bola perfeito, especialista em cruzamentos e cobranças de falta, Júnior acabou, por força de toda sua categoria, passando ao meio-de-campo, com a camisa 10 que foi de Zico. No Flamengo, ganhou seus principais títulos: seis Campeonatos Cariocas (1974/78/79/81/91 e o Especial de 1979), quatro Brasileiros (1980/82/83/92), uma Libertadores e um Mundial (ambos em 1981). Já no meio-campo e jogando pelo Torino, foi escolhido o melhor jogador da temporada italiana de 1984/85.

IGNACIO FERREIRA

SÓCRATES: contribuição além do futebol

REINALDO: talento puro

RICARDO BELIEL

JÚNIOR: da lateral do Fla para o meio-de-campo, herdando a camisa 10, de Zico. Um fôlego interminável

bola de Leônidas. Então apareceu o América: tratativas, compromisso firmado, tudo. Mas Leônidas voltou atrás. Não queria jogar em time de grã-fino. Pegou fama de moleque.

O América era grande e influente. Quase conseguiu eliminar o craque da Seleção Brasileira. Mas o futebol moleque de Leônidas da Silva já tinha caído nas graças da torcida carioca. E a torcida, agora, apitava. Não era à toa que o Vasco mandara, em 1927, construir um estádio para 50 mil pessoas. Em dia de Fla-Flu o estádio das Laranjeiras — construído pelo Fluminense em 1919, para 18 mil espectadores — já tinha virado campinho. Em São Paulo, só se falava em construir logo o Pacaembu.

A envelhecida CBD bem que tentou desbotar um pouco a Seleção, empurrando um branco — qualquer branco — para o lugar de Leônidas. Graças a Deus e à sua voz, a torcida, não conseguiu. Em 1932, em Montevidéu, o Brasil venceu a Copa Rio Branco na final com o Uruguai: 2 a 1. Dois gols de Leônidas, que voltou coberto de glórias. No mesmo ano, Leônidas e Domingos Da Guia estavam vivendo no Uruguai, um no Peñarol, o outro no Nacional. Era o início da evasão de craques que daria o último empurrão para a adoção total do profissionalismo.

OS FENÔMENOS

PELÉ E GARRINCHA

Quem gosta de futebol e teve a sorte de ver os dois no campo, pode se considerar um ser humano privilegiado. Porque, como nas artes, gênios assim só vêm ao mundo de vez em quando

AGÊNCIA O GLOBO

A história do maior craque de todos os tempos começa com uma derrota. A derrota de um jovem chamado Dondinho em driblar a pobreza usando o futebol como instrumento. Tudo aconteceu no final dos anos 30. Depois de passar por um sem-número de pequenos times do interior de Minas Gerais, Dondinho havia finalmente conseguido uma chance no poderoso Atlético Mineiro. "Naquele tempo, os jogadores de frente jogavam plantados. Dondinho fazia diferente. Ele vinha de trás, com a bola dominada e, por isso, chamava a atenção", recorda o jornalista mineiro Gérson Sabino.

Dondinho treinou e aprovou no Galo. Foi até morar com a mulher, Celeste, num quartinho localizado embaixo da arquibancada do estádio do Atlético. Sua estréia aconteceu no dia 9 de março de 1940, num amistoso contra o São Cristóvão, do Rio de Janeiro. Mas num lance com o duro zagueiro Augusto, mais tarde capitão do Vasco e da Seleção Brasileira, Dondinho se machucou feio. "Água no joelho", sentenciou o massagista — naquele tempo, o mundo do futebol ainda desconhecia os meniscos. O candidato a jogador nunca mais foi o mesmo. O problema o obrigou a voltar para o minguado futebol do interior. O pior era que Celeste carregava na barriga seu primeiro filho.

O futebol de Dondinho morreu naquele ano de 1940. Todo esse drama pessoal de mais um obscuro jogador brasileiro passaria ao anonimato não tivesse seu filho se tornado o mais reverenciado craque de todos os tempos. Édson Arantes do Nascimento, Pelé, nasceu no dia 23 de outubro daquele mesmo ano com o destino de vingar as derrotas de seu pai e, num sentido mais amplo, as derrotas de todos os brasileiros.

O DESCOBRIDOR A honra de descobrir Pelé cabe a Waldemar de Brito, considerado um grande atacante (do São Paulo) entre 1935 e 1945. Waldemar chegou à cidade de Bauru, em 1953, para organizar o time infanto-juvenil do Bauru Atlético Clube, o Baquinho. Na primeira peneira, o novo técnico já ficou deslumbrado com aquele negrinho magrela que entortava os demais garotos e marcava gols aos montes. Em 1956, quando Waldemar deixou a cidade, prometeu voltar para buscar o

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

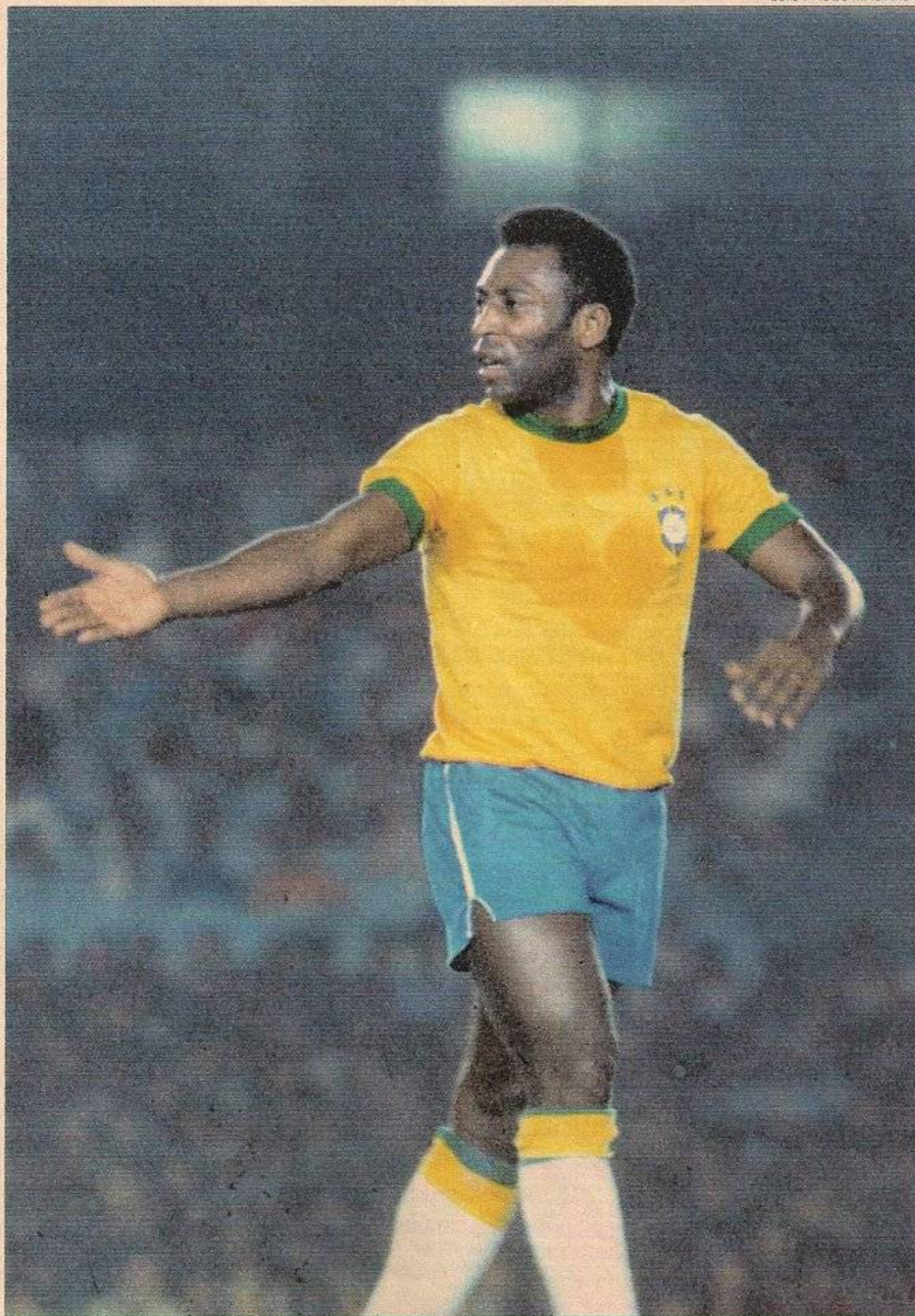
Mas não demorou para Leônidas estar treinando nos reservas do Peñarol. Prova de que lá também não gostavam muito de negros atrevidos. O que aparentemente não valia para Da Guia, de estilo mais clássico. E Leônidas voltou para jogar no Vasco. Do Vasco passou para o Botafogo e, daí, para a Seleção.

O PODER de convocar atletas para a Seleção fez com que a CBD fosse usada pelos dirigentes cariocas para aliciar jogadores paulistas. Agiam em nome do patriotismo de servir ao escrete. Nas vésperas da Copa de 1934, o Palestra Itália chegou a confinar um time inteiro numa fazenda cercada de capangas, para prevenir "convocações" por parte da CBD.

Naquela Copa, disputada na Itália, o Brasil não deu nem para o começo: a derrota para a Espanha na estréia nos valeu a desclassificação. Mas nos 1 a 3 do placar adverso lia-se um gol de Leônidas. A Itália ficou com a taça, para alegria de Benito Mussolini, presente à final.

Em 1935 o craque Leônidas foi para o Flamengo, clube de elite, mas time do povo. É fácil imaginar o delírio a que seus gols geniais, bicicletas e acrobacias levavam a galera rubro-negra.

O ano de 1936 foi tenso e turbulento para

LUIS PAULO MACHADO

NA PÁGINA AO LADO, Garrincha em 1958 no embarque de uma das viagens do nosso primeiro título mundial. E **PELÉ**, que fez de tudo no futebol, inclusive suar um coração

menino. "Cuida bem desse garoto, que ele é uma dádiva de Deus", recomendou a dona Celeste que, até então, era contra a entrada do filho no futebol. Meses depois, Waldemar voltou e levou Pelé para o Santos.

HERÓIS DE ÁLBUM Pelé chegou ao Santos no dia 8 de agosto de 1956, com apenas 15 anos. Waldemar de Brito entregou o garoto ao treinador Lula e ao craque Jair da Rosa Pinto, que encerrava sua carreira no time da Vila Belmiro. Os demais jogadores se espantaram com a pretensão daquele moleque em treinar no clube. O debochado Zito até combinou de fazer o menino de bobinho no primeiro coletivo. Mas, à noite, quando entrou no quarto de Pelé, Zito viu um álbum de figurinhas sobre a cama. Nele estava escrito com letra de menino: "Deus é tão bom para mim que vai me fazer jogar tanto quanto o Zito, chutar tanto quanto o Pepe, driblar tanto quanto o Pagão". Zito desistiu da brincadeira. No dia seguinte, Pelé treinou e já fez gol. Era realmente um fenômeno.

Um mês depois, marcou seu primeiro gol oficial, metendo a bola no meio das pernas do goleiro Zaluar, do Corinthians de Santo André. Em menos de um ano, mais precisamente no dia 7 de julho de 1957, estreava na Seleção Brasileira e (adivinhem!) marcava um gol. O Brasil acabou perdendo para a Argentina (2 a 1, no Maracanã), mas a história ia mudar a partir dali.

A REALEZA DE PELÉ Um dos primeiros a perceber a realeza de Pelé foi o escritor Nélson Rodrigues. "Dir-se-ia um rei (...) sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor", escreveu Nélson, numa crônica profética publicada na revista Manchete Esportiva, em 8 de março de 1958. A coroação internacional foi questão de meses. Na Copa da Suécia, Pelé deslumbrou o mundo com apenas 17 anos

★★★★

o País. Getúlio Vargas, no poder desde a Revolução de 1930, tramava o golpe do Estado Novo para abafar lideranças que emergiam da oposição a seu governo. Um conjunto de instruções guerrilheiras num documento apócrifo, supostamente comunista, daria ao governo o pretexto para pedir ao Congresso a decretação do Estado de Guerra. Mesmo contestado por vários congressistas, o "Plano Cohen", na verdade escrito pelo capitão Olímpio Mourão Filho, militar integralista, serviu, mesmo, para a decretação, no ano seguinte, do tal Estado de Guerra que, na verdade, tentava evitar a realização das eleições que estavam marcadas para o mês de janeiro de 1938. Na seqüência, Getúlio fecha o Congresso, extingue os partidos e instala o famigerado Estado Novo.

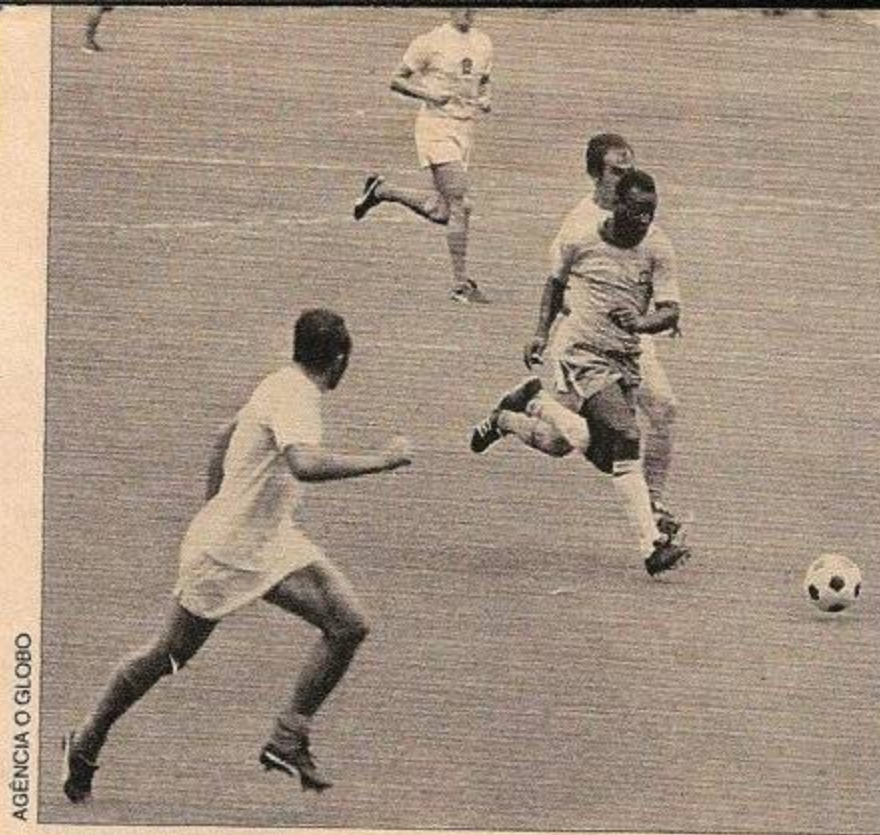
A COPA de 1938, na França, encheu de vez a bola do craque Leônidas. O Brasil ficou em terceiro lugar, mas o mundo descobriu o Diamante Negro: 3 gols na Polônia, 2 na Tchecoslováquia, 2 na Suécia. Contundido, Leônidas ficou fora de uma única partida: a derrota para a Itália, por 1 a 2, que se sagrou bicampeã.

Na volta, Leônidas foi carregado em triunfo. Era ídolo, virou herói. Primeira celebridade do futebol brasileiro e também garoto-propaganda, ator, conferencista. Ganhava

e passou a ser chamado de o Rei do Futebol.

Com ele, o Brasil deixou de ser apenas mais um país do Terceiro Mundo, conseguindo sentir orgulho por ser conhecido e respeitado — pelo menos no futebol. A Era Pelé se traduziu em um tricampeonato mundial de futebol e na posse definitiva da Taça Jules Rimet. O Rei jogou 114 partidas e marcou 95 gols com a camisa amarela. Nas quatro Copas do Mundo que disputou, nas inúmeras excursões do Santos e na sua temporada pelo Cosmos, de Nova York, Pelé granjeou um número incontável de admiradores. De gente simples e anônima a artistas como Robert Redford e William Hurt, chefes-de-estado como Mikhail Gorbatchóv e Bill Clinton, papas, reis e rainhas. Todos eles prestaram suas homenagens ao Rei Pelé.

Quando parou definitivamente, em 1977, já havia se transformado numa lenda. Primeiro, com o gol mil, em 1969. Depois com a Copa de 70. Entretanto, o reconhecimento absoluto viria em 1981, quando foi escolhido o Atleta do Século numa eleição patrocinada pelo jornal francês L'Equipe em conjunto com outros 19 periódicos do mundo inteiro.

Hoje, aos 53 anos, Pelé é o cidadão mais conhecido do planeta. Seu nome é uma marca mais famosa do que Aspirina ou Coca-Cola e sua imagem movimenta o equivalente a 200 milhões de dólares por ano. Com um patrimônio pessoal na casa dos 25 milhões de dólares, Pelé vive pelo mundo levando o futebol e o nome do Brasil para todos os cantos.

AGÊNCIA O GLOBO

COPA DE 70, México, Brasil 4 x Tchecoslováquia 1

DE GÊNIO Zigue-zague em meio à defesa adversária, chapéu rente à cabeça dos zagueiros, cortes precisos com as duas pernas. Pelé foi sem dúvida o craque com maior repertório de jogadas que já existiu. Dele, dizem ainda que era craque em todas as posições. Mas também foi um inventor. É de sua lavra a paradinha na hora do pênalti bem como a tabelinha na perna dos beques.

Na paradinha, Pelé colocava a bola na marca para bater o pênalti e corria para chutar. Só que na hora exata, travava a corrida. Era o suficiente para o goleiro já pular para um canto. Assim, o Rei simplesmente rolava a pelota para o lado oposto. Bola de um lado, goleiro do outro.

Já a tabela com os adversários foi uma invenção que nasceu por acaso. Certa feita, Pelé errou um passe, mas a bola bateu na canela do beque e sobrou de volta em posição excelente. Outro jogador qualquer, agradeceria a sorte e simplesmente chutaria para gol. Pelé, não. Seu gênio vislumbrou naquele lance fortuito uma nova jogada da qual poderia se valer nas ocasiões mais difíceis. Assim nasceu a tabelinha na perna dos adversários.

OS NÚMEROS DO REI

Pelé também é incomparável porque, como nenhum outro craque, conseguiu traduzir toda a sua genialidade em números e recordes que, ao que tudo indica, permanecerão imbatíveis para sempre. Confira:

1.279 gols. Só perde para Friedenreich que teve seus 1.329 gols reconhecidos pela Fifa, apesar de não documentados.
11 vezes artilheiro do Campeonato Paulista (de 1957 a 1965, 1969 e 1973). Quem mais se aproximou foi Friedenreich, com nove artilharias no tempo do futebol amador.
58 gols em um único campeonato, o Paulista de 1958. Abaixo só aparece ele próprio, com 49 gols em 1965.
1.091 gols por um único clube, o Santos.
95 gols pela Seleção Brasileira. O segundo lugar cabe a Zico, com 67 gols.
49 gols marcados contra um único clube, o Corinthians, entre 1957 e 1974.
65 gols entre 1975 e 1977, nas 111 partidas que disputou pelo Cosmos de Nova York.
32 títulos de campeão, uma média de 1,5 por ano.
23 outros títulos de campeão em torneios não-oficiais, o que sobe a média total para 2,6 por ano.

COPA DE 58, Brasil 5 x Suécia 2

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

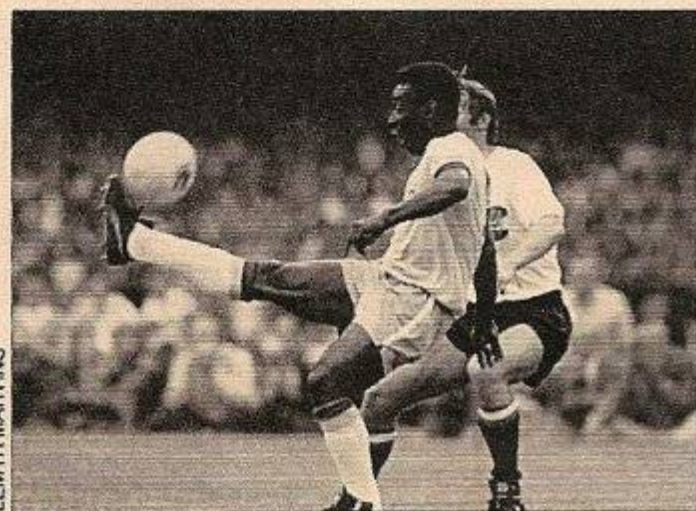
o que pedia. Fazia o que queria. Chegou até a impugnar presidente do Flamengo.

Mas aí já era demais. O Flamengo resolveu vender seu maior astro para o São Paulo. Foi a primeira grande transação do futebol brasileiro: 200 mil cruzeiros, que viriam a ser superados, depois, pelos 600 mil que o Corinthians pagou pelo passe de Domingos Da Guia.

Para o São Paulo foi um alto negócio. O valor pago por Leônidas era equivalente à renda de um Pacaembu lotado. E lotar o Pacaembu se tornaria uma rotina na vida de Leônidas.

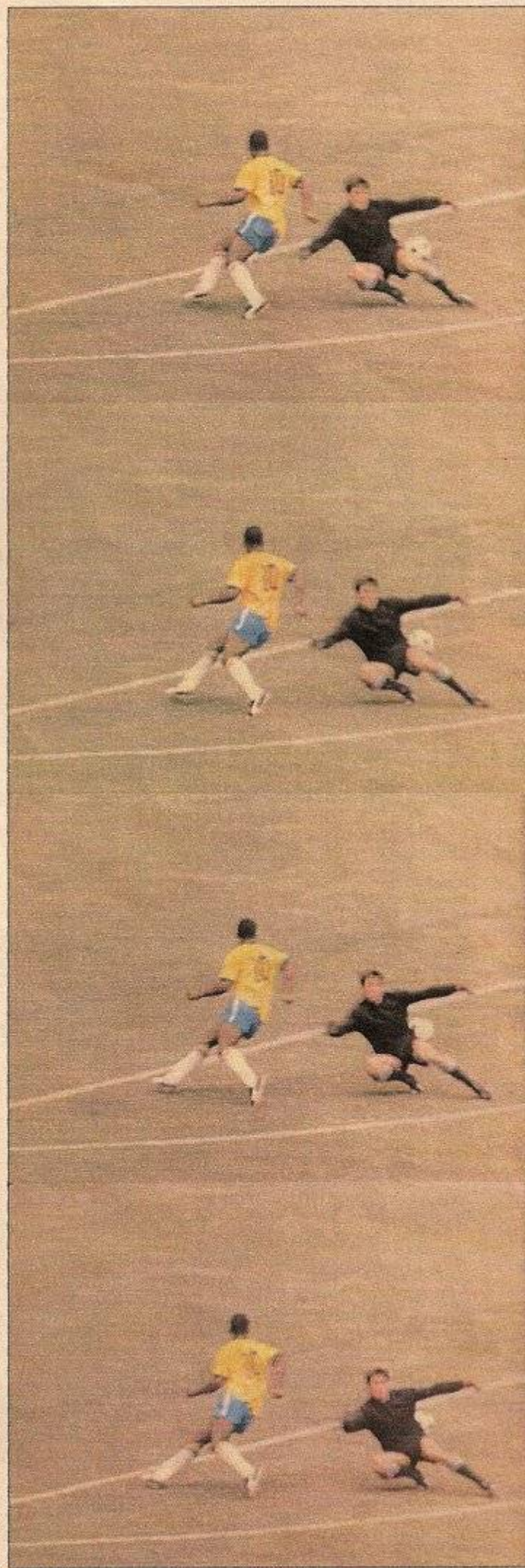
POR ÚLTIMO, mas não menos importante, a ida de Leônidas para a Capital paulista restabelecia o ambiente mínimo para bons campeonatos locais. O São Paulo de antes do craque era apenas um coadjuvante do Campeonato Paulista. O clube, fundado em 1930 e refundado em 1935, ganhou cinco títulos estaduais durante a era Leônidas e passou a ser reconhecido como um esquadrão tão forte como os do Corinthians e do Palestra. Aliás, Palmeiras, com a troca de nome imposta por uma súbita xenofobia anti-italiana. Ecos da guerra.

O segundo grande conflito a envolver praticamente todo o mundo começara, de fato, no dia 1º de setembro de 1939, com a

NUM dos shows do Santos

LEMYR MARTINS

NO último jogo pela Seleção, contra a Áustria, em São Paulo

AGÊNCIA O GLOBO

O MENINO humilde era um rei

O DRIBLE fantástico em Mazurkiewicz

OBRAS-PRIMAS

GOL DA AFIRMAÇÃO • 19 de junho de 1958, Estádio Nya Ullevi, Gotemburgo, Suécia, Brasil 1 x 0 País de Gales. A bola vem da direita, Didi ajeita de cabeça para Pelé que mata no peito, dá um semilençol no adversário e toca para o canto direito do arco. Foi seu primeiro gol em Copa do Mundo. É considerado pelo próprio Pelé o gol mais importante da sua carreira, o gol da confiança, da afirmação.

GOL MAIS BONITO • 11 de novembro de 1959, estádio do Juventus, na Rua Javari, Santos 5 x 1 Juventus. Pelé recebe a pelota de Coutinho na entrada da grande área. Sem deixar cair no chão, dá três chapéus em três defensores. Dá ainda um quarto chapéu no goleiro Mão-de-Onça e, ainda sem deixar a bola tocar no solo, mergulha de cabeça para completar uma grande obra-prima.

GOL DE PLACA • 5 de março de 1961, estádio do Maracanã, Santos 3 x 1 Fluminense. Pelé pegou a bola fora da área do Santos e partiu para o campo adversário. Passou entre Valdo e Edmílson, enganou Clóvis, saiu de Altair, fintou Pinheiro, driblou Jair Marinho, tocou na saída de Castilho. Pelé venceu sete jogadores do Fluminense e marcou o gol que lhe deu direito a placa de bronze no hall de entrada do Maracanã. Daí nasceu a expressão "gol de placa".

GOL DE TABELA • 11 de outubro de 1962, Estádio da Luz, Lisboa, Portugal, Benfica 2 x 5 Santos. Zito toca para Pelé. O Rei chuta a bola nas pernas do zagueiro português Coluna. A bola volta e Pelé passa para Coutinho. Coutinho devolve para Pelé, para Coutinho, para Pelé, para Coutinho, para Pelé que passa pelo zagueiro Cavém e chuta na saída do goleiro. Gol da decisão em que o Santos se tornou Campeão Mundial Interclubes e que ilustra a famosa tabelinha com o parceiro Coutinho.

GOL DO MEIO DO CAMPO • 19 de junho de 1977, Estádio Rutherford, Nova Jersey, Estados Unidos, Cosmos 3 x 0 Tampa Bay. Pelé percebe o goleiro adiantado e chuta do meio do campo. O Rei marca o gol que tentara na Copa de 70, para delírio dos torcedores norte-americanos.

★★★★

invasão da Polônia por tropas da Alemanha de Adolf Hitler. Nos cinco anos e meio que viriam a seguir, o mundo testemunharia os piores atos de loucura e crueldade até então presenciados pela humanidade. No Brasil, a mesma postura de 25 anos antes, quando da Primeira Guerra: neutralidade não muito bem definida até o afundamento de uma série de navios mercantes brasileiros, aparentemente por alemães. Em 1944, o governo declara guerra aos países do Eixo e manda à Itália, ainda dominada pelos alemães, a Força Expedicionária Brasileira. Em pouco mais de 240 dias, até a rendição das tropas alemãs e o fim da Guerra, os expedicionários brasileiros protagonizariam cenas de verdadeiro heroísmo. Eles venceram uma série de importantes batalhas. Culminando com a tomada de Monte Castelo, fortificação alemã que dominava uma passagem estratégica nos Montes Apeninos.

Em 1945, o mundo estava entre aliviado com o fim da Guerra e apavorado com as notícias que traziam detalhes sobre as duas bombas atômicas lançadas pelos Estados Unidos sobre o Japão. A sombra do cogumelo atômico, que no dia 5 de agosto de 1945, um domingo, ergueu-se sobre a cidade de Hiroshima, começava seu reinado sobre os povos. Esse reinado haveria de durar, aterro-

OS LANCES HISTÓRICOS

Pelé foi um dos poucos jogadores capazes de transformar gols perdidos em obras de antologia. Foi o que aconteceu na Copa de 1970, quando tentou quatro dos lances mais geniais da história das Copas do Mundo.

CHUTE DO MEIO DO CAMPO • Pelé percebeu o goleiro Viktor, da Tchecoslováquia, adiantado e deu um chute de 70 metros, direto do meio do campo. Viktor voltou desesperado mas a bola raspou a trave.

MAIOR DEFESA • Cruzamento na área e Pelé acerta uma cabeçada certeira. A bola toca no chão e vai entrando quando o goleiro Gordon Banks, da Inglaterra, se estica todo e espalma. A bola sobe e sai por cima do gol. A defesa passou a ser considerada a maior de todos os tempos.

TIRO DE PRIMEIRA • O goleiro uruguaio Mazurkiewicz bate o tiro de meta errado e Pelé, da intermediária, emenda de primeira para o gol. O goleiro ainda tem tempo de se recuperar e encaixar a bola.

DRIBLE DE CORPO • A jogada mais plástica da Copa de 70. Tostão lança Pelé e o goleiro Mazurkiewicz sai para dividir. Pelé passa pela bola que também passa pelo uruguaio. O Rei dá a volta no goleiro e chuta. A bola trisca a trave e vai para fora.

QUATRO chapéus e a cabeçada, o gol mais lindo. 1959

CARLOS NAMBA

GOL contra o Paraguai, com Tostão

PÊNALTI. Paradinha, goleiro num canto, bola no outro

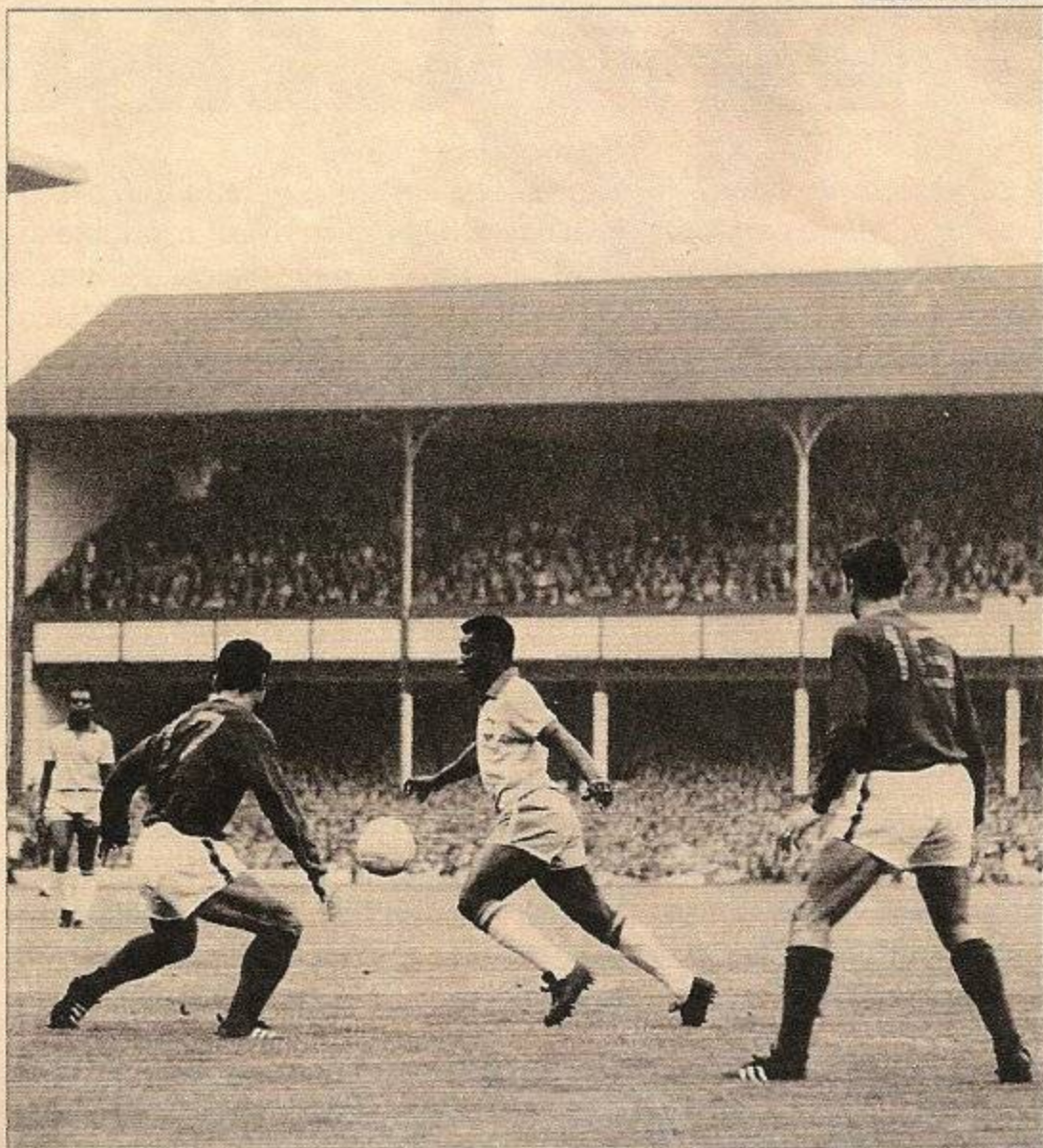
A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

rizador, até o fim da Guerra Fria que caracterizou as relações entre Estados Unidos e União Soviética até meados dos anos 80.

No dia 29 de outubro de 1945, a queda de Getúlio Vargas e o fim do Estado Novo. Doze partidos se inscrevem para as eleições marcadas para o dia 2 de dezembro daquele ano. A meta era eleger e empossar uma Assembléia Nacional Constituinte.

EM 1948, quando o Brasil se preparava para sediar a Copa do Mundo de 1950, as obras do Maracanã andavam aceleradas. O mundo vivia as mudanças do pós-guerra. A ONU, que reunia os países que sairam inteiros da Segunda Guerra, realizava sua segunda Assembléia Geral. Naquele ano, destacou-se o ex-ministro de Relações Exetriores brasileiro, Oswaldo Aranha, convidado pelo então presidente da República, General Eurico Dutra, a representar o país e fazer o discurso inaugural, que até hoje cabe ao Brasil. Aranha, eleito presidente daquela Assembléia, propôs a criação e o reconhecimento mundial do Estado de Israel.

No Brasil também ocorriam rápidas mudanças em todos os setores da sociedade. Fazia um ano que a companhia cinematográfica Atlântida lançara o filme "Carnaval no Fogo", a primeira grande chanchada — uma espécie de musical com enredo cômico.

ALBERTO FERREIRA

CONTRA Portugal, Copa do Mundo de 66, Inglaterra

HOMENAGENS

O maior jogador de futebol do mundo foi Di Stefano. Eu me recuso a classificar Pelé como jogador. Ele está acima de tudo
(PUSKAS, craque do escrete húngaro que dominou o futebol no início dos anos 50)

Se Pelé não tivesse nascido homem, teria nascido bola
(ARMANDO NOGUEIRA, jornalista)

Pensei: ele é de carne e osso como eu. Me enganei
(TARCISIO BURGNICH, defensor italiano na Copa de 70)

Pelé é o único que ultrapassa os limites da lógica
(CRUIJFF, comandante do Carrossel Holandês na Copa de 74)

Senti medo, um terrível medo quando vi aqueles olhos. Pareciam olhos de um animal selvagem, olhos que soltavam fogo
(OVERATH, jogador alemão nas Copas de 66 a 74)

Pelé desequilibrou o mundo
(GILMAR, goleiro do Santos e da Seleção Brasileira)

PAULISTA de 65, final (foi bi), tabela com Coutinho

YLLEN KERR

CONTRA a Venezuela, eliminatórias de 1969

★★★★

O estilo caracterizaria a produção cinematográfica nacional durante os anos 50.

O teatro de revista, que fora o grande *hit* dos anos 40, ainda encantava os freqüentadores dos teatros do Rio e de São Paulo.

PARA NÃO fazer feio na Copa de 1950, sediada pelo Brasil, construiu-se nada menos que o maior estádio de futebol do mundo. O Maracanã podia receber 200 mil pessoas. E para palco tão amplo, artistas de primeira: foi com um time de craques que estreamos na Copa de 1950, contra o México, para vencer por 4 a 0. Depois do jogo, uma certeza: seríamos finalmente campeões mundiais.

Como se sabe, não fomos. Mas do clima de luto que tomou conta do país inteiro salvou-se uma coisa. Um mês antes da catástrofe, quando o Maracanã fora inaugurado com um jogo das seleções de novos do Rio e de São Paulo, vencido por São Paulo por 3 a 1, o primeiro gol havia sido marcado pelos cariocas. Seu autor se chamava Didi, sem dúvida um dos motores da época de ouro do futebol brasileiro, que começou com a Copa de 58, na Suécia.

No panorama internacional temia-se que a intervenção americana na Guerra da Coréia, naquele ano, pudesse desencadear um novo conflito mundial.

O ORGASMO DA GALERA

Quando ele chegava com a bola, os adversários olhavam seus pés e olhos. Não adiantava nada. Ele ia passar por todos, sempre

A REVELAÇÃO O juiz apita o início do jogo. Didi imediatamente lança Garrincha. O lateral russo Kuznetsov chega para a marcação. Mané faz que vai, não vai, foi. Kuznetsov cai. Segundos depois, bola de novo com o Brasil. De novo com Garrincha. Agora, além do lateral-direito, os russos marcam Mané com os zagueiros Voinov e Krijevski. Garrincha faz que vai, não vai, foi. E mete uma bomba no poste do goleiro Yashin. Bola para fora, tiro de meta mal batido, bola para Mané, trave de novo. Enquanto Garrincha desnorteia toda a defesa soviética, Didi lança Vavá que marca o primeiro gol. O cronômetro registra três minutos. "Foram os três minutos mais fantásticos da história do futebol e a mais assombrosa aparição de um ponta-direita", escreveu o cronista francês Gabriel Hannot. Naquela tarde sueca, no Estádio Nya Ullevi, o Brasil venceria o tão decantado "futebol científico" da URSS por dois a zero e passaria às quartas-de-final na Copa de 1958. Mas, mais importante do que o placar, seria a descoberta de Garrincha.

Não foi apenas o mundo que descobriu Mané. O próprio Brasil não sabia direito que tinha na sua Seleção o maior ponta-direita de todos os tempos. Na comissão técnica havia muitas reservas quanto à capacidade de Garrincha. Alguns fatos contribuíam para isso. O primeiro foi a péssima avaliação nos testes psicotécnicos promovidos pelo dr. João Carvalhaes, o psicólogo da Seleção. Garrincha tinha feito 38 pontos de 123 possíveis, o que o colocava quase como débil mental.

O maior problema, entretanto, residia na sua fama de indisciplinado taticamente e fominha. Fama que pareceu confirmada num jogo preparatório contra a Fiorentina, da Itália, uma semana antes do Mundial. O Brasil ganhou de 4 a 0, num jogo em que Garrincha protagonizou

ALBERTO FERREIRA

ESTADO DE MINAS

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

A MAIOR novidade: às 22 horas do dia 18 de setembro de 1950, vai ao ar, em São Paulo, o primeiro programa de televisão da América Latina. Era a estréia da PRF 3 TV — Emissora Associada de São Paulo, pertencente ao grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand. O Brasil era o quarto país do mundo a ter televisão, e o novo meio de comunicação haveria de influir profundamente sobre o esporte da paixão nacional.

O presidente Getúlio Vargas, finalmente eleito pelo voto popular, em 50, assume o governo no fim de janeiro de 51. Os primeiros anos de seu governo fizeram a alegria do povo, estimulado a se organizar em sindicatos de trabalhadores; cria-se a Petrobrás sob um slogan nacionalista — "O petróleo é nosso" — e decreta-se o controle do retorno do capital estrangeiro. Getúlio ganha até a homenagem de uma marchinha de carnaval que foi grande sucesso em 1951, "O Retrato do Velho", composta por Marino Pinto e Haroldo Lobo e uma das mais tocadas naquele carnaval, ao lado de "Tomara que Chova", de Paquito e Romeu Gentil.

NA CRÔNICA policial, o assunto mais empolgante da década foi o chamado "Crime de Sacopã". Segundo o depoimento da única testemunha presente, e muito contestada, Walton Avancini, o tenente Alberto

um lance genial. Depois de driblar o lateral e o goleiro, Mané ficou com o gol livre para marcar. Mas esperou a volta do zagueiro Robotti para dar mais um drible. Com a finta, o italiano deu com a cara na trave e Garrincha empurrou para o gol. Em vez de demonstração de virtuosismo, o drible extra foi interpretado como irresponsabilidade pela comissão técnica e Mané começou a Copa no banco. Não tivesse entrado contra a URSS, talvez jamais tivesse se revelado.

As oportunidades, aliás, nunca se apresentaram muito fáceis para aquele menino nascido no pobre vilarejo de Pau Grande, interior do Rio de Janeiro, em 28 de outubro de 1933. Seu nome de batismo era Manoel dos Santos, embora sempre assinasse um Francisco no meio. Habilidoso nos times amadores em que jogava, Garrincha até tentou treinar no Vasco, Fluminense e São Cristóvão, mas sempre desistia quando via aquele mundaréu de gente nas peneiras. Só mesmo depois de se casar é que se viu obrigado a tentar ganhar algo mais com o futebol. Garrincha já tinha 19 anos.

OS JOÕES "As coisas estão tão ruins que agora até aleijado vem treinar no Botafogo", disseram alguns torcedores quando viram aquele rapaz de pernas tortas na peneira. Quando os jogadores souberam que o garoto tinha sido trazido por Arati, sujeito de jogo duro, pensaram: "Mais um que veio para dar botinada". No final, Garrincha se apresentou muito bem no aspirantes e foi treinar entre os profissionais. "Bem, agora ele não vai ter chance. O lateral-esquerdo é o Nílton Santos". Na primeira bola, entretanto, Garrincha meteu no meio das pernas do lateral da Seleção. Nílton na hora foi falar com o técnico Gentil Cardoso para contratar o rapaz. "Imaginou ele no time adversário? Nunca mais eu ia poder dormir direito", lembra o primeiro "João".

A partir de então quem perdeu noites de sono foram os laterais-esquerdos dos outros clubes, aos quais Garrincha insistia em chamar de Joões. Não por desrespeito, mas porque Mané era um simples que não conhecia os nomes dos jogadores e, muitas vezes, das esquadras adversárias. Para ele, a Inglaterra, por exemplo, era "aquele time com a camisa igual à do São Cristóvão".

JORNAL DOS SPORTS

Suas vítimas históricas foram Altair, do Fluminense, Coronel, do Vasco, e Jordan, do Flamengo. O rubro-negro, aliás, passou à história como o melhor marcador de Garrincha. Também histórica era a lealdade com que tentava parar o botafoguense. "Eu não conseguia dormir antes do jogo, mas ficava com a consciência tranqüila depois", lembra o lateral. O mesmo não podiam dizer os outros jogadores. Garrincha era caçado em campo. Derrubado, não esboçava contrariedade, apenas se levantava e voltava a jogar. Era um passarinho.

Certa vez, o zagueiro Pinheiro, do Fluminense, se machucou e a bola sobrou livre para Mané. Em vez de partir para o gol, Garrincha jogou a pelota para fora permitindo o atendimento do adversário. Foi a primeira vez que isto aconteceu num campo de futebol. Hoje, todo mundo joga a bola para a lateral quando tem um jogador contundido, sem saber que esta é uma invenção de Garrincha.

Foi também com Mané que surgiu a expressão "fazer a fila". É que o técnico Flávio Costa, do Vasco, colocava a defe-

ADALBERTO DINIZ

Jorge Franco Bandeira, na época com 21 anos, teria assassinado a tiros, no dia 16 de abril de 1952, ao reagir a uma agressão, o bancário Afrânio Arsênio de Lemos. O cadáver de Afrânio foi encontrado dentro do Citroen preto do bancário, na ladeira Sacopã, na Lagoa Rodrigo de Freitas. Ao seu lado, uma foto da bela Marina de Andrade Costa, namorada do tenente Bandeira, com uma dedicatória apimentada. Bandeira sempre negou a autoria do crime, mas cumpriu integralmente os 15 anos de prisão a que foi condenado. Coincidindo com a condenação de Bandeira, sobre a qual o país se dividia, com a maior parte da população duvidando da culpa do tenente, o filme brasileiro "O Cangaceiro", dirigido por Vítor Lima Barreto e estrelado por Vanja Oriço e Alberto Ruschel, ganha o prêmio de Melhor Filme de Aventuras do Festival de Cannes. Naquele ano, o vencedor do Festival fora o revolucionário "Salário do Medo" de Henri Clouzot.

Na música popular, uma perda irreparável. Um acidente de automóvel na Via Dutra, perto de Taubaté, mata o cantor Francisco Alves. "Chico Viola", como era conhecido por milhões de fãs, foi velado na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, na Cinelândia, e mais de 500 mil pessoas foram despedir-se de seu ídolo.

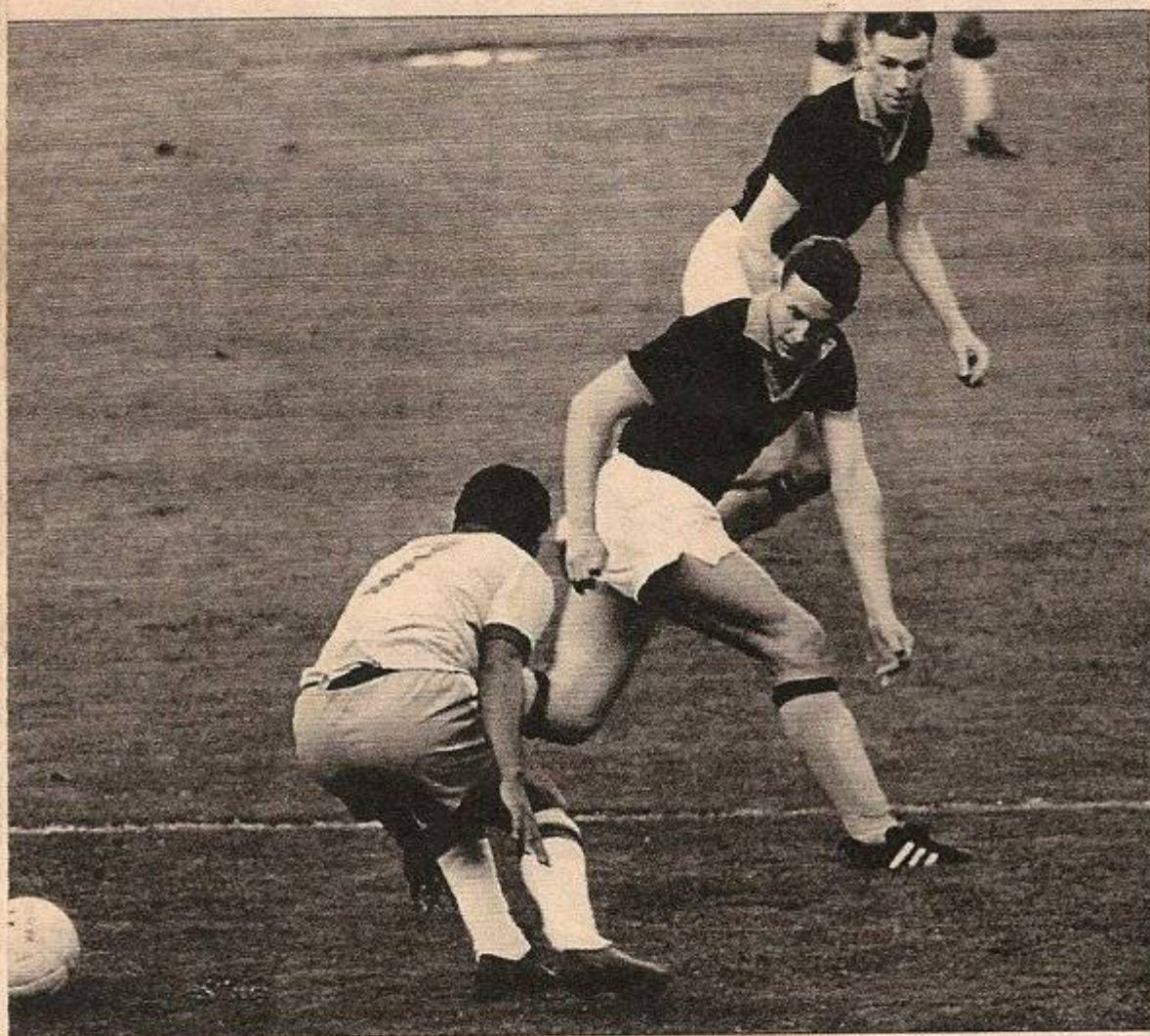
sa em linha, um dando cobertura para o outro para tentar neutralizar Garrincha. De nada adiantava. Mané passava pelo primeiro, pelo segundo, pelo terceiro, enfim, "fazia a fila".

O "olé" é outra expressão que nasceu com ele. Garrincha excursionava pelo México quando o Botafogo enfrentou o River Plate, da Argentina. Toda vez que Mané driblava o lateral Vairo, que jogava na Seleção Argentina, os mexicanos gritavam "olé" para aquela autêntica tourada. Quando o Botafogo voltou ao Brasil, trouxe junto o "olé". Onde quer que se apresentasse, Mané justificava a fama de Alegria do Povo.

PARA ENTENDER A capacidade de Garrincha repetir com sucesso sempre a mesma jogada (balançar o corpo para a esquerda e sair pela direita) intrigava o mundo. Se todos sabiam para onde ele ia sair, por que ninguém conseguia marcá-lo? Uma das explicações mais correntes diz respeito às pernas de Mané. A direita era torta para o lado de fora e a esquerda, torta para dentro. Além disso, uma era 6 cm maior que a outra. Por isso, seu corpo ficava inclinado para o lado direito. Isto permitiria que disparasse sempre na frente do adversário.

Já o cronista esportivo Mário Filho preferia explicar Garrincha não pela anatomia, mas pelo fato de o jogador ter sido um caçador inveterado na infância. Acompanhe o raciocínio: "Só se compreende Garrincha identificando-o com o caçador. Ou melhor, com a caça. Foram os passarinhos, as pacas, os gambás que lhe ensinaram o melhor dele em futebol. As pacas, os gambás, ficavam olhando para ele, para sentir-lhe o menor movimento. Quantas vezes o bicho o driblara e o jogara no chão, de pernas para o ar? Garrincha, diante de um marcador, se sentia como uma paca, um gambá. Não olhava para os olhos do marcador: olhava para as pernas dele. E de repente fingia que ia. Jogava o corpo para um lado, anunciando o drible. Não ia, só ia quando o marcador descambava o corpo para o lado que ele queria. Então enveredava pelo outro. Era queda na certa."

REI DA COPA DE 62 Se a estréia de Garrincha nas Copas, em 1958, foi arrasadora, o mundo não imaginava o que ele iria aprontar na seguinte. A Seleção chegou ao Chile, em 1962, um pouco mais velha, mas contando com Garrincha e Pelé no apogeu. Pelé principalmente, que já ostentava o título de Rei do futebol. Só que na segunda partida, o camisa 10 sofre uma distensão na virilha e fica fora do Mundial.

Ninguém da Seleção fala nada, mas todos os olhos se voltam para o camisa 7. Queriam o impossível: que Mané jogasse por ele e por Pelé. O impossível. E Mané fez o impossível. Comandou a Seleção na campanha vitoriosa do bicampeonato, marcou gols de cabeça, perna esquerda, falta, desnorteou os adversários com seu drible manjado. O técnico Aimoré Moreira até que tentou man-

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

O RIO era a Capital e o centro das atividades sociais e políticas do país, mas aos poucos, a população, a atividade econômica e os acontecimentos políticos mais importantes deslocavam-se em direção a São Paulo. Em 1951, com seus 2 350 000 habitantes, a cidade ainda era menos populosa que o Distrito Federal — coisa de uns 50 mil habitantes menos —, mas inaugurava a Primeira Bienal, que recebeu 5 mil visitantes e já se desenhava como o maior festival de artes plásticas do hemisfério sul.

Ao chegar à inesquecível festa de seu quarto centenário, em janeiro de 1954, São Paulo já arrebatara o título de capital mais populosa do país.

A festa do IV Centenário teve a participação de quase toda a nação. Conta a crônica da época que o dia 25 amanheceu enevoado, garoento, como era comum, naquela época, acontecer no verão. Os festejos começaram com o presidente Getúlio Vargas depositando flores ao pé do Monumento à Fundação da Cidade, no Pátio do Colégio, local histórico mais importante de São Paulo. O dia inteiro haveria festividades, com desfiles das três Forças Armadas, missa campal oficiada pelo arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime Câmara, e até desfile de tribos de índios, na época recentemente contatadas pelos

ter Garrincha na ponta-direita, mas Mané jogou por todo o campo, para sorte do Brasil.

Na terceira partida, contra a todo-poderosa Espanha, o Brasil parecia perdido quando Garrincha driblou dois adversários e deu o gol da vitória para Amarildo. No jogo seguinte, contra a Inglaterra, fez gol até de cabeça. Contra o Chile, o dono da casa, arrebentou mas acabou expulso depois de revidar uma agressão com um desmoralizante chute nos fundilhos do jogador chileno. Para contar com Mané na partida decisiva, o Brasil mobilizou até o presidente da República. Garrincha entrou, mas, com um febrão, só serviu para preocupar terrivelmente os tchecos enquanto os outros craques brasileiros garantiam a vitória por 3 a 1. Por tudo, foi coroado o Rei da Copa de 1962.

Infelizmente, quando seu futebol se acabou, o mundo se esqueceu de cuidar de Mané. Então, passou a beber e correr em busca do tempo perdido. Morreu em 1983, minado pelo álcool.

HOMENAGENS

Estávamos em pânico pensando no que Garrincha poderia fazer. Não existia marcador no mundo capaz de neutralizá-lo

(NILS LIEDHOLM, armador da Suécia em 1958)

Não sei quantos de nós tiveram as pernas retorcidas por Garrincha, mas isso foi motivo de orgulho

(ABELARDO, jogador da Espanha na Copa de 1962)

Foi um dos eleitos dos deuses. Ele estava à altura de Pelé

(CESAR LUIS MENOTTI, técnico da Argentina na Copa de 1978)

Garrincha foi o homem que nos derrotou em 1962

(BOBBY MOORE, campeão do Mundo em 1966)

Em cinqüenta anos de futebol jamais apareceu um jogador como Garrincha

(jornal inglês DAILY MIRROR)

De que planeta vem Garrincha?

(manchete do jornal EL MERCURIO, do Chile, durante a Copa de 1962)

PIMENTEL/AG. JB

sertanistas Villas-Boas.

O CAMPEÃO paulista daquele especialíssimo ano caiu como uma luva no panorama dos festejos populares. Foi o 15º título estadual do Corínthians.

Ao fim da festa, a Comissão de Festejos ofereceu à Cidade o projeto daquele que viria a ser um de seus espaços mais prazerosos — o do Parque do Ibirapuera, destinado a atividades culturais, recreativas e esportivas — exatamente o que o grande parque é hoje.

No Vietnã, país asiático sob dominação francesa desde 1859, o líder nacionalista Ho Chi Min ganha sua primeira batalha pela libertação do país: derrota as forças francesas concentradas em Dien Bien Phu, infligindo-lhes 10 mil baixas.

A GLÓRIA mundial que viria agraciar o futebol brasileiro em 1958 parecia escrita nas estrelas. Afinal, o esporte já era o mais praticado no país, havia produzido grandes craques, o Brasil já sediara uma Copa do Mundo e fora um dos poucos países, até então, a participar de todas as competições pela Taça Jules Rimet.

Mas antes de chegar à tão esperada glória, a Seleção ainda passaria pelo inferno. E ele se chamava Suíça, sede da Copa de 1954. O bicho-papão da época era a Hungria. O Brasil corria por fora. Tinha craques como

É BOLA NA REDE!

Colocar a bola dentro das redes exige arte. Como a de Pelé, artilheiro do Campeonato Paulista durante onze temporadas. Exige coragem, caso de goleadores implacáveis como Roberto Dinamite ou Preguinho. Exige também oportunismo e faro de gol, qualidades que muitas vezes se manifestam por meio de inapeláveis chutes de canela, como os que fizeram a fama de Dario. Mas não importa o jeito, o que vale é o gol, matéria em que os artilheiros são doutores.

FRIESE

Marreta germânica

O primeiro artilheiro a causar sensação no futebol brasileiro foi o jovem alemão Hermann Friese, que chegou a São Paulo em 1903. Alto, corpulento e forte, Friese jogava em qualquer posição e "valia um time inteiro", como diziam os jornais da época. Na verdade, o alemão era um verdadeiro atleta. Na Europa, já havia se sagrado campeão nas corridas de curta (100 e 200 m) e média distância (1500 e 3000 m). Mas o que mais o destacava era sua capacidade de marcar gols. Foi artilheiro por três temporadas em São Paulo, em 1905 com catorze tentos, e em 1906 e 1907, ambas com seis. Deve-se ainda a Friese a introdução da jogada de corpo, chamada então de marreta, lance que provocou muitos protestos dos adversários.

WELFARE

O centroavante-tanque

O inglês Harry Welfare chegou ao Rio de Janeiro, em 1913, como professor do colégio Anglo-Brasileiro. Mas acabou mesmo foi dando lições de bola. Welfare já havia disputado a Liga Inglesa pelo famoso time do Liverpool e, no Brasil, passou a defender a camisa do Fluminense. Nos nove campeonatos cariocas que disputou, construiu a fama de centroavante "tanque", por seu estilo impetuoso, forte e matador. Conquistou cinco vezes a artilharia no futebol carioca (1914 com oito gols; 1915 e 1917, ambos com dezoito; 1919 com 22; e 1922 com oito).

TELECO

O inimigo dos goleiros

Ídolo no Corinthians entre 1934 e 1944, o centroavante Teleco se intitulava o inimigo número um dos goleiros, apesar de ser irmão do guarda-metas King, que jogou no São Paulo na década de 40. Mas não havia verdade maior, como prova sua incrível marca de 243 gols em 234 jogos, mais de um tento por partida. Artilheiro que chutava com os dois pés e excelente cabeceador, Teleco, cujo verdadeiro nome era Uriel Fernandes, também ficou conhecido por seus gols de virada e por sua raça. Na decisão paulista de 1937 contra o Palestra, Teleco fez questão de jogar mesmo machucado. Entrou e marcou o gol da vitória. Encabeçou a lista de artilheiros do Campeonato Paulista em 1935 e 1936, ambos com nove gols, 1937 com quinze, 1939 com 32 e 1941 com 26.

PREGUINHO

Estilista do gol

O grande orgulho do escritor Coelho Netto não eram seus livros mas sim o filho João Coelho Netto, aliás, Preguinho, o maior artilheiro da história do Fluminense com 184 gols. Meia-esquerda veloz e dono de um poderoso chute, Preguinho se notabilizava pela raça e pelo espírito amador. Nunca ganhou nada para defender o tricolor das Laranjeiras. Também ficou famoso por alguns gols célebres, como o primeiro marcado pelo Brasil em Copas do Mundo, na derrota da Seleção por 2 a 1 contra a Iugoslávia. O artilheiro também foi autor de um gol antológico quando chutou do meio do campo, encobrindo o goleiro do Botafogo numa partida disputada em 7 de dezembro de 1930. No Campeonato Carioca, foi artilheiro em 1923 com doze gols, em 1928 com dezesseis e em 1932 com 21.

TONINHO GUERREIRO

Príncipe da grande área

Pelé vinha conquistando seguidamente a artilharia do campeonato paulista quando, em 1966, seu companheiro de time Antônio Ferreira, mais conhecido como Toninho Guerreiro, acabou com a hegemonia do Rei. Naquele ano, Toninho marcou 27 gols. Ele ainda se tornaria outras duas vezes artilheiro, em 1970 com treze gols e em 1972 com quinze, ambas jogando pelo São Paulo. Jogador raçudo e com excelente visão de gol, Toninho conseguiu ainda outro feito inédito: o de ser o único jogador pentacampeão paulista (um tri pelo Santos de 1967 a 1969 e um bi pelo São Paulo de 1970 e 1971).

QUARENTINHA

Frieza de matador

No maravilhoso Botafogo de Garrincha, o homem encarregado de marcar gols se chamava Waldir Cardoso Lebrego, o popular Quarentinha. Possuidor de uma canhota fortíssima, Quarentinha se tornou o maior artilheiro da história do alvi-negro com 302 gols. Além disso, foi três vezes seguidas artilheiro carioca, em 1958 com dezenove gols, em 1959 e 1960, com 25 nas duas temporadas. Entretanto, o que mais

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

Nílton Santos, Julinho e Didi. Mas a taça acabou nas mãos dos alemães.

A participação brasileira resumiu-se a três partidas, a última delas uma melancólica derrota, para a própria Hungria, por 2 a 4. O país inteiro queixou-se do juiz inglês — o eternamente execrado Mr. Ellis — mas, para falar a verdade, a Hungria jogou mais futebol.

O NOVO abatimento nacional com o resultado da Suíça, no entanto, logo seria abafado por uma verdadeira tragédia: no dia 24 de agosto de 1954 o país ouviria, aturdido, a notícia do suicídio do presidente Getúlio Vargas.

Em 1956, por 3.077.411 votos contra os 2.610.462 conseguidos pelo general Juarez Távora, o candidato da coligação PSD/PTB, Juscelino Kubitschek, é eleito presidente. O médico mineiro de ar calmo, sempre sorridente, promete um governo capaz de fazer o país avançar 50 anos durante os 5 previstos para sua gestão. Uma grande parte da opinião pública acharia, mais tarde, que ele conseguiu seu intento. A revista "O Cruzeiro", dos Diários Associados, atinge, neste mesmo ano de 56, a tiragem histórica de 570 mil exemplares semanais.

O futebol brasileiro anterior à era de Pelé e Garrincha (e o que veio logo depois de eles

chamava a atenção neste ponta-de-lança era a frieza: depois de conferir os tentos, simplesmente voltava andando para o meio de campo. "Sou pago para marcar gols, não faço mais do que a minha obrigação", repetia.

VAVÁ

Peito de aço

Ele jamais foi artilheiro isolado de qualquer campeonato, mas deixou seu nome inscrito no panteão dos mais valorosos artilheiros que o Brasil já conheceu: Edwaldo Izídio Netto, o Vavá. Jogador raçudo e oportunista, não tinha medo de enfiar o pé em divididas, atitude que lhe valeu muitas contusões e inúmeros gols. Daí o apelido de Peito-de-Aço. Foi o centroavante bicampeão do Mundo nas Copas de 1958 e de 1962, marcando gols decisivos nas duas finais. Na Copa da Suécia, entrou machucado para jogar contra a poderosa União Soviética, o que não o impediu de assinalar os dois gols da vitória brasileira. Vestiu 25 vezes a camisa da Seleção, marcando em 15 oportunidades.

FLÁVIO

Artilheiro implacável

O centroavante Flávio Almeida da Fonseca fez a alegria de muitas galeras. Mais precisamente, do Internacional, Corinthians, Fluminense, Porto (Portugal), Pelotas, Santos, Figueirense, Brasília e Wilstermann (Bolívia). Ao todo, Flávio atingiu a espantosa marca de 603 tentos, nove dos quais marcados em rápida passagem pela Seleção. Mas foi nos clubes que conseguiu seus feitos mais notáveis: a artilharia do Campeonato Paulista de 1967 (21 gols pelo Corinthians), dos Cariocas de 1969 e 1970 (quinze e dezoito gols, pelo Fluminense), do Gaúcho de 1977 (dezenove gols pelo Pelotas). Sem falar no Brasileirão de 1975, quando marcou dezesseis vezes com a camisa 9 do Internacional.

E.C. PINHEIROS

FRIESE

FOTO ABRIL

WELFARE

TELECO

PREGUINHO

TONINHO

QUARENTINHA

VAVÁ

FLÁVIO

★★★★

se afastarem) sempre impôs sofrimento à sua torcida. A classificação para a Copa de 1958, por exemplo, foi conseguida em 57 com duas partidas terrivelmente sofridas contra o fraco Peru: 1 a 1 em Lima e 1 a 0 para o Brasil em pleno Maracanã, no Rio. De bom, aconteceu que o gol foi de Didi, cobrando falta. Gol de "folha-seca", um ótimo presságio.

DE PRESSÁGIOS, aliás, estávamos mesmo bem: havia surgido Garrincha. Em 1953, ele aparecera para treinar no Botafogo. Para o teste ser válido, o técnico Gentil Cardoso mandou o instransponível Nílton Santos marcá-lo. Garrincha não teve dúvida e, na primeira jogada em que os dois se encontraram, meteu a bola pelo meio das pernas de Nílton que também não teve dúvida para aconselhar: "Contratem".

Garrincha, entretanto, só começaria a freqüentar as listas de convocação para a Seleção em 1955. Havia sempre alguém disposto a barrá-lo sob a acusação de ser "muito individualista", "irresponsável". Coisas assim.

Em 1957 surgiu Pelé. Vestia pela primeira vez a camisa amarela, tinha 16 anos e, no dia 7 de julho, entrou contra a Argentina, no lugar de Del Vecchio, para fazer nosso único gol na derrota que sofremos, de 2 a 1. Era a Copa Roca, e quatro dias depois lá estava ele,

DARIO

O folclórico Dadá

À primeira olhada, os zagueiros diagnosticavam: o centroavante Dario José dos Santos não passava de um perna-de-pau. Desengonçado, com pouco domínio de bola e chutes de canela, Dario parecia tudo menos artilheiro. Terrível engano, que o próprio centroavante tratava de desfazer, primeiro, com bolas na rede, depois, com o folclore que criava em torno de si. Gênio do marketing pessoal, Dario batizava gols (beija-flor, jacaré) e inventava apelidos para si (Dadá Maravilha, Rei Dadá, Peito-de-Aço). Entrou para a história por ser artilheiro do primeiro Campeonato Brasileiro em 1971 (quinze gols pelo Atlético Mineiro) e por ser recordista de gols numa única partida (dez dos catorze marcados pelo Sport de Recife contra o Santo Amaro, em 1976).

SERGINHO

Irreverências mil

Sérgio Bernardino, o Serginho Chulapa, sempre representou um pesadelo para os adversários. Não apenas por ser um artilheiro implacável, mas também por causa de seu gênio irreverente e, às vezes, intempestivo. O fato é que Serginho foi o maior artilheiro que já vestiu a camisa do São Paulo, com 248 gols. Também fez a festa da torcida do Santos, onde anotou outras 100 vezes. Alto e de ótima colocação, Serginho sabia como ninguém proteger a bola dos beques até o chute fatal. Foi artilheiro do Paulistão pelo Tricolor em 1975 e 1977 (ambos com 22 gols) e pelo Peixe em 1983 e 1984 (com 22 e 16 tentos, respectivamente). No Campeonato Brasileiro de 1983, somou à sua coleção mais 22 gols. Serginho só não arrebentou mesmo na Seleção. Na Copa de 1982, na Espanha, talvez a única oportunidade em que não fez sua catimba característica, marcou apenas duas vezes.

CARECA

Craque para o mundo

Antônio de Oliveira Filho, o Careca, faz parte daquela linhagem de centroavantes técnicos que conjugam o excelente domínio de bola com um estupendo faro de gol. Por isso, é considerado um dos mais habilidosos artilheiros do futebol brasileiro em todos os tempos. Sua sina de marcar gols se fez presente logo na estréia profissional, em 1978, quando, com apenas 17 anos, conquistou o Campeonato Brasileiro pelo Guarani. É de sua autoria, inclusive, o gol da vitória na partida decisiva contra o Palmeiras. Passou ainda pelo São Paulo, onde conquistou mais títulos e conseguiu se sagrar artilheiro máximo do Campeonato Brasileiro de 1986, com 23 gols. Deixou o Brasil para formar uma dupla infernal com Maradona no Napoli da Itália. Jogou as Copas de 1986 (quando foi escolhido o melhor centroavante do torneio) e 1990. Hoje, ainda continua a marcar gols do outro lado do mundo, na Liga Japonesa.

ROBERTO DINAMITE

A explosão das redes

Bom cabeceador, ótimo chutador, excelente colocação dentro da área, precisão nas cobranças de falta, físico forte. Todas essas qualidades transformaram o garoto Carlos Roberto de Oliveira no fabuloso Roberto Dinamite, o maior artilheiro da história do Vasco. Foram 642 gols em 1033 partidas. Alguns antológicos, como o que marcou no último minuto do jogo com o Botafogo no dia 9 de maio de 1976: na frente da pequena área, matou a bola no peito, chapelou o zagueiro e fuzilou sem deixar cair no chão. Outros, de baciada, como os cinco que fez contra o Corinthians na partida que marcou sua volta para o Vasco depois de uma rápida passagem pelo Barcelona, da Espanha, em 1980. Como goleador nato, deixou ainda seu nome inscrito na galeria dos artilheiros dos Campeonatos Cariocas de 1978 (dezenove gols), 1981 (31) e 1985 (doze) e do Campeonato Brasileiro de 1974 (dezesseis). Dinamite, aliás, também é o artilheiro absoluto do Brasileirão com 190 tentos. Na Seleção atuou 48 vezes e marcou 26 gols.

ROMÁRIO

Homem-gol

Dono de um toque de bola genial e de uma língua tão afiada como navalha, Romário de Souza Farias é um goleador raro. Afinal, se tornou artilheiro por todo lugar que passou. A começar do Vasco da Gama, onde conquistou os campeonatos e a artilharia de 1987 e 1988, com vinte e dezesseis gols respectivamente. Depois, continuou a marcar gols e encabeçar a lista de goleadores no PSV Eindhoven, da Holanda, e no Barcelona, da Espanha. Pela Seleção Brasileira, conquistou a medalha de prata nas Olimpíadas de 1988, quando se tornou artilheiro da competição. Na Copa de 1994, tornou-se a maior estrela da Seleção e do Mundial.

BEBETO

Atacante moderno

Quem não conhece e vê José Roberto da Gama de Oliveira em campo não imagina que aquele físico franzino abrigue um esfomeado por gols. Assim é Bebeto, 1,74 m e 64 kg. A excelente noção de espaços e os deslocamentos compensam a dificuldade que encontra no embate corpo a corpo com os zagueiros adversários. Assim ele se tornou duas vezes artilheiro do Campeonato Carioca, em 1988, com dezessete gols, e 1989, com dezenove. Mas sua mais honrosa façanha foram os seis gols que lhe deram a artilharia da Copa América de 1989. No Mundial de 1994, dividiu com Romário a incumbência de garantir as vitórias.

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

entrando no lugar de Dida para o segundo tempo do jogo decisivo. Foi 1 a 0 para o Brasil, que ficou com a Copa. O capitão argentino, Nestor Rossi, foi categórico: "Pelé es el mejor".

Àquela altura todos aqui já sabiam, mas era preciso não estragar o menino.

Ainda em 1957, um jovem pugilista que recebera elogios ao representar o Brasil nos Jogos Olímpicos de Melbourne, Austrália, um ano antes, faz sua primeira luta como profissional. Nos anos seguintes ele subiria ao ringue 38 vezes para vencer 35 — 26 por nocaute — e empatar três. Em 1960, Éder Jofre, este era o seu nome, conquistaria o título mundial de peso-galo e o seu primeiro cinturão de campeão mundial. Era o primeiro brasileiro campeão mundial de boxe.

No dia 5 de outubro de 57, o mundo, incrédulo, ouvia pelo rádio, lia nos jornais os detalhes da primeira grande conquista na exploração do Espaço. A União Soviética, sem nenhum aviso, lançara com sucesso o primeiro satélite artificial da Terra — o Sputnik. Havia uma nova lua gravitando em torno do planeta.

O TIME que estreou contra a Áustria na Copa de 1958, na Suécia, não era um escrete assustador como o de 50. Não tínhamos mais um Zizinho, um Jair da Rosa Pinto. Mas era

FERNANDO PIMENTEL

DARIO

IGNÁCIO PEREIRA

ROBERTO

SERGINHO

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

ROMÁRIO

NELSON COELHO

CARECA

SÉRGIO SADE

BEBETO

★★★★

um bom time: Gilmar, De Sordi, Bellini e Nílton Santos; Dino Sani e Didi; Joel, Mazzola, Vavá e Zagalo.

Enfim, um time preparado para vencer. Cientificamente. Sob o comando de Paulo Machado de Carvalho, mais tarde o "Marechal da Vitória". A equipe era treinada por Vicente Feola, que Nelson Rodrigues chamou de "Gordo Salvador".

Vencemos a Áustria por 3 a 0. Contra a Inglaterra, no jogo seguinte, empate sem gols. Aí , Didi, Zito e Nílton Santos prensaram Feola e Paulo Machado de Carvalho. Saísse quem saísse do time, queriam Zito, Garrincha e Pelé em campo.

Feola atendeu: saíram Dino Sani, Mazzola e Joel. O Brasil ganhou o jogo seguinte, contra a União Soviética, por 2 a 0. Vavá marcou os dois gols, mas Garrincha foi a maior figura em campo.

Nas quartas-de-final, uma vitória suada contra o País de Gales: 1 a 0, gol de Pelé, que não jogou nada parecido com as melhores partidas de sua vida. Comentando o jogo de uma cabine de rádio, o ex-craque Leônidas esbravejava: "Pelé tem de sair do time".

NÃO SAIU. Marcou três gols da vitória sobre a França (5 a 2), outros dois na vitória sobre a Suécia (5 a 2) e fomos campeões do mundo.

TERROR DOS GOLEIROS

O segredo de um bom chute está na mistura precisa entre força e jeito. Simples? Nem tanto. Poucos jogadores conseguiram combinar tão bem os dois ingredientes para transformar seus chutes em gols. Muitas vezes, a potência do chute era mais uma qualidade de um craque de vasto repertório, caso notório de Rivelino. Outras vezes, a bomba se constituía no principal cartão de visitas do jogador. Neto, por exemplo, sempre passou boa parte do jogo se arrastando em campo para decidir a partida em um único e indefensável tirombaço

PEPE

O Canhão da Vila

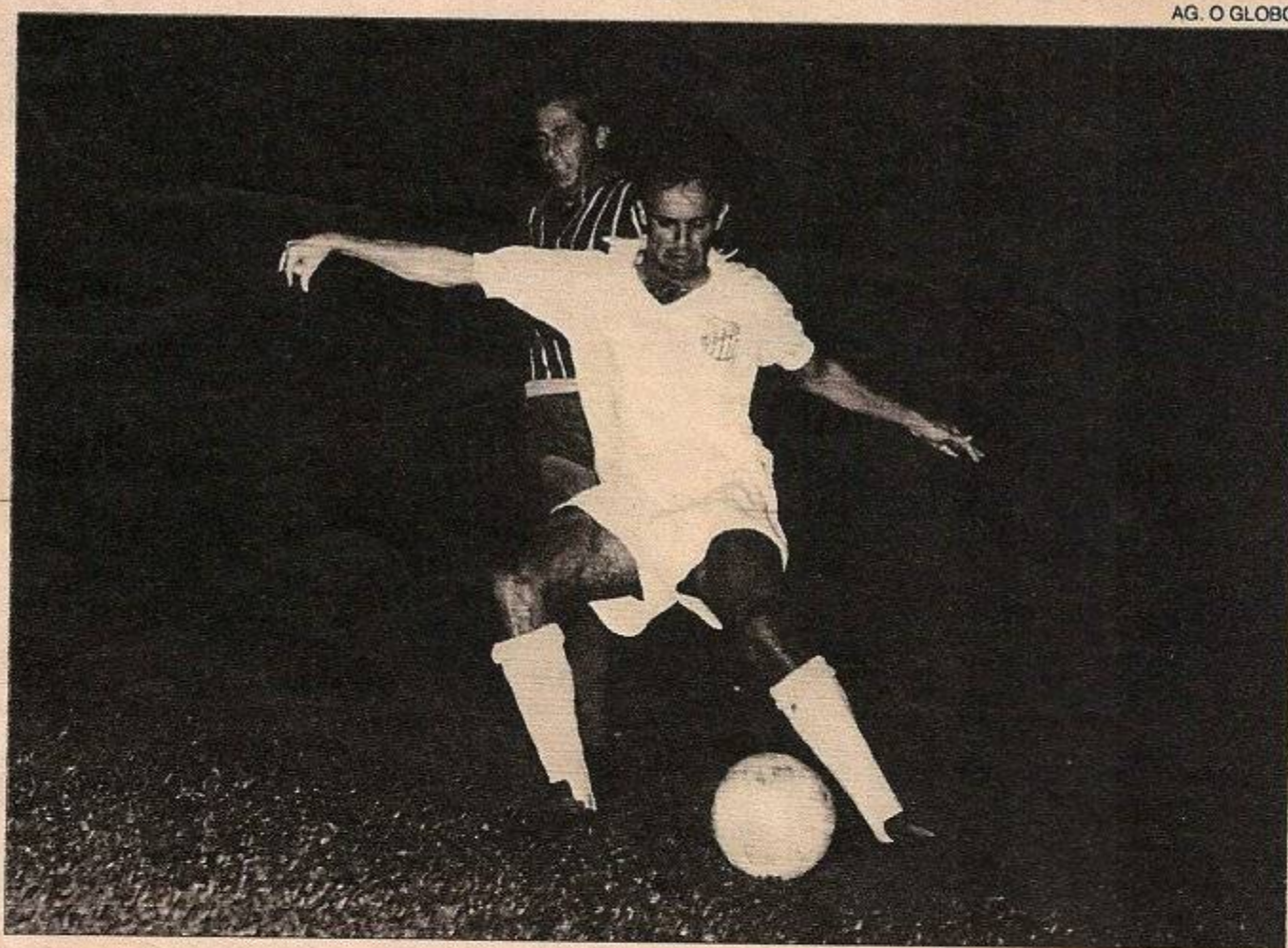
O Santos estava perdendo por dois a zero para o Milan, da Itália, no Maracanã, na decisão do bicampeonato mundial interclubes em 1963. Ao Peixe não restava outra opção que não fosse a vitória, pois já havia sido derrotado na primeira partida. Para piorar, não contava com Pelé, machucado. Mas o Santos tinha José Macia, o Pepe, dono de uma bomba no pé esquerdo. E ele fez a diferença naquele jogo histórico, no qual o Santos virou a partida para quatro a dois, com dois gols de falta de Pepe. Ponta-esquerda goleador, é o segundo maior artilheiro da história do Santos, com 405 gols em 250 jogos. Só perde mesmo para o Rei. Tem dez Campeonatos Paulistas, duas Libertadores, dois Mundiais, cinco Brasileiros. Na Seleção, foi bicampeão mundial (1958 e 1962) mas sem jogar porque estava machucado, embora fosse o titular. O Canhão da Vila Belmiro marcou 22 gols em quarenta jogos com a camisa amarela.

HÉRCULES

O Dinamitador

Dono de um canhão no pé esquerdo e de um torpedo no direito. Assim o ponta-esquerda Hércules de Miranda era conhecido e temido pelos adversários. Daí o apelido de O Dinamitador. Hércules começou a jogar na várzea paulista, passando em seguida a vestir as camisas do Juventus e do São Paulo. Mas a fase mais gloriosa de sua carreira aconteceu no Fluminense, onde se tornou o artilheiro da campanha do tricampeonato de 1936, 1937 e 1938 com 56 tentos.

Tudo graças principalmente aos seus gols de falta, cobrados de qualquer lugar do campo. O Dinamitador jogou seis vezes pela Seleção, marcando três gols.

AG. O GLOBO

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

Na política, a coisa andava preta. Em protesto contra a ineficácia dos políticos e os escândalos dos quais eles eram protagonistas, a população paulistana fizera do rinoceronte Cacareco, habitante do Zoológico Municipal, o "vereador" mais votado das eleições de 58, com mais de 100 mil votos — 5 mil a mais do que o *partido* mais votado conseguira.

O Continente também sofria importantes alterações políticas. No dia 2 de janeiro de 1959, as tropas de Fidel Castro e Ernesto "Ché" Guevara entravam em Havana para derrubar o governo de Fulgêncio Batista.

Durante o início dos anos de ouro do futebol brasileiro, São Paulo e o Rio de Janeiro monopolizaram as competições e os títulos nacionais. Criado em 1950, o Torneio Rio-São Paulo, batizado de Torneio Roberto Gomes Pedrosa a partir de 1955, foi o único campeonato interclubes de cunho nacional até 1959. Naquele ano, a Confederação Sul-Americana de Futebol lançou as bases para a disputa da Taça Libertadores da América, destinada a confrontar todos os campeões nacionais do Continente.

ERA PRECISO criar um campeonato nacional. Surgiu então a Taça Brasil. No primeiro ano da disputa, que foi 1959, o campeão foi o Bahia.

J. B. SCALCO

AUREMAR DE CASTRO

RICARDO CORREA

ÉDER
O Exocet brasileiro

O ponta-esquerda Éder Aleixo de Assis não cansava de assombrar os adversários com seu chute fortíssimo, dado de qualquer distância ou lugar do campo. Daí ter ganho durante a Copa de 1982 o apelido de Exocet, nome do míssil que causou enorme destruição na guerra das Malvinas. Realmente, destruição era o que Éder causava nas barreiras e defesas mais fechadas. Mas seus chutes não possuíam apenas força. Basta lembrar do gol que marcou na vitória brasileira contra a Escócia, no Mundial da Espanha. Recebeu a bola livre na entrada da grande área, armou a bomba e...tocou levemente por cima do goleiro. A maior deficiência de Éder, entretanto, era o gênio tão estourado como as bombas de pé esquerdo. Por isso, depois de uma boa fase no Atlético Mineiro (entre 1980 e 1985), iniciou um périplo por vários clubes, voltando recentemente ao Galo, porém sem nunca mais manter a regularidade das exibições que lhe deram fama.

NELINHO
O Canhão das Américas

O gol mais bonito da Copa de 1978 não foi marcado por nenhum atacante ou ponta-de-lança, mas por um lateral. Na decisão do terceiro lugar em que o Brasil venceria a Itália por 2 a 1, Nelinho recebeu a bola na altura do bico da grande área e caminhou pela ponta. Só que em vez de cruzar, ele chutou direto. A bola descreveu uma curva inacreditável e morreu nos fundos da rede italiana. O Canhão das Américas, como Manoel Rezende Matos Cabral passou a ser chamado, deixava mais uma vez sua marca inconfundível: golaços marcados com chutes fortíssimos e venenosos. Nelinho começou no Cruzeiro, onde foi campeão da Libertadores, passou pelo Grêmio e Atlético Mineiro. Conseguiu ainda a proeza de chutar uma bola para fora do Mineirão. Na Seleção, era um lateral artilheiro. Marcou seis gols em 21 jogos oficiais.

NETO
Mestre das faltas

Bola parada perto da grande área se transforma em pênalti nos pés de José Ferreira Neto, ou simplesmente Neto, um dos melhores cobradores de falta que já surgiu no futebol brasileiro. Que o digam os goleiros. Que o diga o Corinthians, que por muito tempo sobreviveu apenas do pé esquerdo de Neto. Podem-se creditar a ele, inclusive, os maiores méritos na campanha que deu ao Timão seu único Campeonato Brasileiro (1990). Lançador excelente e com bom faro de gol, Neto sempre teve de enfrentar uma guerra pessoal com a balança. O excesso de peso atrapalha suas atuações e coloca a torcida contra. Disputou algumas partidas pela Seleção, mas nunca conseguiu se firmar. Este ano foi contratado pelo Santos.

★★★★

Nenhuma semelhança é mera coincidência. No primeiro dia de 1960, em mensagem de Ano Novo à Nação, o presidente Juscelino Kubitschel dizia o seguinte: "O ano que se inicia será dedicado a recuperar o valor da moeda, deter a inflação e equilibrar as despesas públicas, sem prejuízo das medidas necessárias ao desenvolvimento nacional".

Os anos 60, que estavam destinados a testemunhar profundas mudanças nos cenários mais diversos do país — artes, política, economia e cultura — começaram com o impensável: a Capital do país deixava de ser o Rio de Janeiro e deslocava-se para uma cidade inteiramente nova, recém construída à beira de um lago também artificialmente formado no remoto Planalto Central do país. No dia 21 de abril de 1960, diante da cruz usada na primeira missa rezada no Brasil, especialmente trazida de Braga, em Portugal, ao som do sino que, segundo os organizadores da cerimônia, dobrara por Tiradentes, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira inaugurou a maior obra de seu governo: Brasília.

EM 1961, o Santos de Pelé conquistou pela primeira vez a Taça Brasil. Estava começando a mais sensacional campanha internacional de uma equipe brasileira.

Na política, ao contrário, iniciava-se o

JOGADAS QUE TÊM DONO

Foi só a bola inglesa desembarcar aqui e já nasciam as criações diabólicas em campo. Começa com a chaleira

Garrincha recebe a bola, dribla um, passa pelo goleiro. O gol aberto. Só que o camisa 7 espera. Espera o zagueiro que corre desesperadamente para cortar o lance. Outro drible e o defensor se espatifa contra a trave. Aí, então, Mané faz o gol. Aquele lance ocorrido contra a Fiorentina, da Itália, numa partida preparatória para a Copa da Suécia é um dos melhores exemplos da fascinação que o drible exerce sobre o jogador brasileiro. O drible, a finta, o chute de efeito, a jogada espetacular. Não há como negar a virtuosidade do nosso craque com a bola nos pés. Confira os lances que, muitas vezes, valem mais do que um gol:

CHARLES OU CHALEIRA Lance em que o jogador toca a bola a meia-altura com a sola ou o lado externo do pé, durante uma corrida ou para iniciar o pique. Foi inventado por Charles Miller, sendo, nos primórdios do futebol brasileiro, chamado de "charles". Com o tempo, virou chaleira.

CANECO Lance de extrema habilidade no qual o jogador prensa a bola com um pé sobre o calcanhar do outro pé, dá um giro, levantando a pelota e fazendo-a descrever uma curva sobre a cabeça do adversário posicionado a sua frente. Bastante raro durante as partidas, embora conhecido por todo jogador virtuoso. Mazzola, centroavante do Palmeiras e da Seleção Brasileira no final da década de 50, apreciava muito aplicar o drible nos jogos. Assim como o ponta-direita Kaneko, jogador do Santos no final dos anos 60, que imortalizou a jogada e emprestou-lhe o nome.

ELÁSTICO Drible consagrado pelo craque Roberto Rivelino. O jogador fica de lado para o adversário. Com a parte externa do pé, leva a bola para o lado e, de repente, com a parte interna, traz de volta, enganando o marcador. "O lance serve para sair de uma situação difícil ou então para desmoralizar o marcador", explica Riva, que certa vez usou o elástico para escapar de uma marcação cerrada de Kevin Keegan, considerado um dos maiores jogadores da história da Inglaterra. "Depois do drible, ele não chegou mais perto". Mas Rivelino não foi o inventor da jogada. O mérito cabe ao ex-jogador Sérgio Echigo, que jogou nos aspirantes do Corinthians. "O Echigo era um ponta-direita que jogava demais. Para ter uma idéia, ele aplicava o elástico com os dois pés, parado ou na corrida", recorda Riva.

TRIVELA Chute dado com "três dedos", para que a bola ganhe efeito e descreva trajetória curva. Um dos jogadores mais famosos pelos passes e jogadas de efeito foi Ipojucan, armador do Vasco da Gama no final dos anos 40 e começo dos 50. Alto e magro, a trivela compensava sua movimentação lenta em campo. Mas a jogada está no repertório de todo jogador habilidoso. "Às vezes, eu estava na lateral e chutava a bola de trivela. Ela passava alta, por trás do bandeirinha e caía dentro do campo. Ele dava lateral e a torcida, que não tinha percebido a bola sair, vaiava. Ele olhava com raiva para mim. Fazer o quê?", diverte-se o craque Nílton Santos.

LETRA Chute dado com um pé passando por trás do outro. Usado muitas vezes para cruzamentos, nos casos em que o jogador é "cego" do pé que deveria alçar a bola para a área.

GOL DE LETRA Gol marcado quando o jogador deixa a bola passar no meio das pernas, desviando-a levemente com o calcanhar ou a parte interna do pé antes que escape.

BELFORT Jogada típica do início do futebol em que o defensor dava um chutão para a frente de sem-pulo, numa rápida inversão dos pés. Era tão usada pelo jogador Belfort Duarte, campeão pelo América em 1913, que acabou ganhando seu nome.

DOMINGADA Jogada arriscada em que o zagueiro tenta o drible dentro da própria área. Com Domingos Da Guia, seu "inventor", era demonstração de frieza e habilidade. Depois de Domingos, entretanto, os zagueiros que tentavam driblar os atacantes geralmente perdiam a bola e propiciavam o gol para os adversários. Por isso, hoje, a domingada ganhou a conotação de irresponsabilidade. Muito praticada no sentido atual pelo zagueiro Júnior Baiano, do São Paulo.

PEGADA Jogada peculiar do jogador Marcos de Mendonça, primeiro goleiro da Seleção Brasileira. Consistia em

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

período mais louco a que a República já assistira. Com seu estilo circense, o paulista Jânio Quadros vence as eleições presidenciais de janeiro de 1961 com mais de 5 milhões de votos. É empossado no dia 31 de janeiro para, no dia 25 de agosto daquele mesmo ano, renunciar dramaticamente a seu mandato, mergulhando o país na mais profunda e duradoura crise de sua História.

No futebol, o Santos já era, desde 55, a maior força de São Paulo. Tinha sido, inclusive, campeão em 1956. Mas com Pelé o time foi às alturas. Entre 1958 e 1962, o Santos ganhou quatro dos cinco campeonatos estaduais que disputou. Só naquele período o time marcou 458 gols — 172 de Pelé.

Não é de admirar que o Santos tenha massacrado, um a um, todos os adversários que encontrou na Taça Libertadores da América de 62, até chegar à final contra o Peñarol do Uruguai. O Santos venceu o primeiro jogo por 2 a 1. O Peñarol, raçudo como manda a tradição dos uruguaios, venceu o segundo por 3 a 2. No desempate, o Santos venceu: 3 a 0. Estava habilitado a disputar o Campeonato Mundial Interclubes com o Benfica de Eusébio — o maior jogador de todos os tempos em Portugal.

VIERAM as duas partidas contra o campeão europeu. No Maracanã, deu San-

A FOLHA-SECA, *marca registrada de* **DIDI**, *faz essa curva, e aqui mata o Peru e nos classifica em 1957*

pegar a bola um pouco de lado, amortecendo-a. Trazida pela mão direita, a bola se encaixava na asa do braço esquerdo. "Pegada complicada e debochativa", segundo descreveu o cronista esportivo Mário Filho.

PONTE-AÉREA Salto espetacular no qual o goleiro fica praticamente com o corpo paralelo ao solo na tentativa de apanhar a bola. O nome homenageia o goleiro Pompéia, campeão pelo América em 1960. Dono de impulsão fabulosa e estilo acrobático, Pompéia era chamado de Ponte-Aérea ou Constellation (nome de um avião).

CALCANHAR Bater na bola com o calcanhar. No anos 50, o recurso era bastante utilizado pelo armador Ipojucan, do Vasco, Portuguesa de Desportos e da Seleção. A redescoberta do calcanhar, entretanto, cabe ao jogador Sócrates, que tornou o lance sua marca registrada.

CURVITA Chute venenoso que fez a fama do ponta-direita Cláudio Christovam do Pinho, artilheiro máximo da história do Corinthians com 295 gols. Cláudio batia faltas com a parte interna do pé, fazendo com que a bola passasse por cima da barreira e descrevesse uma trajetória inesperada. A curvita mais famosa aconteceu num jogo Corinthians versus Benfica, no dia 10 de julho de 1955. A cobrança do corinthiano enganou completamente o goleiro Costa Pereira: "A bola fez uma curvita", explicou o português. Estava batizada a jogada.

BICICLETA Salto acrobático em que o jogador chuta a bola no ar e para trás, ficando de costas para o chão. Inventado por Petronilho de Brito, ponta-de-lança que jogou na década de 20 e 30 em alguns clubes extintos de São Paulo e no San Lorenzo da Argentina. Mas foi com Leônidas da Silva que a jogada ganhou fama e se espalhou pelo mundo. "A bicicleta de Leônidas era um fenômeno. Ele ia a quase dois metros de altura", testemunha o jornalista Luiz Ernesto Kawall, presente no Pacaembu quando o Diamante Negro marcou seu primeiro gol de bicicleta vestindo a camisa do São Paulo, no ano de 1942.

FOLHA-SECA Chute que sobe e cai inesperadamente, como uma "folha seca". É dado com a ponta do pé, quase de bico, pegando no meio da bola e cortando-a de raspão, de um lado para o outro. Foi criado pelo jogador Didi que costumava usá-lo nos lançamentos e nas faltas. "A jogada surgiu em conseqüência de uma contusão. Meu pé estava inchado há dias e doía quando eu chutava normalmente. Então, comecei a chutar diferente, para não doer. Aperfeiçoei tão bem o chute que os goleiros já ficavam desanimados quando eu partia para bater uma falta", conta Didi. O mais famoso gol de folha-seca data das eliminatórias para a Copa da Suécia. Faltavam apenas 8 minutos para o jogo contra o Peru acabar e o placar marcava um angustiante zero a zero. Sem vencedor, a vaga iria para sorteio. O silêncio do Maracanã só é quebrado quando Didi cobra uma falta com seu jeito especial e marca o gol da vitória.

BALÃOZINHO Lance que consiste em, com um dos pés, puxar a bola sobre o outro para levantá-la e chutá-la por baixo. Assim, a pelota vai por cima do adversário. Era um expediente bastante utilizado pelo lateral Djalma Santos quando cercado pelos adversários.

CHAPÉU Drible que consiste em tocar a bola rente à cabeça do adversário e pegá-la do outro lado sem deixar que caia no chão. Um dos mais célebres lances de chapéu foi de autoria do ponta-direita Vivinho, do Vasco. Contra a Portuguesa, em 1988, Vivinho chapelou o defensor para a direita, chapelou de novo para a esquerda e chutou de canhota, tudo sem deixar a bola cair no chão. Um golaço que entrou para a história. Depois dele, Vivinho voltou para o anonimato.

★★★★

tos, fácil, 4 a 2. Em Lisboa, pasmem, mais fácil ainda: 5 a 2 com três gols de Pelé. O Peixe era campeão do mundo.

Em 1963 já eram os dois primeiros classificados nos campeonatos nacionais de cada país que tinham direito à disputa da Libertadores. Na Taça Brasil deu Santos de novo. Em segundo, o Botafogo do Rio de Janeiro.

E foi aquele notável esquadrão do Botafogo, com Garrincha, Didi, Amarildo e Zagalo, campeão carioca de 1962 e 1963, que o Santos teve de vencer , na semifinal da Libertadores, para conquistar o direito de disputar a o título com o Boca Juniors (Santos 3 a 2 e 2 a 1) e, depois, seu segundo Mundial.

Lá se ia o Santos, mais uma vez, medir forças com um campeão da Europa, desta vez o poderoso Milan da Itália, reforçado por dois brasileiros cheios de razões para brigar: Amarildo, que, no Botafogo, perdera para o Santos a vaga nesse mesmo mundial, e Mazzola, que cedera a Pelé sua vaga na Seleção campeã de 1958.

Na Itália deu 4 a 2 para o Milan, apesar dos dois gols de Pelé. No Maracanã, 4 a 2 para o Santos, depois de estar perdendo por 2 a 0, sem Pelé (machucado). Era preciso desempatar e a terceira partida foi disputada no próprio Maracanã, 48 horas depois do último

ORGANIZANDO O JOGO

No início, era o caos. Caos tático, bem entendido — uma correria louca atrás da bola, rumo ao gol adversário. Quando o jogo virou competição, aí entraram em cena os esquemas táticos e os treinadores

Quando as primeiras bolas começaram a quicar no Brasil, a palavra tática não se aplicava ao futebol. O que importava era a diversão. Por isso, todos corriam atrás da pelota, com muita vontade mas sem nenhuma organização. Conforme o esporte passava de simples entretenimento para competição, a necessidade de estratégias de jogo precisou ser suprida.

Os mesmos homens que introduziram o futebol no país (Charles Miller, Oscar Cox e Hans Nobiling) se tornaram nossos primeiros treinadores — mantendo simultaneamente seus lugares no time, é claro. Nesse tempo, vigorava a formação clássica (goleiro, dois zagueiros, três médios e cinco atacantes). Tempo de chutões para a frente e muitos gols. A ordem era atacar. A primeira variação desse esquema recuou um dos zagueiros, ficando com um beque de escora e um beque de avanço, e dois atacantes, ficando dois meias ofensivos. O homem mais importante, então, era o centro-médio. Tinha que reunir virtudes como habilidade nos passes, liderança em campo e fôlego fantástico. O maior centro-médio do futebol brasileiro foi Fausto, o Maravilha Negra.

O esquema perdurou até o início da década de 40, embora na Inglaterra, já em 1925, Herbert Chapman, técnico do Arsenal, tivesse recuado o centro-médio para a zaga (goleiro, três zagueiros, dois médios, dois meias, três atacantes). No quadro negro, a disposição dos jogadores formava um WM. A nova filosofia só chegou ao Brasil em 1937, quando o Flamengo contratou o técnico húngaro Dori Kruschner. O WM, entretanto, naufragou quando o novo treinador tentou recuar justamente o centro-médio Fausto. O Maravilha Negra não aceitou o "demérito" da nova posição e foi afastado do time. Enquanto isso, Flávio Costa, o antigo treinador rubro-negro que passou a simples auxiliar com a chegada do húngaro, fazia velada pregação contra. Kruschner acabou a vida trabalhando como preparador físico.

O WM era uma realidade inescapável, mas precisou que, em 1941, o Flamengo e o Fluminense levassem um vareio de bola num torneio em Buenos Aires para os brasileiros se convencerem. Foram oito jogos e sete derrotas. Os treinadores Flávio Costa, do Fla, e Ondino Vieira, do Flu, compreenderam que precisavam se adaptar aos novos tempos e, de volta ao Brasil, implantaram uma variação do WM conhecida como Diagonal (goleiro, três zagueiros, um volante, dois meias, um ponta-de-lança, três atacantes). O grande astro que surgiu com a diagonal foi o ponta-de-lança Ademir de Menezes.

Alguns estudiosos, inclusive, acreditam que a presença de Ademir de Menezes no ataque tenha sido responsável pelo recuo de mais um defensor e a formação do 4-2-4. Na verdade, o esquema já havia sido utilizado pelo fantástico escrete húngaro que encantou o mundo na Copa de 1954. A derrota da Hungria sepultou temporariamente o 4-2-4, revivido apenas em 1958, com a vitória do Brasil na Suécia. A partir daí, a Seleção se tornou a grande referência para os clubes.

Mas o 4-2-4 brasileiro tinha uma peculiaridade: o ponta-esquerda Zagalo recuava para ajudar o meio-de-campo. Nascia assim o 4-3-3, com um dos pontas sendo substituído por um ponta-de-lança. Pelé e Zico exerceram essa função. Mas para compensar o recuo dos pontas, os laterais começaram a avançar. Em 1958, o espaço deixado por Zagalo abria uma avenida para que Nílton Santos progredisse e até marcasse gol, como aconteceu no primeiro jogo, contra a Áustria.

O futebol brasileiro jogou assim até 1986, quando Telê Santana resolveu fechar o meio-de-campo da Seleção Brasileira com dois volantes defensivos, deixando apenas dois homens na frente. Perdeu mais um Mundial, mas aplicou o esquema com sucesso no time do São Paulo, bicampeão do mundo interclubes em 1992/3.

Houve, é claro, a invenção do técnico Sebastião Lazaroni, que, na Copa de 1990, resolveu introduzir na Seleção Brasileira o líbero (um jogador atrás da linha de beques). A lazaronice proporcionou uma das piores classificações do Brasil em Copas do Mundo, eliminado logo nas oitavas-de-final.

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

encontro.

FOI UM JOGO duríssimo, truncado. No final, deu Santos: 1 a 0 com gol de pênalti cobrado por Dalmo. Um pênalti, aliás, duvidoso. Mas justiceiro, depois de Pelé, Calvet e Zito terem sido afastados do time pela violência dos italianos no jogo anterior. Era o bicampeonato mundial.

No dia 22 de novembro de 1963, primeiro pelos teletipos dos consulados norte-americanos em todo o Brasil, depois pelas agências internacionais, a notícia patética: o presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, fora assassinado a tiros durante uma visita a Dallas, no Texas.

O Brasil vivia tempos de grande tensão. A renúncia de Jânio e a posse de João Goulart, duramente negociada com militares e conservadores que não desejavam o gaúcho no poder, abrira caminho para a interrupção de tudo o que o país já conseguira em direção à ordem democrática. Desde que tomara posse, em 7 de setembro de 61, Jango tivera de se limitar a assistir, durante 14 meses, à indefinição do governo parlamentarista exigido pelos militares para aceitar sua posse. No dia 31 de março de 1964, depois de quase dois anos de greves, discursos populistas e desafio às Forças Armadas, ele foi deposto por um golpe militar.

OS MAIORES DESTAQUES

O futebol brasileiro produziu técnicos estrategistas, bonachões, teóricos, paternais, carrascos, retranqueiros, teimosos e muitos incompetentes. Aqui estão os que, por um motivo ou por outro, mais se destacaram

GENTIL CARDOSO, acima, punha a boca no megafone e foi o primeiro a rabiscar esquemas na lousa. **KRUSCHNER**, ao lado, trouxe o WM da Europa mas durou pouco no Flamengo

FLÁVIO COSTA teve muito poder

LUCIANO ANDRADE

AYMORÉ foi campeão mundial

GENTIL CARDOSO *O Mestre*

Quando se fala que o introdutor do WM no Brasil foi Dori Kruschner, muita gente protesta. Reclamam a glória para o mulato Gentil Cardoso, que teria entrado em contato com a tática numa de suas viagens à Europa na época em que era marinheiro. Não se sabe se isso realmente aconteceu, o que se pode afirmar com certeza é que Gentil era um mestre. Foi, inclusive, o primeiro a explicar estratégia para os jogadores rabiscando um quadro negro, quando ainda treinava o time do Bonsucesso. Em 1946, contratado pelo Fluminense, Gentil prometeu: "Dêem-me Ademir (de Menezes) que lhes dou o título". Ademir veio e o tricolor foi campeão. No Vasco conquistou o campeonato em 1952.

DORI KRUSCHNER *O Revolucionário*

O húngaro Dori Kruschner chegou ao Brasil em 1937 prometendo uma revolução. Contratado pelo Flamengo, trazia na cabeça a fórmula que tinha mudado o futebol europeu: o WM. Mas trombou de frente com o craque Fausto. O centro-médio rubro-negro já não conseguia o fôlego de antes e a saída era recuá-lo para a linha de zaga. Fausto não aceitou e acabou fora do time. O episódio serviu para incompatibilizar Kruschner com a torcida e a imprensa. Passou ainda pelo Botafogo, onde terminou como preparador físico.

FLÁVIO COSTA *O Dono do Time*

Ninguém foi mais poderoso que ele no futebol brasileiro na década de 40. Exercia um domínio que rivalizava com o dos dirigentes. Assim, criou o departamento de futebol no Flamengo e conquistou quatro Campeonatos Cariocas. No Vasco, comandou o Expresso da Vitória em três títulos estaduais. Também na Seleção mandava e desmandava. Só não conseguiu exercer sua autoridade na partida final da Copa de 50, em que sua Seleção perdeu o título. Pouco depois, numa partida Vasco e América pelo Campeonato Carioca de 1950, o armador vascaíno Ipojucan teve uma crise de choro no intervalo de jogo. Flávio, então, encheu a cara de Ipojucan de bolachas e fez o jogador voltar a campo.

AYMORÉ MOREIRA *O Bicampeão*

Durante o Sul-Americano de 1953, Aymoré Moreira tentou inovar escalando dois times diferentes nas partidas. "Um é tão bom como o outro", gabava-se. Acabou perdendo o torneio e brigando com todo mundo: jornalistas, dirigentes e jogadores. Mas Aymoré aprendeu a lição e, em 1962, era de novo o técnico da Seleção. Foi bicampeão mundial, com as bênçãos de Garrincha.

ZEZÉ MOREIRA *O Retranqueiro*

O nome de Zezé Moreira serviu para batizar muitos Judas em sábado de Aleluia em 1952. Tudo por causa de um empate com o Peru, no Campeonato Pan-Americano. Mas Zezé acabou trazendo o título para o Brasil, o primeiro da Seleção con-

★★★★

NO FUTEBOL não havia crise, mas o Santos não reeditaria os feitos de 1962 e 1963, embora, dentro do país, continuasse a ser o mesmo papão de títulos. Até 1965, seria pentacampeão da Taça Brasil. Entre 1964 e 1969 venceu mais cinco Campeonatos Paulistas, um bi e um tri. A série só foi quebrada em 1966 pela surpreendente Academia palmeirense de Ademir Da Guia.

Também na Taça Brasil, um outro esquadrão haveria de surpreender o Santos. O Cruzeiro de Belo Horizonte goleou o time de Pelé por 6 a 2, no Mineirão, com o Rei e tudo. Mas a verdade é que o Cruzeiro já tinha Tostão, Piazza e Dirceu Lopes. A Taça ficou em muito boas mãos.

Em 1966, veio a Copa do Mundo disputada na Inglaterra. A anárquica preparação da Seleção Brasileira não tardou a render seus maus frutos.

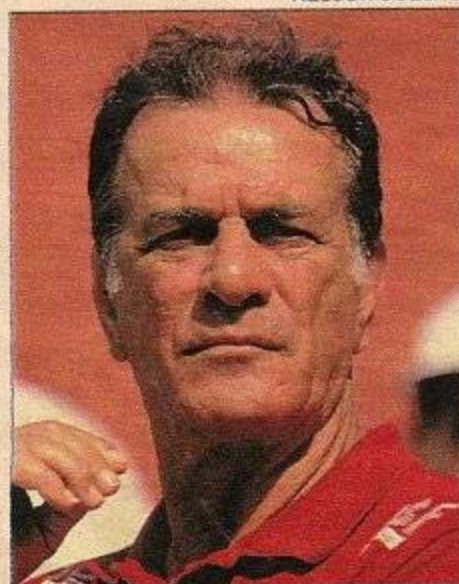
Depois de vencer a Bulgária, vieram duas derrotas. A primeira para a Hungria e a segunda para Portugal. O Brasil deixava a Copa e uma única justificativa: Pelé fora impiedosamente caçado pelo seu marcador, Morais, no jogo contra Portugal.

COM O JUIZ validando um gol inexistente — a bola não entrou — a Inglaterra venceu a partida final contra a Alemanha. Quer dizer: há outro tetracampeão mo-

RODOLPHO MACHADO

ZEZÉ MOREIRA tinha fama de retranqueiro

CARLOS NAMBA

NELSON COELHO

COUTINHO, ao lado, quis modernizar. **TELÊ**, acima, preserva o show. E **OTO** exaltava o coletivismo

quistado no exterior. Com fama de retranqueiro, Zezé, na verdade, reformulou o futebol brasileiro com a introdução da marcação por zona.

CLÁUDIO COUTINHO *O Teórico*

Overlaping, alas, ponto futuro, polivalência. Todas essas expressões passaram a freqüentar o vocabulário brasileiro quando Cláudio Coutinho assumiu o comando da Seleção Brasileira em 1978. Com ele, o Brasil fez uma campanha irregular na Copa da Argentina, mas ainda conquistou a terceira colocação. "Somos campeões morais", afirmou Coutinho. Ele só conseguiu deixar a condição de teórico quando montou o time do Flamengo, base da equipe que se tornaria campeã mundial em 1991.

TELÊ SANTANA *O Melhor*

Único treinador que perdeu uma Copa e voltou a dirigir a Seleção Brasileira em outro Mundial, Telê Santana representa uma unanimidade, até entre os seus muitos desafetos: é considerado o maior treinador da história do futebol brasileiro. As derrotas de 1982 e 1986 deram a ele a fama de azarado. Mas o bicampeonato mundial do time do São Paulo pulverizou qualquer possibilidade de considerá-lo pé-frio. Estrategista perfeito, Telê cobra muito dos seus atletas. Em seu currículo ostenta o feito inédito de ter sido campeão nos quatro grandes centros: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

ZAGALO *O Defensivista*

Como ponta-esquerda, Mário Jorge Lobo Zagalo era um bom meia. Bicampeão do mundo como jogador, conquistou o tri no comando técnico da Seleção de 70, uma equipe montada pelo seu antecessor, João Saldanha. Extremamente zeloso com a defesa, Zagalo sempre levou a pecha de retranqueiro. Na Copa de 74, antes de enfrentar o carrossel holandês, menosprezou o adversário: "Os jogadores da Holanda fazem muito tico-tico-no-fubá". Perdeu de dois a zero. Agora, depois de ser coordenador da Seleção nos Estados Unidos e se transformar no único tetracampeão do mundo, reassumiu a função de técnico da CBF.

OTO GLÓRIA *Tipo exportação*

Oto Glória, nos anos 40, teria prosseguido no basquete, seu esporte favorito, se o amigo Flávio Costa não o tivesse convidado para ser seu auxiliar no Vasco. Oto topou na hora, iniciando assim a carreira de um dos mais inteligentes técnicos que o Brasil já teve. Oto não criou táticas revolucionárias, mas introduziu no futebol o sentido de coletividade do basquete. Sua fase mais brilhante, entretanto, se deu longe daqui, na Europa, onde treinou o Benfica, Porto, Sporting, Belenenses, Atlético de Madri, Paris Saint Germain e Olympique de Marselha. No comando da Seleção de Portugal, Oto venceu oBrasil e conquistou o terceiro lugar na Copa da Inglaterra.

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

ral de futebol.

O mundo passou por maus pedaços durante o ano de 1967. No Oriente Médio, 13 países árabes, liderados pelo Egito e a Síria, atacam Israel, no dia 5 de junho, iniciando a chamada Guerra do Yom Kippur, que haveria de acabar com a vitória israelense e a tomada da Faixa de Gaza, as montanhas de Golan e os territórios palestinos sobre os quais só recentemente, quase 30 anos depois, judeus e palestinos começam a chegar a um acordo.

No futebol, pelo contrário, começava uma fase de ouro. O Botafogo que surgiu em 1967 era novo e fenomenal. Era o Fogão de Gérson, Jairzinho, Paulo César, Roberto, etc. O time foi bicampeão carioca e campeão da Taça Brasil. Material humano, como se vê, não faltava no país. E foi com base no Santos de Pelé, no Cruzeiro de Tostão e no Botafogo de Gérson que João Saldanha esculpiu o esquadrão imbatível que foi à Copa de 1970. Esse time de feras disputou seis partidas — contra a Venezuela, Paraguai e Colômbia — em 1969, pelas eliminatórias do mundial. Ganhou todas.

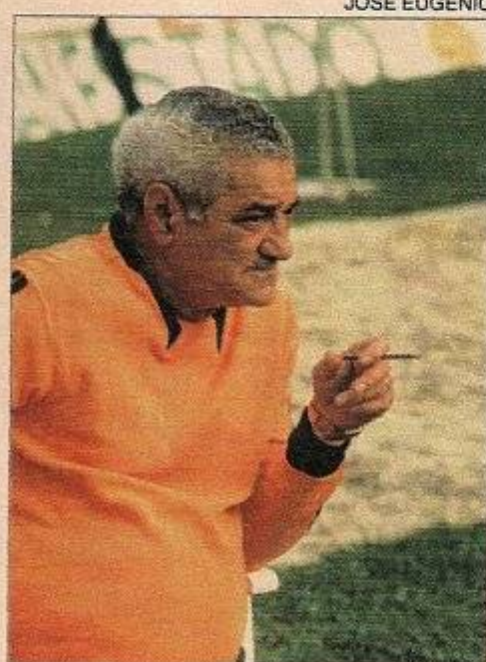
Aquele 1969, aliás, foi um ano brilhante. O impensável aconteceu e, mais, pintou na tela da televisão mundial. Não foram poucos os que, mesmo vendo Neil Armstrong e

RODOLPH MACHADO

ZAGALO, o único tetracampeão (mesmo) do mundo

MARTIM FRANCISCO teria sido o inventor do 4-2-4

JOSÉ EUGÊNIO

FEOLA, acima, ganhou a Copa de 58. E TIM revolucionou a função dos pontas

RONALDO KOTSCHO

BRANDÃO tratava os jogadores como filhos e deu ao Corinthians o seu título mais dramático. PARREIRA ganhou a Copa de 94 com a defesa fechada e o ataque isolado

MARTIM FRANCISCO *O Professor*

Martim Francisco Ribeiro de Andrada Sobrinho era diferente de todos os técnicos. Bacharel em direito e psicologia, Martim vinha de uma das mais tradicionais famílias mineiras. Por isso, era chamado de Lorde. Mas foi a grande capacidade de estrategista que lhe valeu seu mais conhecido apelido, Professor. Sua maior contribuição foi a invenção de um desenho tático revolucionário, o 4-2-4, com o qual levou o modesto time do Vila Nova a se sagrar campeão mineiro em 1951. Treinou ainda grandes times brasileiros.

FEOLA *O Dorminhoco*

A imagem de Vicente Feola cochilando enquanto o jogo comia solto pode não ser verdadeira mas representa bem o espírito de um dos técnicos mais afáveis que dirigiram a Seleção Brasileira. Adepto do diálogo e dono de um temperamento dócil, o treinador Feola era, na verdade, mais um homem da comissão técnica capitaneada pelo dirigente Paulo Machado de Carvalho em 1958. Dizem que a única vez que gritou naquela Copa foi no primeiro jogo, quando viu o lateral Nílton Santos partir para o ataque: "Volta! Volta!...Gol! Gol!"

TIM *O Estrategista*

Craque em campo e no banco, Elba de Pádua Lima, o Tim, confirmou no cargo de treinador sua qualidade de jogador-estrategista. Revolucionou o futebol carioca no final dos anos 60 levando o Bangu ao título estadual de 1966. Tim fazia com que os pontas fechassem em direção ao gol para receber bolas lançadas nas costas dos zagueiros. Dessa maneira, o ponta-direita Paulo Borges se tornou artilheiro carioca em 1966 (16 gols) e 1967 (13 gols).

OSVALDO BRANDÃO *O Paternal*

O técnico Osvaldo Brandão sabia de todos os segredos do futebol e também conhecia a alma dos homens. Seus jogadores eram tratados como filhos e, por isso, sempre davam tudo em campo. Apesar de ter conquistado dois Campeonatos Brasileiros pelo Palmeiras, em 1972/3, seu maior feito foi ter devolvido o Corinthians ao caminho das vitórias, com o título paulista de 1977, depois de 23 anos de jejum. Detalhe: no último título corintiano antes do jejum, o de 1954, era o mesmo Osvaldo Brandão o técnico.

PARREIRA *O detalhista*

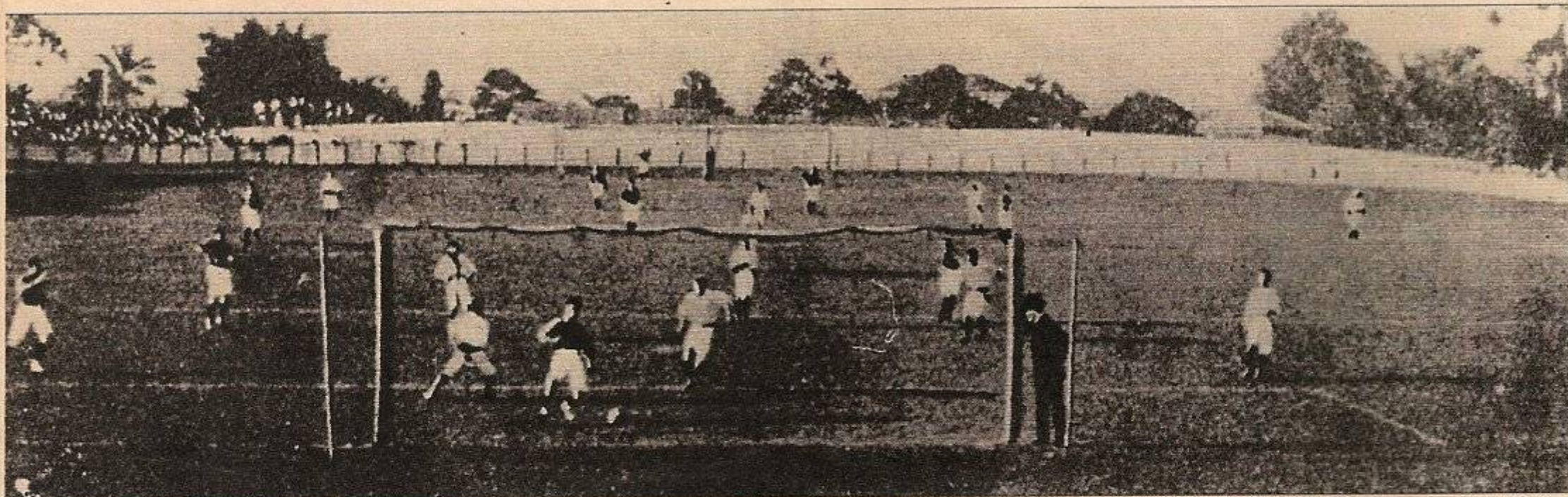
Ao contrário do que era de esperar de um técnico campeão mundial, Carlos Alberto Parreira ainda desperta polêmica. Isto porque ele renegou a tradição ofensiva do futebol brasileiro em nome do futebol de resultados, com uma defesa trancada. A verdade, porém, é que na Copa de 94 mostrou erros e acertos. Errou ao convocar, escalar e treinar (só havia um esquema de jogo). Mas acertou em apostar no espírito de equipe dos convocados e no poder de superação dos atacantes.

★★★★

Edwin Aldrin descer na superfície da Lua, pensaram tratar-se de mais um show de tevê. O homem na Lua. Ainda hoje parece ficção. Realidade, mesmo, foi o milésimo gol do Rei Pelé, marcado de pênalti, contra o Vasco, no Maracanã.

INEXPLICAVELMENTE, porque o time brasileiro nunca fora tão bem, João Saldanha foi substituído no comando técnico da Seleção por Mário Jorge Lobo Zagalo, ex-jogador das Seleções campeãs do mundo de 1958 e 1962.

Na Copa, só vitórias. Nem um único empate, talvez na mais bela campanha de todas as copas. Depois de passar pela Tchecoslováquia (4 a 1), Inglaterra (1 a 0), Romênia (3 a 2), Peru (4 a 2) e Uruguais (3 a 1), chegamos à final contra a perigosa Itália, que já tinha batido a Alemanha por 4 a 3.

Pelé marcou o primeiro, de cabeça, mas Clodoaldo errou ao recuar uma bola e Boninsegna empatou. No segundo tempo, Gérson acertou um chute certeiro de fora da área: 2 a 1 Brasil. Aí foi a vez de Jairzinho aproveitar um lançamento: 3 a 1. Então, Pelé rolou, mansamente, a bola para Carlos Alberto que afunilava sobre a área. O lateral soltou uma verdadeira bomba: 4 a 1, sem dó nem piedade. A Jules Rimet era nossa pela terceira vez.

VELÓDROMO PAULISTA, junho de 1905. Gol do Paulistano. Aquele homem de preto e de chapéu é o juiz de linha

A MISSÃO ESPINHOSA

Ser juiz é sofrer no gramado, e fora dele. Nenhuma outra atividade recebe tantos xingamentos e ameaças, principalmente no Brasil. Diz a História que alguns merecem

DO APLAUSO À VAIA Quando as primeiras bolas chegaram ao Brasil, havia grande dificuldade de arrumar jogadores. Que dizer então de árbitros? Os primeiros homens do apito tiveram de ser atletas dos próprios clubes que, por qualquer motivo, não estivessem escalados. Charles Miller, por exemplo, costumava apitar algumas partidas. A solução serviu satisfatoriamente até o surgimento dos primeiros torneios.

Já na decisão do segundo Campeonato Paulista, em 1903, os atletas do Paulistano, o time derrotado, reclamaram da atuação do juiz. No campeonato seguinte, a partida final foi apitada pelo próprio presidente da Liga Paulista de Futebol, Armando Prado. Nem por isso escapou de uma sonora vaia, atitude praticamente inédita na época.

IMPORTAÇÃO DE JUÍZES O pênalti que Domingos Da Guia fez contra a Itália e que tirou o Brasil da finalíssima na Copa de 1938 ainda estava na cabeça dos dirigentes brasileiros em 1948. Por isso, decidiram contratar juízes ingleses para apitar no Brasil e, assim, preparar nossos jogadores para o estilo de arbitragem que encontrariam no Mundial de 50. Nos anos seguintes, os juízes argentinos e uruguaios é que foram "importados".

APETRECHOS Até o término da década de 60, o único apetrecho do juiz era o apito, com destaque para as marcas Balila (italiano), Fox e Acme (ambos ingleses). Os cartões só foram adotados a partir da Copa de 1970, por determinação da Fifa. No princípio, eram de papelão, mas já na década de 80 passaram a ser de plástico. Antes do amarelo e do vermelho, o árbitro indicava a expulsão de um jogador apontando-lhe a direção dos vestiários. Foi o que fez o juiz Edgard da Silva Marques quando mandou Fausto para o chuveiro na partida em que os paulistas venceram os cariocas por 3 a 1, em 1934. Só que, para sacramentar a decisão, levantou a camisa e mostrou a coronha do revólver que trazia na cintura.

NA LINHA DE FUNDO Nos primórdios do futebol no Brasil, os bandeirinhas atuavam na linha de fundo, uma posição estratégica para ajudar o juiz que não dispunha de preparo para correr o campo todo. A localização, no entanto, prejudicava a marcação dos impedimentos. Também era costume que a cronometragem das partidas ficasse a cargo de um juiz-auxiliar.

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

Portanto, para sempre.

A TAÇA BRASIL foi, até ser extinta, em 1969, a competição que indicava o representante brasileiro na Taça Libertadores da América. Mas desde 1967 o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, ampliado, já incluía times de outros estados. Primeiro de Minas, Rio Grande do Sul e Paraná. Depois, da Bahia e de Pernambuco. Assim, resolveu-se extinguir a Taça Brasil. Mas 1970 também foi o último ano do Gomes Pedrosa.

As melhores condições de transporte, os avanços tecnológicos na área das telecomunicações e o financiamento das viagens dos clubes com verbas da Loteria Esportiva que acabava de ser criada possibilitou a criação de um campeonato nacional.

Foi assim que, em 1971, surgiu o Campeonato Brasileiro, que consagrou o Atlético Mineiro, seu primeiro vencedor.

Para a segunda Copa da década, que seria disputada na Alemanha em 1974, o Brasil acumulava problemas: Pelé se despedira oficialmente da Seleção em dois jogos comemorativos, no Maracanã e no Morumbi, em 1972. É verdade que havia a Academia do Palmeiras, de Ademir Da Guia, renovada na época. O time era campeão paulista de 74, bicampeão brasileiro de 1972/1973 e vencedor de alguns importantes torneios internaci-

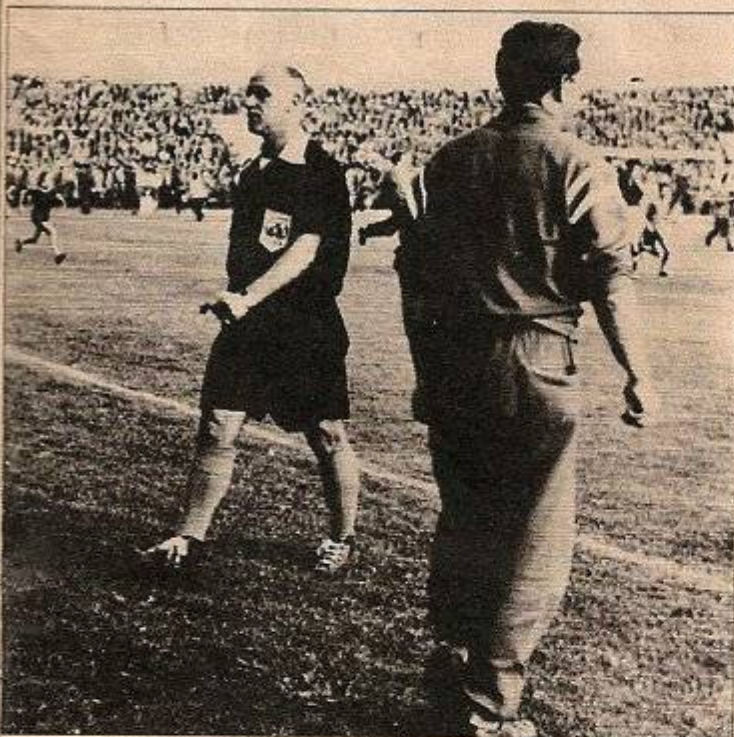
CENA ANTOLÓGICA: Dimas dá cartão vermelho para o juiz

NICO ESTEVES

OUTRA CENA inesquecível, acima: o juiz **ARAGÃO** acaba de fazer um gol contra o Santos (sofreu gozação pelo resto da carreira); abaixo, **MÁRIO VIANNA**, riscado do quadro da FIFA porque torcia exageradamente pela Seleção Brasileira

SEBASTIÃO MARINHO

QUEM É QUEM

Diz uma máxima do futebol que o bom juiz é aquele que não é notado durante a partida. O futebol brasileiro, entretanto, produziu apitadores bastante famosos, quer por seus méritos, quer por suas trapalhadas. Veja quem é quem:

O EXPULSO O árbitro Antônio Carlos Saraiva não brilhou no apito, mas tem lugar garantido na lembrança dos torcedores brasileiros por protagonizar um dos episódios mais vexatórios da história da arbitragem mundial. O fato se deu num jogo entre o Corinthians e o XV de Jaú, pelo Campeonato Paulista de 1986. Irritado com as trapalhadas do juiz, o zagueiro Dimas, do XV, não pensou duas vezes: tomou o cartão vermelho das mãos de Saraiva e "expulsou" o árbitro de campo.

O ARTILHEIRO José de Assis Aragão gostava de intimidar os jogadores quando apitava, como denunciou o lateral-esquerdo Nelsinho, ex-São Paulo. Sua honestidade também chegou a ser contestada, principalmente depois de uma arbitragem desastrosa na decisão do Campeonato Brasileiro de 1980, entre Atlético Mineiro e Flamengo, quando expulsou três jogadores do Galo, entre eles Reinaldo, acusado de fazer cera. Aragão teria caído no justo esquecimento depois de parar de apitar, não tivesse se revelado um artilheiro sem igual. O Santos vencia o Palmeiras por por 2 a 1 no Campeonato Paulista de 1983, quando a 47 minutos do segundo tempo o alvi-verde Jorginho chutou contra o gol do Peixe. A bola iria para fora se não tivesse tocado na canhota de Aragão e, caprichosamente, vencido o goleiro do Santos. O gol valeu, apesar de todos os protestos. Aragão virou piada. "O jogo só termina quando o juiz apita ou marca", brinca o técnico Rubens Minelli, ao lembrar-se do lance. Naquela época, o jogador Capitão preferiu destacar a "excelente" colocação do "artilheiro": "Do contrário não teria feito um belíssimo gol, de taquito".

O TORCEDOR Quando o árbitro inglês Arthur Ellis marcou pênalti contra o Brasil, na partida em que o selecionado enfrentava a Hungria pela Copa de 1954, Mário Vianna não se conteve. Ameaçou entrar em campo e encher ''a cara do ladrão de bolacha''. Só que ele também era árbitro da Fifa. A atitude resultou na sua exclusão do quadro de arbitragem da Fifa. Nos gramados nacionais, Vianna também era conhecido por sua inquestionável honestidade e por interpretar as regras do jogo ao pé da letra. Em 1955, por exemplo, o ponta-esquerda Rodrigues, do Palmeiras, chutou uma bola muito longe da meta, mas mesmo assim o zagueiro Célio, do São Paulo, levantou os braços como se quisesse pegá-la. Vianna apitou o pênalti. "O que vale é a intenção", justificou.

★★★★

onais. O Palmeiras tinha tudo para ser a base da Seleção que iria à Alemanha.

O TÉCNICO Zagalo utilizou, é verdade, muitos jogadores do Verdão, como Alfredo, Leivinha, Luís Pereira, Leão, César e Ademir Da Guia. Mas não fez deles a base do time. Mesclou jogadores inexperientes com alguns craques do time de 1970, dos quais só Rivelino ainda conservava a melhor forma.

O Brasil estreou com dois empates sem gols, contra a Iugoslávia e a Escócia. Derrotou o Zaire e passou às quartas-de-final. Então, venceu a Alemanha Oriental e a Argentina. Quando tudo parecia melhorar, veio a derrota para a Holanda, a grande favorita da Copa com o "carrossel" liderado por Cruijff. Fomos disputar o terceiro lugar e sofremos nova derrota, desta vez para a Polônia. Voltamos em quarto.

Era o começo da grande crise de identidade do futebol nacional. Instalou-se a inútil discussão sobre futebol-arte x futebol-força, que fez a festa de muito técnico incompetente. Foi o tempo das retrancas, das torcidas fugindo dos estádios cansadas de 0 a 0, 0 a 1, 1 a 0 e 1 a 1.

PIOR AINDA, foi o tempo no qual os campeonatos brasileiros começaram a inchar. "Onde a Arena vai mal, um time no Nacional", rezava a cartilha eleitoreira do

WRIGHT: muito cartão vermelho e muito xingamento

AGÊNCIA ESTADO

AGÊNCIA O GLOBO

JOÃO ETZEL, acima, confessou que fez um jogo empatar; **ELLIS,** à direita, atraiu o ódio dos brasileiros

SANSÃO, rei do cartão vermelho: 9 expulsos num jogo

O PAVÃO Em 1982, o árbitro José Roberto Wright entrou em campo para apitar uma das partidas decisivas entre Vasco e Flamengo levando mais do que o apito e os cartões. Trazia, escondido, um microfone debaixo da roupa atendendo a um pedido da Rede Globo. Tão solícito com a imprensa, o árbitro não demonstrava a mesma boa vontade com os jogadores. Gostava de se exibir e era conhecido por estragar jogos importantes mostrando prepotência e farta distribuição de cartões vermelhos, geralmente concentrados em um dos times. Como no jogo Flamengo e Atlético Mineiro, pela Libertadores em 1981, quando expulsou cinco atletas do Galo e saiu do campo chamado de ladrão, inclusive pelos torcedores rubronegros. Também históricos foram seus erros. Na decisão do Campeonato Carioca de 1985, deixou de dar um pênalti para o Bangu no último minuto de jogo, favorecendo o Fluminense. Na Copa de 1990, anulou um gol legítimo da Áustria contra a Itália, coincidentemente o time dos donos da casa.

O GAVETEIRO O coro da torcida gritando "ladrão" nunca incomodou João Etzel Filho, árbitro paulista que brilhou nos anos 50 e 60 e que ficou famoso por receber "prêmios", às vezes dos dois adversários, para que atuasse ao menos com imparcialidade. Conta-se que, certa vez, fez um pênalti voltar três vezes até que o batedor fizesse o gol. O episódio que mais lhe dava orgulho, entretanto, aconteceu na Copa do Chile, quando apitou o jogo Colômbia 4 x URSS 4. "Eu empatei aquela partida", jactava-se Etzel, um descendente de húngaros que odiava os russos.

O COMUNISTA O inglês Arthur Ellis tornou-se um dos árbitros mais conhecidos do Brasil na década de 50, embora não atuasse por aqui. Na verdade, seu nome era quase um palavrão. Tudo por causa da derrota da Seleção frente à Hungria na Copa de 1954. O Brasil perdeu de 2 a 4, teve dois jogadores expulsos, um pênalti a favor e outro contra. Na época, a imprensa e os membros da delegação brasileira acusaram Ellis de tudo, inclusive de comunista.

O VALENTE "Nunca levei tapa de jogador. Se levasse, dava o troco na hora". Aírton Vieira de Morais, aliás Sansão, era assim: valente, firme e brigão. Embora respeitasse os jogadores, não se deixava intimidar. Assim, tornou-se um verdadeiro recordista em expulsões. Na decisão do Carioca de 1966, mandou para o chuveiro cinco jogadores do Flamengo e quatro do Bangu. A final acabou adiada para o ano seguinte. Construiu um cartel de inimigos, de João Havelange a Armando Marques. De Marques, inclusive, era inimigo mortal. Segundo Sansão, Marques teria inventado a história de que ele pretendia favorecer a Suécia no jogo contra o Uruguai na Copa de 1970. Sansão acabou sendo escalado para outra partida.

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

partido do governo, entusiasmado com a eleição do brasileiro João Havelange para a presidência da FIFA poucos dias antes da Copa de 74.

O governo militar, já em seu quarto presidente — Ernesto Geisel — vivera de luzes e sombras. Desenvolvera notavelmente alguns setores, como o energético e o das telecomunicações, e mantivera o país na escuridão, do ponto de vista das liberdades individuais. Para que essa situação começasse a mudar, foi necessária a morte, por assassinato, como ficou provado mais tarde, de um jornalista paulista nos porões do Doi-Codi, organização que centralizava as operações das várias "polícias políticas" existentes em São Paulo na época. O anúncio do "suicídio" do jornalista Wladimir Herzog, da TV Cultura de São Paulo, no dia 25 de outubro de 1975, e o assassinato, nas mesmas dependências policiais, do operário Manoel Fiel Filho, dias depois, despertaram uma onda de protestos nacional, que acabou por levar o general Ernesto Geisel a substituir o comandante do Segundo Exército, Ednardo Mello D'Ávila.

Como o panorama nos centros do poder era confuso, só mesmo de fora do eixo Rio-São Paulo poderia surgir o que de melhor aconteceu no futebol brasileiro nos anos 70:

ORLANDO KISSMER

MARGARIDA, à esquerda: show gay; acima, **ARNALDO CÉSAR COELHO**, o melhor de todos

O MARGARIDA Os gestos afetados com os quais o juiz Jorge Emiliano marca suas arbitragens bem que justificam seu nome de guerra: Margarida. Homossexual militante, Margarida foi uma das atrações do último Campeonato Carioca. O estilo "delicado" só esteve ausente uma vez em sua carreira, em 1989, durante a IV Taça Brasil de Futebol Feminino. Margarida deu um soco na boca da lateral Elaine, do Saad. Uma verdadeira atitude de machão.

O MELHOR A carreira do árbitro Arnaldo César Coelho orgulharia qualquer mãe. Afinal, ao contrário da maioria dos juízes brasileiros, seu nome não está ligado a grandes incidentes, atuações vergonhosas ou decisões polêmicas. Seu talento no apito alcançou reconhecimento internacional, sendo o primeiro sul-americano a apitar uma final de Copa do Mundo, em 1982, quando fez o gesto histórico de pegar a bola com as duas mãos e levantá-la como se fosse um troféu.

NICO ESTEVES

JOSÉ PINTO

ROMUALDO ARPI FILHO, acima: saiu do inferno das críticas para o paraíso dos elogios; ao lado, **ARMANDO MARQUES**, que criou um estilo totalmente novo na arbitragem e cujo estrelismo acabou por inverter uma das máximas do futebol: "juiz que é bom não aparece durante o jogo"

O REI DO EMPATE Boa parte das partidas dirigidas por Romualdo Arpi Filho terminavam em insossos empates, fato que muitos atribuíam ao árbitro, que "deixava o jogo amarrado". Por isso, Romualdo acabou ganhando o apelido de Rei do Empate. Mas nem sempre foi assim. Em 1965, teminou o ano suspenso por deficiência técnica. Na década de 80, porém, viveu sua melhor fase: apitou a final da Copa de 1986 e foi escolhido o melhor árbitro do mundo na temporada de 1988.

O ESPETACULOSO Armando Marques não passava de um árbitro comum quando, em 1961, expulsou de campo o Rei Pelé, fato inédito até então. O episódio marcou a ascensão do mais espetaculoso juiz que já passou pelos gramados brasileiros. Teatral, afetado, Armando tratava os atletas de senhor e pelo primeiro nome (Manga era Senhor Aílton; Garrincha, Senhor Manoel), mas enfiava o dedo em riste na cara dos jogadores quando julgava necessário. Só o grande Nílton Santos não admitia ser tratado como moleque. Num amistoso Corinthians e Botafogo, em 1964, Armando colocou o dedo rente ao nariz do botafoguense que reagiu com um tremendo bofetão. Na hora de escrever o relatório, Armando acovardou-se e minimizou o incidente.

A mais escabrosa de todas as suas trapalhadas, entretanto, aconteceu na decisão por pênaltis do Campeonato Paulista de 1973 entre Santos e Portuguesa. Armando errou as contas e declarou o Santos campeão, antes de terminar a série de pênaltis. Na verdade, a Portuguesa ainda tinha chance de empatar. Quando percebeu o equívoco, Armando até tentou que os jogadores da Lusa voltassem a campo. Proposta obviamente recusada pelo técnico da Portuguesa, Oto Glória. E os dois clubes foram declarados campeões.

★★★★

o Internacional de Porto Alegre.

FOI EM 1976 que o Inter desbancou de vez os até então donos do futebol brasileiro — Rio de Janeiro e São Paulo. E não com uma conquista esporádica, mas com o bicampeonato nacional em 75/76. O time bicampeão de 76 era um esquadrão inesquecível: Manga, Cláudio, Figueroa, Marinho e Vacaria; Falcão, Carpegiani e Escurinho; Valdomiro, Claudiomiro e Lula. Seu treinador era o obstinado Rubens Minelli.

A única conquista internacional do período, no entanto, não foi do Inter, mas do Cruzeiro de Belo Horizonte. Vice-campeão brasileiro de 75, o time ganhou o direito de disputar a Libertadores da América. Em 1976, depois de uma vitória de 4 a 1 sobre o River Plate argentino, no Mineirão, o Cruzeiro perdeu, na Argentina, por 2 a 1, com um gol irregular do time da casa. Uma terceira partida foi marcada. Em campo neutro, no Chile. Em Santiago, o Cruzeiro de Nelinho, Palhinha e Joãozinho — os autores dos gols — venceu os argentinos por 3 a 2. Mais uma Libertadores para o Brasil.

Para provar que não havia nada de casual nas suas campanhas de 1975 e 1976, o Internacional voltaria a conquistar um título — o de 1979 — de campeão brasileiro. Desta vez invicto, e sem as presenças de Carpegiani

O POVO CANTANDO

Cada clube tem seu hino oficial e cada hino sua história, mas um dia Lamartine Babo resolveu compor marchinhas para os clubes cariocas. O povão saiu cantando

Quando começa a tocar o hino do seu clube não há torcedor que não se emocione. Afloram as lembranças das vitórias passadas e recentes, das grandes conquistas, dos craques que já envergaram as cores do time. E é assim que é para funcionar: o hino constitui-se num cântico sagrado que serve para venerar, louvar, invocar.

No Brasil, a maior parte dos hinos oficiais data da fundação do clube. Assim, os associados cantavam para comemorar as vitórias ou aplacar a dor das derrotas. É claro que certas vezes o hino não correspondia plenamente às expectativas da torcida. No Fluminense, por exemplo, a primeira letra foi do poeta Coelho Neto, tricolor fanático e pai do craque Preguinho. Dizia: "O Fluminense é um crisol / Onde apuramos a energia / Ao pleno ar / Ao claro sol". O rebuscamento propiciou gozações e paródias dos adversários, o que obrigou o clube a trocar a letra.

Mas com a passagem do tempo, muitos hinos acabaram sobrepujados por novas canções, menos pomposas e mais populares. O caso dos grandes times do Rio de Janeiro é exemplar. Embora todos tenham músicas oficiais, nenhuma delas está na boca da torcida. Culpa do talento de Lamartine Babo. O compositor apresentava um programa de rádio chamado Trem da Alegria, no final da década de 30, e decidiu homenagear os clubes cariocas com marchinhas. A qualidade das canções era tão boa que elas logo caíram no gosto popular.

LAMARTINE: marchinhas geniais

Não é para menos. Lamartine escreveu versos inspirados como "Sou Tricolor de coração / Sou do clube tantas vezes campeão", feito para o Fluminense, ou ainda "Foste herói em cada jogo / Botafogo / Por isso que tu és glorioso". Outras vezes, o compositor não resistiu a pequenas brincadeiras, como no hino flamenguista: "Nos fla-flus / É o ai-jesus". Mas sem dúvida, o mais bonito ficou reservado para o América, seu time de coração.

FLAMENGO

Uma vez Flamengo, sempre Flamengo!
Flamengo sempre eu hei de ser!
É o meu maior prazer vê-lo brilhar
Seja na terra, seja no mar
Vencer, vencer, vencer
Uma vez Flamengo
Flamengo até morrer!
Na regata
Ele me mata
Me maltrata
Me arrebata
Que emoção
No coração
Consagrado
No gramado
Sempre amado
O mais cotado
Nos fla-flus
É o ai-jesus
Eu teria um desgosto profundo
Se faltasse um Flamengo no mundo
Ele vibra
Ele é fibra
Muita libra
Já pesou
Flamengo até morrer
Eu sou

(LAMARTINE BABO)

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

e Rubens Minelli.

A COPA que jogamos em 1978, na Argentina, foi resultado da confusão teórica em que se metera o futebol brasileiro. Não chegou a ser uma má campanha, mas o técnico Cláudio Coutinho preferia explorar altas teorias a exigir do time o máximo de seu potencial técnico.

Mais uma vez chegamos às quartas-de-final depois de dois empates (1 a 1 com Suécia e 0 a 0 com a Espanha) e uma vitória (1 a 0 contra a Áustria). Então, vencemos o Peru (3 a 0), empatamos com a Argentina (0 a 0) e derrotamos a Polônia (3 a 1). O desempate no saldo de gols com a Argentina se deu com a maior marmelada já registrada num Mundial. Aos olhos de um mundo esportivo perplexo a Argentina derrotou o Peru por 6 a 0, com a evidente colaboração do goleiro Quiroga, um argentino naturalizado peruano.

O Brasil foi disputar o terceiro lugar. Ganhou da Itália, por 2 a 1. Saímos perdedores, mas invictos. A única equipe invicta daquela Copa. Coutinho nos autoproclamou campeões morais. Não era para tanto. Faltou raça, não técnica, para vencer a Argentina, um time bravo mas inferior que foi campeão para a festa dos militares que governavam o país, e que haviam organizado a

CORINTHIANS

Salve o Corinthians
O campeão dos campeões
Eternamente
Dentro dos nossos corações
Salve o Corinthians
De tradição e glórias mil
És o orgulho
Dos desportistas do Brasil
Teu passado é uma bandeira
Teu presente uma lição
Figuras entre os primeiros
Do nosso esporte bretão
Corinthians grande
Sempre altaneiro
És do Brasil
O clube mais brasileiro

(LAURO D'ÁVILA)

GRÊMIO

Até a pé nós iremos
Para o que der e vier
Mas o certo é que nós estaremos
Com o Grêmio onde o Grêmio estiver
Cinqüenta anos de glória
Tens imortal tricolor
Os feitos da tua história
Canta o Rio Grande com amor
Nós como bons torcedores
Sem hesitarmos sequer
Aplaudiremos o Grêmio
Onde o Grêmio estiver
Lara o craque imortal
Soube o seu nome elevar
Hoje com o mesmo ideal
Nós saberemos te honrar

(LUPICÍNIO RODRIGUES)

AMÉRICA

Hei de torcer, torcer, torcer
Hei de torcer até morrer
Morrer, morrer
Pois a torcida americana
É toda assim
A começar por mim
A começar por mim
A cor do pavilhão
É a cor do nosso coração
Trá-lá-lá-lá-lá-lá
Trá-lá-lá-lá-lá-lá
Trá-lá-lá-lá
Campeões de 13, 16 e 22
Trá-lá-lá-lá
Temos muitas glórias
E surgirão outras depois
Trá-lá-lá-lá
Campeões com a pelota nos pés
Fabricamos aos montes, aos dez
Nós ainda queremos muito mais
América unido vencerás

(LAMARTINE BABO)

LUPICÍNIO: privilégio gremista

Fora do Rio de Janeiro, apenas o Grêmio pode se orgulhar de ter um hino assinado por um monstro sagrado da música brasileira, no caso, Lupicínio Rodrigues. Já em São Paulo, os hinos tiveram compositores geralmente ligados aos próprios clubes. O do São Paulo é de autoria do general Porfírio da Paz, o mais fanático torcedor que o tricolor já teve. A história da composição é saborosa pois surgiu num momento de extrema aflição, no dia em que Porfírio perdeu a casa por falta de pagamento. "Nervoso, comecei a cantarolar 'Salve o Tricolor Paulista' para aliviar a tensão. De repente, percebi que a frase era boa. Compus o resto ali mesmo, na rua".

O do Palmeiras é de autoria do maestro Antônio Sergi e Gennaro Rodrigues. Sua principal característica é evocar imagens épicas que fazem qualquer palmeirense tremer: ''Quando surge o alvi-verde imponente / No gramado em que a luta o aguarda / Sabe bem o que vem pela frente / Que a dureza do prélio não tarda''. Do mesmo modo, as qualidades poéticas do cântico corinthiano são reconhecidas até mesmo pelos adversários: "Salve o Corinthians / O campeão dos campeões / Eternamente / Dentro dos nossos corações".

Mas o mais surpreendente de todos os hinos talvez sejà o do Cruzeiro, composto em 1921 pelo maestro Arrigo Buzzachi e pelo poeta Tolentino Miraglia. Sua letra prega humildade nas vitórias (''À força e ao valor / Saindo do campo / Da nossa vitória / Sabemos a glória / No peito guardar'') e pede que os adversários não se ofendam com a alegria cruzeirense (''Não vá o nosso orgulho / Ferir quem contente / Conosco, valente / Soubera jogar''). Chega mesmo a falar em derrota (''E se, porventura / Na luta perdermos / É justo sabermos / Sorrindo calar''). Na prática, porém...

★★★★

Copa para vencê-la.

A 16 de outubro de 1978, os cardeais da Igreja Católica reunidos havia 48 horas na Capela Sixtina, no Vaticano, anunciaram ao mundo a quebra de uma tradição que durava 455 anos. O polonês Carol Woitila era o primeiro papa não-italiano em quatro séculos e meio, e adotara o nome de João Paulo II.

O BRASIL DE 1978 dividia-se em dois partidos — a Arena, governista, que em novembro de 78 fora beneficiada por um milagre (com a minoria dos votos elegera mais senadores que a oposição), e o MDB, oposicionista, que entrava no último governo militar — o do general João Batista Figueiredo — fortalecido pelas urnas das últimas eleições. Mesmo com essa força, o MDB não conseguiu negociar com o governo o projeto de Anistia que significaria o primeiro passo para o fim do regime militar. A anistia foi aprovada no dia 23 de agosto de 1979 com o texto integral proposto pelo governo.

Mas os anos 80 prometiam grandes feitos para o futebol brasileiro. Grandes times, conquistas internacionais e o aparecimento de uma geração de craques que não ficava devendo às melhores dos anos anteriores.

ERAM OStempos do Flamengo de Zico,

A MARCA DE CADA UM

A MUDANÇA radical do Cruzeiro, no nome e nas cores

Tal como as nações, cada clube de futebol tem o seu Sinal Sagrado. Distintivos, bandeiras e mascotes que simbolizam a pátria de chuteiras de cada torcedor. Por isso, não importa que sejam muito rebuscados, tenham o desenho ultrapassado ou cores fora de moda. O que vale é a emoção que despertam.

Hoje, os times do exterior seguem a tendência mundial de modernizar o *design* dos seus símbolos, de olho na moda e no marketing. No Brasil, entretanto, predomina o conservadorismo. Mas a aproximação entre empresas e clubes promete muitas surpresas. A Parmalat, por exemplo, que gerencia o departamento de futebol do Palmeiras, conseguiu trocar o velho verde escuro por um tom mais claro. Um exemplo que mostra que a tradição de um time não é arranhada pela melhora visual dos seus símbolos. Pelo contrário. Marca uma nova etapa de esperanças e vitórias.

DE MOLAS A HENFIL A revolução da cobertura esportiva na década de 40 promovida pelo jornalista Mário Filho produziu também os primeiros e mais populares mascotes do futebol carioca. Tudo pelas mãos do cartunista argentino Lorenzo Molas, do Jornal dos Sports. Inspirado nas torcidas, o artista desenhou o marinheiro Popeye para o Flamengo, o Cartola Pó-de-Arroz para o Fluminense, o Almirante para o Vasco, o nervoso Pato Donald para o Botafogo e o Diabo para o América.

Na década de 60, o mesmo Jornal dos Sports encomendou para o cartunista Henfil a reformulação dos antigos mascotes. Assim, surgiram o Urubu flamenguista, o Cri-Cri botafoguense, o Bacalhau vascaíno e o Popó tricolor. Ainda hoje as duas gerações de mascotes convivem amistosamente no coração da torcida.

TRAÇO DO ZIRALDO A modernidade que o Grupo dos Treze anunciou no final da década de 80, quando os maiores clubes brasileiros brigaram com a CBF e disputaram seu próprio campeonato, mostrou-se também no traço dos mascotes. Ziraldo foi convocado para revitalizar os personagens. Na maior parte dos casos, ele manteve as características deles. As maiores mudanças aconteceram com os cariocas devido à existência de dois personagens diferentes para um mesmo clube (o Flamengo, por exemplo, tinha o Popeye de Molas e o Urubu de Henfil).

Obedecendo a uma estratégia de marketing, que não queria pagar *royalties* aos criadores norte-americanos do Popeye e Pato Donald, a opção foi aproveitar o Urubu do Flamengo e trocar o pato pelo cachorro Biriba. No caso do Vasco, Ziraldo preferiu o almirante em vez do português de tamancas, o Bacalhau. E o Super-Homem do time do Bahia se tornou o Homem-de-Ferro. Os dirigentes pretendiam comercializar produtos com a estampa dos mascotes, mas como o Clube dos Treze acabou se dissolvendo, os novos mascotes não renderam os lucros esperados.

GUERRA NAS CORES Duranrte a Segunda Guerra Mundial, os Palestras espalhados pelo país se viram forçados a mudar de nome e apagar dos símbolos as referências à Itália. Assim, o Palestra paulista se tornou Palmeiras e sua bandeira perdeu o verde, branco e vermelho, ganhando o alvi-verde. O mesmo aconteceu com o Palestra mineiro, que virou Cruzeiro e adotou as cores azul e branco.

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

Júnior, Leandro e Raul; do Atlético de Luisinho, Reinaldo e Cerezo; do São Paulo de Zé Sérgio, Serginho, Oscar; do Inter de Falcão, que mais tarde, jogando na Roma, seria chamado de Rei de Roma.

Em 1981, depois de ter conquistado o seu primeiro título nacional, o Flamengo venceu vários torneios internacionais. Foi a Tóquio disputar o Mundial Interclubes. Numa partida memorável, contra o Liverpool inglês, venceu por 3 a 0 e devolveu ao futebol brasileiro um título que só o Santos da década de 60 soubera trazer para o país. O grande destaque da partida foi Zico, a quem o zagueiro inglês Thompson, encarregado da marcação do Galinho, classificou de "diabólico".

O Flamengo era o maior do mundo. Zico, o "camisa 10" que faltava para acabar de vez com as derrotas da Seleção.

No fim da década de 70, o Corinthians pagara Cr$ 6 milhões pelo passe de um jogador com nome de filósofo: Sócrates. O craque trouxera de volta o estilo elegante de jogar, com longos e precisos passes rasteiros e toques de calcanhar, que resgatava o ansiado futebol-arte.

FALCÃO, Cerezo, Zico e Sócrates no meio-de-campo; Oscar e Luisinho na defesa; Reinaldo e Zé Sérgio no ataque. Com joga-

TRADIÇÃO TRICOLOR A modernidade que o São Paulo exibe na administração dos seus negócios ainda não atingiu os símbolos do time. O uniforme, brasão, bandeira e mascote defendidos por Friedenreich na década de 30, ainda são rigorosamente os mesmos honrados por Cafu e companheiros na decisão do Mundial em 1993.

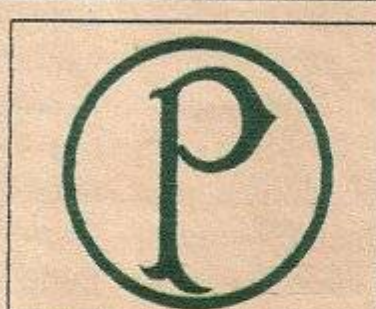
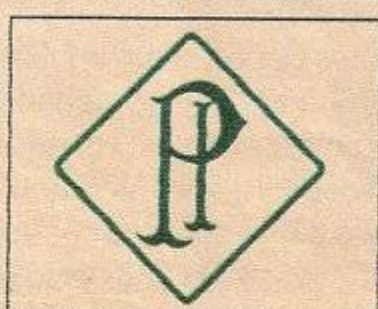
A mesma filosofia adota o Fluminense. A única mudança dos símbolos ocorreu em 1904, dois anos após a fundação. A dificuldade de arrumar tecidos na cor cinza, obrigou o clube a optar pelo vinho e verde. Apenas o branco continuou. Desde então, os símbolos tricolores permanecem intocados.

LUTA DE CLASSES A moda de desenhar mascotes para os times chegou na década de 50 ao Rio Grande do Sul por iniciativa dos jornais Folha Desportiva e A Hora. O Internacional passou a ser representado pelo moleque Negrinho, que, com o tempo, virou o Saci, especialista em pregar peças nos adversários. Já o Grêmio ganhou a estampa do Mosqueteiro, para simbolizar a postura elitizada da torcida tricolor. Apesar da nobreza que cerca o personagem, o Mosqueteiro tricolor foi inspirado no do Corinthians, um time eminentemente popular.

FILHOS DO MANGABEIRA Os símbolos dos dois maiores clubes de Minas Gerais saíram da imaginação do cartunista Mangabeira, aliás, Fernando Pierucetti. Mangabeira desenhou a Raposa e o Galo por encomenda da Folha de Minas, em 1945. "A Raposa eu criei porque os dirigentes do Cruzeiro sempre passavam a perna nos cartolas do Atlético na hora de contratar jogador. Eram astutos como uma raposa. Já o Atlético é um time lutador, de garra, por isso o galo de briga", relatou o artista.

A ESTRELA EVERALDO Ao contrário do que muitos jovens tricolores pensam, a estrela que brilha na bandeira azul-celeste do Grêmio não foi colocada para lembrar o Campeonato Mundial Interclubes conquistado em 1983. A estrela homenageia o lateral-esquerdo Everaldo Marques da Silva por ter participado da Seleção Brasileira campeã do mundo em 1970. Everaldo morreu em 1974, num acidente de carro no interior gaúcho.

ESTRELA de ouro: Everaldo

PORCO VERSUS PERIQUITO O grito de "Porco" da torcida do Palmeiras acompanha as festas de todas as conquistas do atual esquadrão alvi-verde. Mas nem sempre foi assim. Afinal, o apelido sempre era usado pelos adversários como forma de injuriar os palmeirenses. O surgimento da referência suína se deu na década de 40, mas só voltou com força em 1968 quando apenas o Palmeiras votou contra a inscrição de substitutos para os jogadores corinthianos Lidu e Eduardo, mortos em um acidente de carro. As provocações seguiram até 1986, quando a torcida decidiu assumir o novo mascote. "Foi a melhor maneira de acabar com a provocação", conta o empresário João Roberto Gobbato, dono da idéia de adoção do símbolo. Mesmo assim, os alvi-verdes continuam divididos. Boa parte dos mais antigos ainda prefere o Periquito, o primeiro mascote do clube.

COMO o Cruzeiro, o Palmeiras mudou o nome e cores. Dos 5 distintivos, os 3 primeiros são os antigos

dores assim, a Seleção Brasileira de Telê Santana, um técnico que aprecia o futebol criativo, foi disputar o Mundialito de 1981 no Uruguai. Seria um grande teste, pois o torneio reunia as principais seleções mais cotadas para a Copa do Mundo de 1982, que seria disputada na Espanha.

Estreamos no Mundialito com um empate, contra a Argentina e goleamos a Alemanha por 4 a 0. Mas perdemos a final para o Uruguai, numa má jornada, por 2 a 1.

O resultado não nos assustou. Logo vieram as eliminatórias e vencemos todos os jogos, de ida e de volta, contra a Venezuela e a Bolívia. Estávamos classificados.

DEPOIS, a Seleção foi excursionar pela Europa. Não poderia ter feito melhor. Nossos craques venceram a Inglaterra, na Inglaterra, por 1 a 0; a França, na França, por 3 a 1 e a Alemanha, na Alemanha, por 2 a 1.

De quebra, Waldir Peres pegou dois pênaltis cobrados por ninguém menos que Breitner, na partida contra os alemães. Tínhamos um grande time, um grande técnico e um futebol digno de nossas melhores recordações de 1958, 1962 e 1970.

No Brasil, o governo militar enfrentava as conseqüências de um acontecimento insólito. Durante um show de música popular no Riocentro, na Barra da Tijuca, Rio de Janei-

A MODA

O CONFORTO E O VISUAL

Ainda falta ousadia ao* design *dos uniformes, mas o equipamento está cada vez mais favorecendo o desempenho dos jogadores

Cada vez que o atual esquadrão do Palmeiras joga, o uniforme mais moderno do futebol brasileiro entra em campo. Primeiro, porque o novo desenho das camisas, marcado pela troca do verde escuro por um mais claro com listas brancas, foi desenvolvido especialmente para realçar o nome do patrocinador, a Parmalat. Depois, porque o tecido encerra a mais recente tecnologia para o conforto do atleta: microfibras de poliéster no direito e poliéster convencional no avesso. O tecido revolucionário facilita a evaporação do suor, mantendo o equilíbrio térmico e aumentando o rendimento dos jogadores.

Até a camisa *high tech* do Palmeiras, os uniformes brasileiros percorreram um longo caminho. No início, tinham que ser importados da Europa, principalmente da Inglaterra. Isto porque nosso parque industrial praticamente inexistia. Os primeiros jogos de camisas que chegaram por aqui eram de flanela ou lã, sempre com mangas compridas. No Rio de Janeiro, o melhor endereço para encomendá-los era a Casa Clark; em São Paulo, a Casa Fuchs.

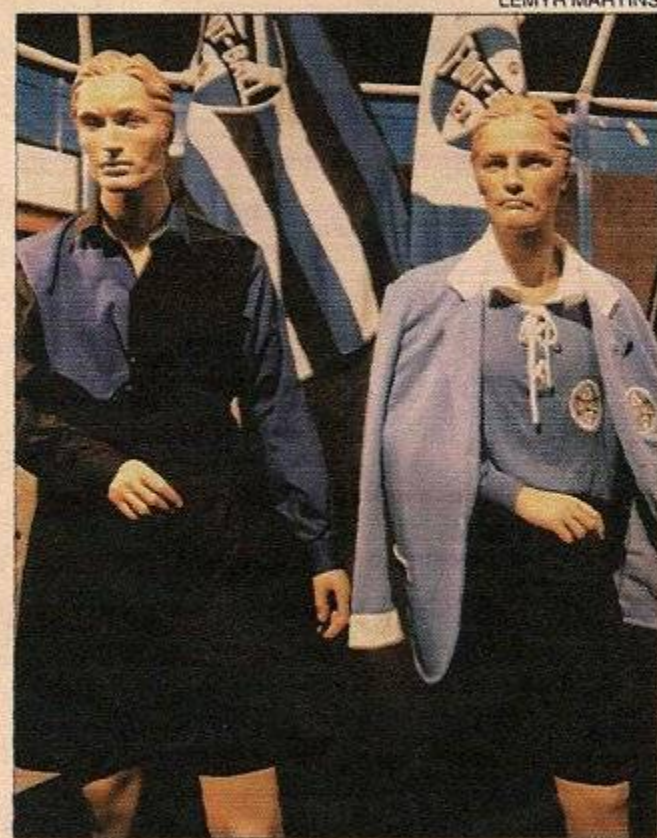
Quando se decidiam pela confecção das próprias camisas, os times o faziam em função dos tecidos que encontravam no comércio brasileiro. O Grêmio, por exemplo, viu-se obrigado a desistir da cor havana, escolhida por seus fundadores, devido à dificuldade de achar tecidos nesse tom. Substituíram pelo azul que perdura até hoje.

Os primeiros uniformes também tinham adereços bem característicos. O calção descia até os joelhos e era seguro por uma cinta. Daí nasceu o folclore de que, certa vez, o jogador Neco, do Corinthians e da Seleção nas décadas de 10 e 20, tirou a cinta e correu atrás de um jogador menos valente. Contemporâneo de Neco, o goleiro Marcos de Mendonça, do Flu, usava uma cinta importada, sem fivela, para evitar machucar os companheiros nos choques. Quando o adereço quebrou, Marcos se viu obrigado a amarrar o calção com uma fita roxa, pois não havia no comércio produto semelhante ao que usava. A platéia feminina delirou.

LEMYR MARTINS

O GRÊMIO à moda antiga

A elegância está ligada aos clubes mais abastados dos primórdios do nosso futebol. O Paulistano, por exemplo, sempre envergou camisas de linho. Já os jogadores do Fluminense utilizavam, até os anos 10, paletós, antes do pontapé inicial. Do mesmo modo que a gravata, presente no primeiro uniforme de muitos clubes, como o Internacional. Já os clubes mais pobres tinham que enfrentar problemas mais corriqueiros na hora de escolher a vestimenta. O caso do Corinthians é exemplar. A cor bege escolhida para o primeiro uniforme desbotou depois de lavada. As camisas ficaram brancas, a cor que predomina até hoje.

RODOLPHO MACHADO

RAUL, o fim da monotonia dos goleiros

Entretanto, a moda da época pregava que os uniformes fossem bastante coloridos. A proposta original do Flamengo, por exemplo, era de camisas nas cores azul e ouro, com calções brancos. A dificuldade de encontrar tecidos com essa padronagem fez que com o time optasse pelo rubro, negro e branco. Mas essas

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

ro, uma bomba explodira dentro do carro ocupado por dois militares. O sargento Guilherme Pereira do Rosário, que, segundo a perícia, tinha no colo a bomba que explodiu, morreu imediatamente, e o capitão Wilson Machado, sentado ao volante do carro, ficou gravemente ferido.

Diante do país incrédulo o governo montou uma encenação infantil e fez realizar um inquérito militar que acabou concluindo que os dois militares do Exército eram vítimas e não agentes do ato terrorista. O episódio foi o desgaste final do regime militar. A oposição venceria todas as eleições subseqüentes ao acontecimento.

NOSSO começo, na Copa da Espanha, em 82, confirmava toda a expectativa que a preparação anterior despertara. Na estréia, vencemos de virada a União Soviética, por 2 a 1, remediando um frango engolido por Waldir Peres. A seguir, outras duas vitórias fáceis: 4 a 1 contra a Escócia e 4 a 0 contra a Nova Zelândia. Os jornalistas de todo o mundo elegiam a Seleção Brasileira o melhor time da Copa. Nem pensávamos em discordar deles.

Na segunda fase, caímos no grupo da Itália e da Argentina. Ninguém acreditava na Itália. A Azurra chegara até aquele ponto com três empates, num grupo que tinha Ca-

cores lembravam a bandeira da Alemanha e, durante a Primeira Guerra Mundial, o branco foi abolido.

O único equipamento igual para todos eram as meias, fabricadas apenas na cor preta. Em 1903, a Loja Pinto Moreira, de Salvador, anunciou pelo jornal ter recebido o primeiro lote de meias de futebol. O estoque não foi suficiente e muitos baianos tiveram que continuar a jogar com as meias das mulheres. No início, tinham um elástico no alto do cano para que não descessem. Mas como prejudicava a circulação, logo o elástico caiu em desuso. Os jogadores, então, amarravam as meias com cordões, dobrando-as na altura dos joelhos para que o fio não aparecesse. Isto perdurou até a década de 70, quando as indústrias de material esportivo passaram a fabricar meias com elásticos de leve compressão.

Outro problema residia na qualidade dos tecidos. "Quando a gente vestia um uniforme novo, sentia ele encolher no primeiro tempo. Era preciso esticar as camisas no intervalo. Só que muitas se rasgavam", lembra Bauer, volante do São Paulo e da Seleção nos anos 40 e 50. O desconforto também se fez presente na década de 70. As camisas eram de um material sintético que transformava o uniforme numa sauna móvel.

Na era do marketing, os clubes tiveram que adaptar as camisas para que recebessem a marca dos patrocinadores. A primeira grande mudança foi realizada em 1981 pelo Flamengo, que alargou as listras horizontais de 5 para 12 cm. O novo visual ficou bem mais moderno e eliminou a impressão de que os jogadores rubro-negros eram gordinhos e baixinhos, dada pelas faixas estreitas na tela da televisão.

Do ponto de vista da moda, no atual panorama do futebol brasileiro falta ousadia. "O uniforme magnifica e exalta a atuação do herói. Portanto, para os uniformes dos jogadores de futebol, sou contra a discrição. Devem ser verdadeiros escândalos visuais para ser usados por homens (considerados) extraordinários", diagnostica a crítica de moda Costanza Pascolato.

Se o Brasil seguir a tendência mundial do futebol-empresa, boa parte dos atuais uniformes poderão se tornar relíquias de museu. "Na Europa, já se trabalha com a possibilidade de os times terem três jogos de camisa. Cada um com uma vida útil de dois anos. Ou seja, a cada dois anos o time vai usar um novo uniforme", explica José Carlos Brunoro, gerente de esportes da Parmalat. Uma adaptação que os clubes sintonizados com a modernidade precisarão fazer se quiserem seguir com a tradição de vencer.

OS NÚMEROS A numeração das camisas foi a grande novidade trazida pelo time inglês Chelsea Football Club, na sua excursão pelo Brasil em 1929. Entretanto, os números nas camisas só se tornaram obrigatórios no final da década de 40, facilitando a vida do juiz.

AS CHUTEIRAS As primeiras chuteiras eram verdadeiras botinas. O formato robusto, o cano alto e o bico quadrado reforçado com uma placa de metal conferiam um aspecto feroz aos calçados. Com o tempo, a ponteira metálica desapareceu e o cano abaixou, deixando a chuteira com formas semelhantes às de uma sapatilha. Na década de 50, a fábrica Maracanã lançou um tipo mais leve e flexível. "Na preparação para a Copa de 50, o Flávio Costa pediu para ver minha chuteira. Como ela tinha o solado flexível, ele disse que jogador dele não jogava com aquele equipamento", lembra o lateral-esquerdo Nílton Santos, que nem por isso trocou de calçado. Essa mentalidade, entretanto, só acabou vencida quando a nova chuteira passou a ser fabricada na Alemanha.

A chuteira alemã de então apresentou uma novidade: doze cravos. Antes, os jogadores usavam calçados com seis travas fixas ou seis rosqueáveis. Hoje, entretanto, a escolha da melhor chuteira muitas vezes obedece a critérios comerciais. As empresas assinam contratos para que os jogadores usem o seu produto. A atual vedete dos gramados atende pelo nome de Predador, uma chuteira de borracha com pequenas "cristas" na parte da frente. Seu *design* e tecnologia garantem mais potência e efeito aos chutes.

OS GOLEIROS A tradição dos goleiros brasileiros sempre foi a de inventar moda. Desde Marcos de Mendonça, com sua fitinha roxa nos anos 10 e 20, até Zetti jogando com a calça do abrigo. Os primeiros uniformes dos goleiros se assemelhavam a armaduras: bonés, cotoveleiras, joelheiras e caneleiras. Mas com o tempo, a maior parte da indumentária caiu em desuso. Gilmar dos Santos Neves, bicampeão do mundo pelo Santos e pela Seleção, deu a sua contribuição ao abolir as joelheiras. "No primeiro jogo da Copa de 58, o roupeiro esqueceu o meu material e eu entrei sem as joelheiras. No final, achei que joguei com mais libertade e, na volta ao Brasil, continuei sem elas", conta.

Já as luvas sempre foram utilizadas na Europa por causa do frio. Jaguaré, lendário goleiro nos anos 20 e 30, trouxe a moda depois de jogar na Espanha por "dar mais segurança". Castilho, goleiro do Fluminense e da Seleção Brasileira dos anos 40 a 60, usava luvas de lã em dias de chuva, para dar mais aderência. Outro motivo era que ele havia retirado cirurgicamente a falange do dedo mínimo da mão esquerda. Depois da lã, as luvas passaram a ser feitas de couro com detalhes em borracha nas palmas. Seu uso, entretanto, só se popularizou a partir dos anos 70.

Mas o que mais chama a atenção são as camisas espalhafatosas dos guarda-metas. Tudo começou com Raul, no Cruzeiro da década de 60. Certa vez, sem o uniforme, teve que tomar emprestado o blusão amarelo do lateral Neco para entrar em campo. A moda estava lançada e o fim da monotonia das camisas cinzas, pretas ou brancas estava decretado.

★★★★

marões, Peru e Polônia. Todos temiam a Argentina de Maradona.

É verdade que a Argentina perdera o primeiro jogo da chave para a Itália. Mas, até por isso, achamos que poderia endurecer as coisas para o Brasil. Não endureceu. Vencemos facilmente, por 3 a 1, e fomos enfrentar a Itália já nos sentindo semifinalistas.

Azar nosso: perdemos por 3 a 2 numa tarde de Paolo Rossi. O centroavante fez os três gols que nos mandaram de volta para o Brasil, e a Itália seguiu seu curso para a conquista do título.

ALÉM da Copa do Mundo, os aficcionados brasileiros perderam, também em 1982, a confiança numa de suas mais caras esperanças. Não havia no país, até aquele ano, quem não sonhasse com a riqueza da Loteria Esportiva — a famosa Loteca que fazia milionários a cada fim de semana, premiando o que todo brasileiro se acha capaz de fazer: acertar palpites sobre o resultado de jogos de futebol.

O concurso perdeu muito de sua popularidade, em outubro de 82, quando PLACAR publicou a história estarrecedora, levantada pelo então repórter Sérgio Martins, de uma máfia que controlava os resultados dos jogos da Loteria. Foram relacionados 125 nomes de técnicos, dirigentes, árbitros, radialistas e

O TALENTO COBIÇADO

O futebol brasileiro ainda era quarentão, quando os estrangeiros começaram a levar nossos craques. E não devem parar tão cedo

A penúria da economia e a incompetência dos cartolas sempre fizeram do futebol brasileiro presa fácil das moedas estrangeiras. Não é por acaso que o Brasil ostenta a condição de maior exportador mundial de jogadores. Segundo boletim da FIFA, o país lidera o ranking da exportação de futebolistas há 44 anos, desde 1950.

Na prática, os brasileiros se tornaram os grandes embaixadores da bola. Desde os irmãos Fantoni, do Atlético Mineiro, os primeiros a jogar na Itália no início da década de 30, até o craque Adriano, tricampeão mundial de juniores, que foi para a Suíça sem ter vivido como profissional do Guarani.

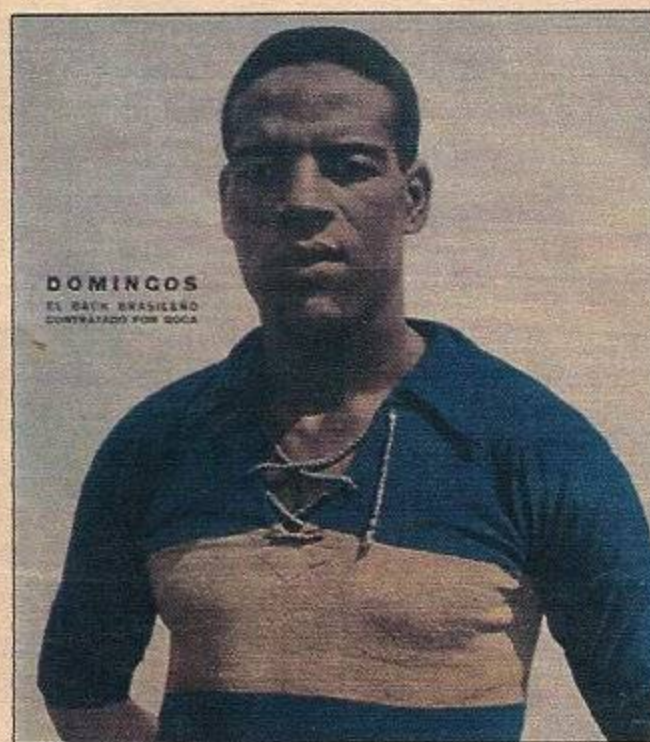
No início dos anos trinta, o grande problema era o falso amadorismo. Os jogadores já ganhavam para defender os clubes, mas oficialmente era "tudo por amor à camisa". A hipocrisia só acabou exposta quando as maiores estrelas da época (Fausto, Domingos Da Guia e Leônidas da Silva) foram jogar no exteriror como profissionais. Para a Itália, rumaram os paulistas Del Debbio, Rato, Filó, Amílcar Barbuy, De Maria e Serafim. Para o Uruguai foram os cariocas Congo, Magno e Martins. Mas foi na Argentina que os brasileiros se deram melhor. Lá, Tufi, Vani, Ramon, Teixeira e Petronilho de Brito se sagraram bicampeões nacionais defendendo o San Lorenzo de Almagro. A sangria de craques só foi estancada quando o Brasil implantou o profissionalismo, em 1933. A Segunda Guerra Mundial também paralisaria temporariamente o mercado europeu.

Com o sucesso do futebol brasileiro nos anos 50, nossos craques voltaram a buscar fortuna na Espanha, Itália, Portugal e França. Nada tão terrível como o que aconteceu nas décadas de 80 e 90, quando os maiores astros brasileiros defendiam clubes europeus.

Mas o mercado internacional não se abriu apenas para os fora-de-série. A Bélgica, por exemplo, estabeleceu uma verdadeira Conexão Maranhão levando para seus times jogadores que jamais chegariam aos grandes centros do Brasil. No Japão dos anos 90, ocorreu uma vitoriosa mistura entre craques consagrados, caso de Zico, e jogadores apenas esforçados, como Alcindo.

TRICAMPEÃO DA AMÉRICA O grande Domingos Da Guia é o único jogador que ostenta o título de campeão nos três maiores centros do futebol sul-americano. Em 1933, ganhou o campeonato uruguaio pelo Nacional e, em 1935, o argentino, defendendo o Boca Juniors. No Brasil, seus títulos foram pelo Vasco e Flamengo. O apelido El Divino Mestre ele ganhou no Uruguai.

CONTRA O PRECONCEITO A situação do jogador brasileiro era tão ruim em 1931 que Fausto e Jaguaré, do Vasco, decidiram abandonar o time durante uma excursão à Europa, depois de receber uma bela proposta do Barcelona. A aventura européia dos dois, porém, bateu de frente com o preconceito dos espanhóis. Jaguaré, primeiro, e Fausto, depois, acabaram retornando ao Brasil, sem ter conseguido juntar dinheiro. Ambos morreram pobres.

CAMPEÃO DO MUNDO O primeiro brasileiro a se sagrar campeão do mundo se chamava Anphilogino Marques, o Filó, embora na Seleção Italiana vencedora da Copa de 1934 todos o conhecessem pelo sobrenome Guarisi. A mudança de nome, aliás, foi indispensável para que Filó pudesse se transferir do futebol paulista para a Lazio, de Roma. Naquele tempo, apenas os descendentes de italiano tinham o direito de jo-

DOMINGOS DA GUIA foi campeão no Brasil, no Uruguai e na Argentina

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

jogadores envolvidos.

Foi preciso vencer uma verdadeira guerra — não uma partida — no Olímpico, em 1983, para o Grêmio de Porto Alegre conseguir o direito de disputar um campeonato mundial. Mas depois de um empate, por 1 a 1, no Uruguai, o tricolor gaúcho fez das tripas coração e conseguiu derrotar o Peñarol, em Porto Alegre, por 2 a 1.

Em dezembro de 1983, os campeões brasileiros de 1981, e vice-campeões de 1982, entravam no Estádio Nacional de Tóquio para enfrentar o Hamburgo, campeão europeu da temporada.

COM UM time reforçado por veteranos, como Mário Sérgio e Paulo César Lima, o Grêmio aliava experiência e talento.

E foi o talento do ponta-direita Renato que brilhou como nunca naquele dia: aos 38 minutos do primeiro tempo, ele entortou três vezes o zagueiro Schroeder antes de concluir para fazer o primeiro gol do Grêmio. Mas uma bobeira da defesa quase botou tudo a perder. Os alemães empataram o jogo aos 41 minutos do segundo tempo.

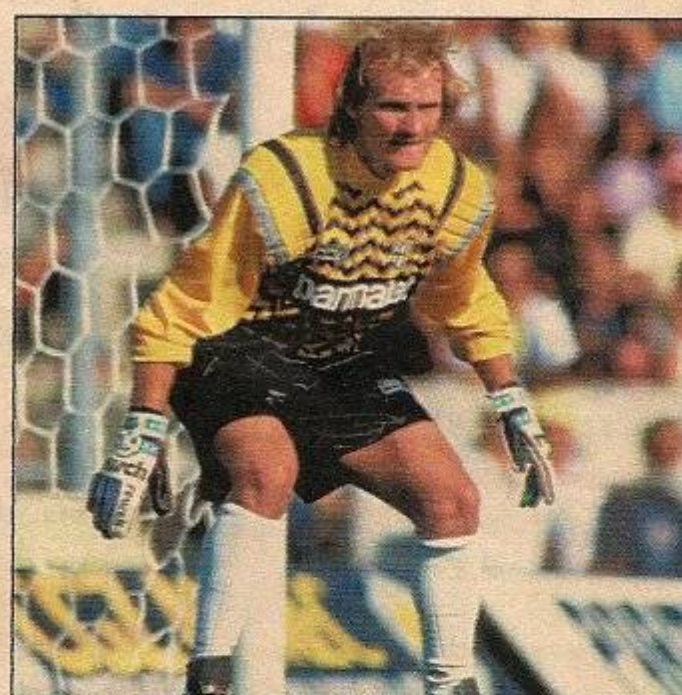
Mas Renato estava mesmo inspirado. Foi ele que encorajou os companheiros mais jovens quando o nervosismo ameaçou complicar. "Faz de conta que estamos jogando contra o Aimoré", sugeriu, referindo-se a

NELSON COELHO

ROMÁRIO, US$ 1 milhão por ano

GAMMA/ANTONIO RIBEIRO

BEBETO, ídolo do La Coruña

SIPA PRESS

TAFFAREL: até goleiro é exportado

gar na Itália. Da Lazio para a Azzurra foi um passo fácil. Afinal, conquistar o Mundial era um projeto político do ditador Benito Mussolini e, para isso, precisava de todos os craques, não importando a nacionalidade.

PROPOSTAS ITALIANAS As propostas para que jogadores brasileiros se naturalizassem nos países em que jogavam sempre foi uma constante. Julinho Botelho, melhor jogador brasileiro da Seleção de 54, resistiu. Quando conquistou o Campeonato Italiano pela Fiorentina na temporada 1955/56, os *tifosi* quase enlouqueceram. Os dirigentes chegaram mesmo a tentar traçar uma árvore genealógica para naturalizar Julinho. "Eles descobriram um tal de Boteglio em Portugal. Por sorte, era padre", conta Julinho, descendente de portugueses e extremamente ligado ao Brasil.

O mesmo não aconteceu com José João Altafini, o Mazzola. Jogador do Palmeiras e da Seleção na Copa de 1958, Mazzola se transferiu para a Itália em 1959, iniciando uma das carreiras de maior sucesso de um jogador brasileiro no exterior. Graças a sua técnica apurada e ao faro de gol impressionante, tornou-se um dos quatro maiores artilheiros da história do Campeonato Italiano com 216 gols em 459 partidas. Vestiu as camisas do Milan, Juventus e Napoli e disputou o Mundial de 1962 pela seleção italiana.

DIDI VERSUS DI STEFANO No final da década de 50, o Real Madrid, da Espanha, era praticamente uma seleção do mundo com o argentino Di Stefano, o francês Kopa e o húngaro Puskas. Em 1959, porém, veio se juntar a eles o melhor jogador da Copa da Suécia, Didi. Entretanto, a convivência do brasileiro com Di Stefano não foi das melhores. Ambos disputavam a liderança da equipe e não tardou que o boicote começasse de parte a parte. Não trocavam palavras e, o que é pior, nem bolas. A corda acabou estourando do lado de Didi, que voltou ao Botafogo e aguardou com ansiedade a vingança na Copa de 1962. O momento se apresentou num jogo decisivo contra a Espanha. Embora Di Stefano estivesse no banco, machucado, Didi estava tão nervoso que Nílton Santos teve que lhe dar uma bronca: "Pára de fazer firula e passa logo essa merda". Didi se recuperou e o Brasil venceu por 2 a 1, numa exibição primorosa de Garrincha.

MERCADO ITALIANO Quando a Itália conquistou a Copa de 1982, o mundo conheceu um *boom* de compra de jogadores nunca antes visto. Os maiores craques brasileiros passaram, então, a desfilar todos os domingos vestindo as camisas dos clubes italianos. Sócrates, Zico, Júnior, Cerezo passaram a fazer a alegria dos *tifosi*. Iniciando o grande fluxo de brasileiros para o exterior que perdura até hoje.

$ALÁRIO$ E SALÁRIOS Jogar no exterior representa muitas vezes a única saída digna para um jogador de futebol sobreviver. Isto porque, lá fora, qualquer brasileiro que tenha um mínimo domínio de bola pode ganhar de US$ 3 mil a US$ 5 mil dólares por mês. No Brasil, além de ser chamado de cabeça-de-bagre e perna-de-pau, não conseguiria receber muito mais do que US$ 70 mensais, o equivalente a um salário mínimo. Segundo levantamento da CBF, apenas 3% dos profissionais em atividade no país ganham acima de dez salários mínimos. A grande maioria (70% do total) recebe entre um e dois mínimos. O abismo entre os salários também se revela enorme quando se compara a remuneração da geração da Copa de 1958, que passou a carreira praticamente toda no Brasil, com a da Copa de 1994, que viveu as maiores glórias no exterior. Didi ganhava cerca de US$ 46 mil anuais, Garrincha, US$ 56 mil e Pelé, US$ 61 mil. Já Raí ostenta um salário anual de US$ 650 mil, Bebeto de US$ 570 mil e Romário de US$ 1 milhão.

★★★★

um dos times mais fracos do Campeonato Gaúcho.

Na prorrogação, não deu outra: prostrou com um drible o zagueiro Jacobs e saiu para o abraço. 2 a 1 e o Grêmio era campeão do mundo.

UM TROFÉU em casa, outro perdido. Só que aquele que Sérgio Pereira Ayres, o "Peralta", José Luís Vieira da Silva, o "Bigode", e Francisco José Rocha Rivera, o "Barbudo", roubaram na noite de 23 de dezembro de 1983 era nada menos que o original da Taça Jules Rimet — o mais cobiçado troféu esportivo do mundo, cuja posse custara o esforço de três selecionados e provavelmente a maior torcida de várias gerações de brasileiros.

A taça, que ficava exposta na sala de troféus da CBF, no Rio de Janeiro, era protegida por vidros à prova de balas, mas montados numa frágil moldura de madeira, enquanto sua réplica ficava muito bem guardada no cofre-forte da entidade. Dias depois de ser levada pelos três ladrões, a Jules Rimet foi derretida pelo receptador Juan Carlos Hernandez. O símbolo de nosso tricampeonato mundial tinha desaparecido para sempre, transformado numa mísera bolota de ouro.

O ANO de 1984 começou com o país

DA GOZAÇÃO AO ÓDIO

Os gritos importados deram lugar à caçoada sadia, que hoje a violência organizada quase sufoca

NELSON COELHO

No Rio, a explosão maior é o Flamengo

A FESTA Um espetáculo dentro de campo, outro nas arquibancadas. Assim pode ser definida uma partida de futebol. Enquanto os craques propiciam a alegria com gols, as torcidas fazem uma festa colorida e barulhenta, com bandeiras, fogos, faixas, camisas, batucada e gritos. Um verdadeiro carnaval sem rei momo.

Mas quem se maravilha hoje com a festa nos grandes estádios brasileiros ficaria espantado se soubesse como era há cem anos. No início, torcedor era um artigo tão raro como bolas de futebol.

Tanto que o primeiro grito de saudação aos jogadores partiu de dentro de campo e não das arquibancadas. Querendo reunir as energias do time e chamar a atenção da torcida, o jogador Renato Miranda, do Paulistano, gritava antes dos jogos : *Allez! / Go hack*! (Vamos! Vamos chutar!). Abrasileirado, o grito virou Alê-guá-guá-guá-hurrah! Logo a moda se estendeu às torcidas. Os fãs do Mackenzie esgoelavam Back-teteque / Back-teteque / Éque-éque! e os do Fluminense, o tradicional Hip-hip-hurrah!

ANTONIO C. MAFALDA

PÓ-DE-ARROZ NO AR: é o Flu em campo

VASCAÍNOS, terríveis rivais do Mengo

Os estrangeirismos dos gritos denunciavam a origem endinheirada dos primeiros torcedores. Os jogos do Fluminense, por exemplo, eram freqüentados pela fina flor da sociedade carioca. As moças compareciam com "ricas *toilettes*" e muito entusiasmo. Já os homens, elegantemente trajados, ostentavam no chapéu de palha fitinhas com as cores do clube. Importadas da Europa, é claro.

Mas o bom-mocismo da torcida não resistiu muito tempo. Já na decisão do Campeonato Paulista de 1904, as 4 mil pessoas que se aglomeravam nas arquibancadas vaiaram jogadores e juiz. "Esperamos que tão reprováveis cenas não se repitam", censurou o cronista do antigo Jornal do Comércio. Apesar da atitude "vergonhosa", a partir de então a torcida brasileira se apropriou do direito divino de apupar juízes, jogadores, dirigentes, técnicos e até gandula. Viva a vaia. Afinal, tudo é festa. Os xingamentos só começaram com força quando o Vasco montou seu time de negros, mulatos e brancos pobres, em 1923. Assim, a torcida dos adversários não se sentia nem um pouco inibida em xingar os jogadores vascaínos de "lepra", "chupa-sangue", "enterra-time". Entretanto, a maior crueldade de uma torcida ainda estava por vir. Foi no jogo entre a Seleção Carioca e a Paulista, em 1943, realizado no Estádio de São Januário. Quando o escrete carioca marcou o último gol da goleada de 6 a 1, a multidão começou a pedir "Chega!" para humilhar os paulistas.

Os fogos só conquistaram um lugar no espetáculo em 1933,

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

em pé, manifestando-se pela única coisa que ainda faltava para sepultar o atraso político dos vinte anos anteriores: eleições diretas para presidente. Culminando o movimento que empolgava as grandes cidades, em um palanque com representantes das mais diversas correntes políticas, como Ulysses Guimarães, Luiz Inácio Lula da Silva, Tancredo Neves, Franco Montoro, Antônio Carlos Magalhães, artistas e intelectuais, representando as forças progressistas do país, realizou-se em São Paulo, no dia do aniversário da cidade, 25 de janeiro, a maior manifestação já presenciada no Brasil. Mais de 300 mil pessoas tomaram a Praça da Sé e todos os seus acessos gritando "Diretas Já!"

O país ainda não seria atendido, mas ficou claro que seu destino não era o que havia sido planejado pelos governos militares. No dia 15 de janeiro de 1985, o Congresso elege o ex-governador mineiro Tancredo Neves para ser o primeiro presidente civil desde 1964.

Três meses depois, na véspera da posse, uma notícia deixa o país em suspenso: Tancredo havia sido operado de uma diverticulite, em urgência. Durante 37 dias, boletins diários da junta médica que atende o presidente eleito mantêm o povo inteiro preso aos meios de comunicação. No dia 22 de

SÍLVIO PORTO

EM SÃO PAULO, "corintianismo" é religião

SÍLVIO PORTO

OS PALMEIRENSES lotam estádios

OS TÍTULOS atraem mais são-paulinos

levados pelos torcedores do Bangu. No Rio Grande do Sul, a novidade só chegou nos anos 40 com os colorados. Os gremistas, por sua vez, diziam que o foguetório era coisa de crioulo. Mas quando os tricolores aderiram ao costume, os torcedores do Internacional exibiram uma faixa que dizia "Imitando crioulo, hem?" Começou a moda dos cartazes com dizeres gozativos.

A música nas arquibancadas estourou em 1942 com o aparecimento da famosa Charanga do Flamengo. Comandada pelo rubro-negro Jaime de Carvalho, a Charanga era um grupo animado de músicos que tocavam o tempo inteiro, sem parar. Outra atração carioca surgiu no tempo do Expresso da Vitória do Vasco. O estivador baiano Domingos Espírito Santo Ramalho não tinha dinheiro para comprar corneta. Por isso, improvisava uma com talos de mamão. Tirava belos dobrados para a alegria de todo mundo.

Mas as arquibancadas não eram apenas sinônimo de festa. Também se transformaram em palco para reivindicações políticas a partir da década de 70. A torcida do Corinthians foi a primeira a levar aos estádios cartazes pedindo anistia ampla, geral e irrestrita e, depois, diretas-já. Na disputa do título paulista de 1983 foi a vez de os jogadores levarem a faixa "Perder ou ganhar, mas sempre com democracia".

Mas democracia mesmo só em 1978, quando surgiu a primeira torcida de homossexuais, a Coligay, do Grêmio. Comandado por Wolmar dos Santos, dono de uma boate, o grupo até enfrentou resistências no início. Mas acabou se impondo graças ao apoio da imprensa e dos próprios jogadores. Afinal, a Coligay se revelou a mais fiel das torcidas tricolores, acompanhando o time onde quer que fosse. Apesar de só ter agitado até 1981, marcou época. Mostrou também que as arquibancadas são as donas da festa, sem preconceito.

A FÚRIA Para os inimigos, nem justiça. Esta é a sentença que impera hoje entre as torcidas ditas organizadas. Nos últimos anos, o Brasil assistiu ao crescimento dos grupos que se intitulam máfias e falanges, fabricam bombas e espalham a violência. "Quando eu era garoto, tinha um medo danado de acontecer uma briga perto de mim nos estádios", conta o ex-pugilista Éder Jofre. Mas nada se compara ao que acontece hoje. Como Éder Jofre, o que a maioria dos velhos torcedores quer é a volta da paz às arquibancadas. Antes, a rivalidade rendia no máximo uns bofetões. Em Minas, onde as paixões clubísticas sempre foram exacerbadas, as rivalidades se mostravam muito bem-humoradas. No antigo bar Carijó, no Bairro da Floresta, por exemplo, as contas não eram em "cruzeiros", só em "atléticos". Já no Morro do Pendura Saia, só podia erguer barracos quem fosse atleticano. "O senhor é atleticano?", perguntavam. "Não, sou americano". "Que americano o quê! Onde se viu americano morar em favela? Rapa, cruzeirense safado!"

Hoje, a morte ronda os gramados. Desde 92, registrou-se em São Paulo o assassinato de três torcedores: Rodrigo de Gásperi, do Corinthians; Sérgio Vivaldini, do Palmeiras; e Ricardo Lemos, do São Paulo. A violência é tão crescente que, em julho de 93, um ônibus da torcida flamenguista Raça Rubro-Negra sofreu uma emboscada da torcida do Vasco na Via Dutra. A arma usada foram coquetéis molotov.

★★★★

abril, Tancredo morre no Instituto do Coração, em São Paulo, e o vice-presidente José Sarney, que assumira provisoriamente o governo, é confirmado no cargo.

AS DISPUTAS políticas na CBF marcaram as vésperas da Copa de 1986, no México. Com o fim do mandato de Giulite Coutinho, Medrado Dias, pela situação, e Nabi Abi Chedid disputaram voto a voto a presidência da entidade. Como o empate parecia iminente, Nabi, conhecido pelas manobras com que dominara, antes, o futebol paulista, não teve dúvida: lançou mão do estatuto, que garantia a eleição do candidato mais idoso em caso de empate, e transformou-se em vice numa chapa encabeçada por Otávio Pinto Guimarães, velho e doente expresidente da Federação carioca.

O que Nabi não esperava é que, investido no cargo, Guimarães ressuscitasse. Instalou-se uma tremenda confusão sobre quem mandava, de fato, no futebol brasileiro. Para contornar o problema, ficou acertado que Guimarães se encarregaria da administração e que Nabi seguiria para o México chefiando a delegação brasileira.

ENQUANTO ISSO, começava a subir a estrela de Ricardo Teixeira, genro de João Havelange, que apoiara a candidatura de Medrado preparando o terreno para suce-

NENHUMA SE COMPARA A ELA

Na maior parte da sua história, a Seleção Brasileira soube representar esse seu povo que já nasce com a bola nos pés. E soube sair de fracassos rumo às maiores conquistas. Hoje não há, no mundo inteiro, uma camisa tão cheia de glórias

1958, Suécia: Bellini ergue a taça...

A Seleção Brasileira é a mais gloriosa equipe do planeta. Com participação em todas as Copas do Mundo, tornou-se a única quatro vezes campeã mundial. Também ostenta a honra de deter a posse definitiva da Taça Jules Rimet.

1903 ***Vitória é Brasil*** A estréia internacional do futebol brasileiro aconteceu num domingo ensolarado, dia 7 de junho de 1903, na Bahia. O jogo foi promovido por associados do Vitória que desafiaram um combinado formado por ingleses, alguns residentes em Salvador, outros marinheiros de passagem. O técnico e capitão do time, Álvaro Tarqüínio, reforçou o escrete com atletas do Bahiano e do São Salvador.

Nas duas noites que antecederam o encontro, costureiras tiveram um grande trabalho para confeccionar os uniformes do combinado. As camisas levavam as cores verde e amarela em tiras verticais, os calções eram brancos, as meias pretas.

No grande dia, cinco mil pessoas foram ao campo dos Mártires (hoje Campo da Pólvora) para assistir ao confronto internacional. Não fosse o empate sem gols, teria sido um começo perfeito. Mas na revanche, no dia 28 de julho, a vitória foi nossa: 3 a 0.

1914 ***A primeira Seleção*** Quando o time do Exeter City desembarcou no Rio de Janeiro, corria o boato de que seus jogadores podiam correr com a bola dominada por todo o gramado sem que ninguém conseguisse tomá-la. Seus chutes costumavam furar as redes e, em alguns casos, destroçar as traves. Afinal, eram profissionais da Terceira Divisão da Liga Inglesa.

Por isso, a torcida já esperava pelo pior quando entrou em campo a primeira Seleção Brasileira, formada por jogadores do Rio de Janeiro e São Paulo. O que se assistiu, entretanto, foi um verdadeiro baile. Os ingleses ficaram tão desnorteados com os craques brasileiros que quatro deles quiseram abandonar o campo quando o Brasil marcou o segundo gol. Graças à intervenção do juiz, voltaram. Só que desta vez, para bater, como puderam comprovar o meia Rubens Salles e o atacante Friedenreich, que perdeu dois dentes numa botinada. O Brasil venceu por 2 a 0.

1919 ***O Primeiro Sul-Americano*** O Sul-Americano de 1919, disputado no Rio de Janeiro, serviu para mostrar a força do futebol no Brasil. Não apenas por ser o primeiro título conquistado pela Seleção Brasileira, mas também pelo interesse que a torcida demonstrou na competição, lotando todos os jogos no Estádio das Laranjeiras.

O Brasil fez uma bela campanha: venceu o Chile por 6 a 0, a Argentina por 3 a 1 e empatou com o Uruguai por 2 a 2. Na negra com os uruguaios, o gol da vitória só saiu na segunda prorrogação, depois de 153 minutos de jogo. O tento salvador foi de Friedenreich, depois de uma brilhante jogada construída por Neco. Com o fim da partida, os jogadores foram carregados em triunfo pela torcida e tratados como heróis pelos jornais. A chuteira de Friedenreich até ficou exposta na vitrine de uma loja na Rua do Ouvidor. Nascia o sentimento que, mais tarde, Nélson Ro-

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

dê-lo.

Ao mesmo tempo em que o presidente e o vice da CBF se engalfinhavam na disputa do poder, Teixeira carregou vários dirigentes de federações para o México, para assistir à Copa com ele. Ninguém reclamou de falta de conforto ou de mordomias na viagem.

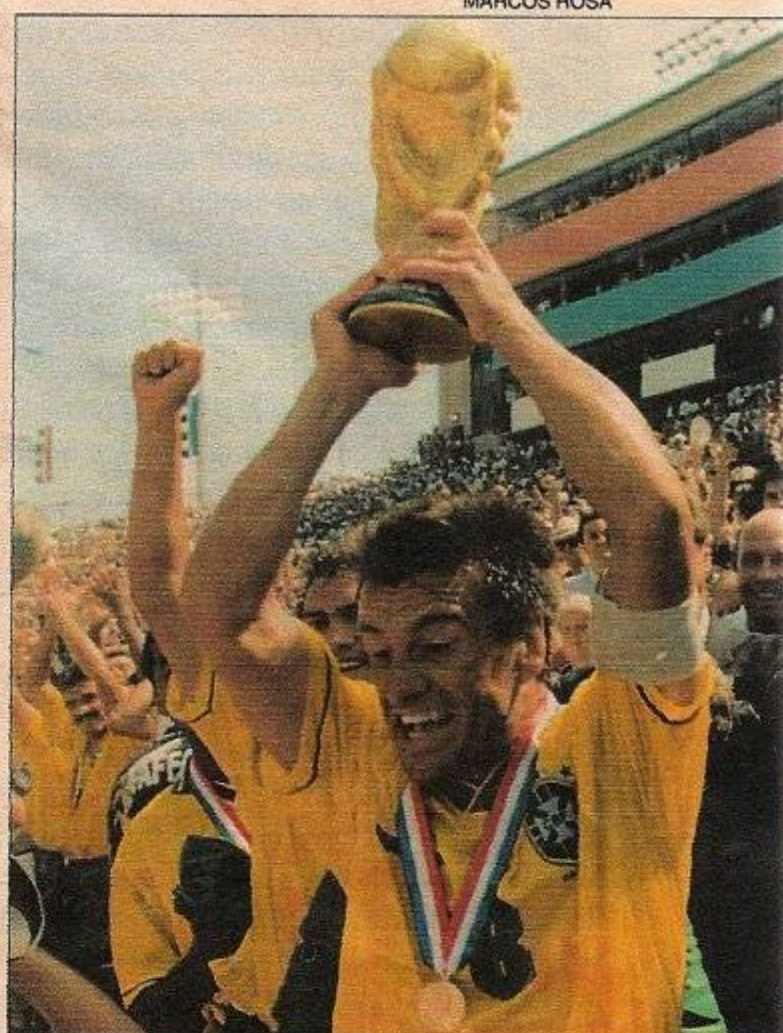
Mas a verdade é que não foram somente as disputas políticas que prejudicaram o ambiente de preparação para a Copa de 1986. À falta de comando, de estrutura e de organização, juntou-se um péssimo clima com a dispensa de Renato, um dos grandes responsáveis pela campanha vencedora das eliminatórias, com o lateral Leandro retirando-se do time em solidariedade ao colega.

Os problemas eram muitos, mas os craques ainda estavam lá. Novamente Zico, Sócrates e Falcão. Novamente Telê, com seu futebol ofensivo. E de novo o México, palco da melhor campanha brasileira de todos os tempos. Além disso, o time vinha reforçado por Müller, Silas e Careca, astros de um dos períodos mais brilhantes do São Paulo, com o técnico Cilinho.

ZICO, contundido, foi poupado no jogo de estréia, contra a Espanha. Vencemos por 1 a 0. É verdade que com a ajuda do juiz, que invalidou um gol legítimo do espanhol Michel. A bola bateu dentro do gol de Carlos

AJB/ALBERTO FERREIRA

AG. O GLOBO

MARCOS ROSA

...num gesto que Mauro repetiu em 62 no Chile, que Carlos Alberto repetiu em 70 no México e Dunga em 94 nos EUA

drigues definiria como "A Seleção é a Pátria de chuteiras".

1920 ***São Paulo x Rio de Janeiro*** A rixa entre paulistas e cariocas, insuflada pelos jornalistas e alimentada pelos cartolas, começa a prejudicar a Seleção Brasileira. No Sul-Americano do Chile, a Seleção não levou atletas paulistas e nenhum carioca campeão de 1919. O saldo foram duas derrotas para a Argentina e Uruguai e uma vitória contra o Chile.

1921 ***Preconceito presidencial*** A Seleção de 1921 que disputou o Sul-Americano da Argentina teve o dedo preconceituoso do presidente da República, Epitácio Pessoa. O supremo mandatário do país recomendou que os cartolas não levassem jogadores negros "para evitar represálias contra eles caso o Brasil não faça boa figura". O Brasil só levou brancos, e perdeu para seus dois maiores rivais (Argentina e Uruguai).

1930 ***"Brasil treme"*** As sucessivas brigas entre cartolas cariocas e paulistas minaram as chances do Selecionado na primeira Copa do Mundo. Os dirigentes do Rio de Janeiro negaram a reivindicação paulista de um posto na comissão técnica. Foi o bastante para que o futebol de São Paulo se negasse a fornecer jogadores, os melhores do Brasil na época. O único que desobedeceu o boicote e embarcou com a Seleção foi o ponta-direita Araken Patuska. E assim o Brasil teve uma participação discreta. Perdeu o primeiro jogo para a Iugoslávia (1 a 2) e venceu o segun-

1914: um baile no Exeter City inglês

1919: primeiro título sul-americano

1930: derrota no primeiro Mundial

★★★★

e saiu.

Mas aos poucos o time se acertava. Venceu a Irlanda por 3 a 0 na segunda partida, e na terceira a Polônia, por 4 a 0.

Mais uma vez éramos os favoritos da imprensa. O jogo contra a França, nas quartas-de-final, parecia ganho quando, logo no início, Careca fez 1 a 0. Mas a França ainda empataria. E com o jogo em 1 a 1, Zico, logo ele, desperdiçou um pênalti que o lateral Branco havia sofrido. Veio a prorrogação e persistiu o empate.

Pênaltis: Platini perdeu um pela França, Sócrates e Júlio César perderam os seus pelo Brasil. França, 4 a 3.

O Brasil via passar sem títulos os melhores anos de uma geração que parecia nascida para vencer.

AS CONFUSÕES criadas na CBF por Nabi Abi Chedid e Otávio Pinto Guimarães não tardariam a repercutir no Campeonato Brasileiro. Em setembro de 1987, os maiores clubes de São Paulo — Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Santos —, do Rio — Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo —, do Rio Grande do Sul — Grêmio e Internacional —, de Minas — Cruzeiro e Atlético — e da Bahia — o próprio Bahia — fundavam o Clube dos 13.

A nova associação pretendia ser uma liga

do contra a Bolívia (4 a 0). Restou a indagação: o que a Seleção poderia ter feito se tivesse jogado com sua força máxima?

O centro-médio Fausto foi escolhido um dos melhores da competição e passou a ser chamado pela imprensa mundial de "Maravilha Negra". Mas ao desembarcar no Brasil, mostrou toda sua insatisfação dizendo que os demais jogadores medraram. "Acho que não foi de frio que alguns deles tremeram", declarou aos jornais. Ninguém se atreveu a responder.

1932 ***A africanização*** Os negros e mulatos só conquistaram definitivamente seu lugar na Seleção Brasileira em 1932, quando o Brasil venceu o Uruguai, em pleno Estádio Centenário de Montevidéu, ganhando a Copa Rio Branco. Na ocasião, os melhores jogadores foram Domingos Da Guia, em sua segunda partida pela Seleção, e Leônidas da Silva, estreando no Selecionado com os dois gols da vitória por 2 a 1.

Os cronistas consideram ainda a Copa Rio Branco como o marco da "africanização" do futebol brasileiro. A partir daí, os brancos incorporaram a ginga de corpo, a malícia e a sutileza dos negros. Um processo abençoado naquela competição pelo pai-de-santo Oscarino, oficializado como macumbeiro da delegação. Na verdade, a vitória brasileira consolidou o estilo de jogo que, hoje, se convenciona chamar de futebol-arte.

1934 ***Sem profissionais*** Durou 90 minutos a participação do Brasil na Copa da Itália, em 1934. A Seleção perdeu por 3 a 1 para a Espanha numa partida eliminatória. Não se esperava muito mais pois o futebol brasileiro vivia uma guerra, dividido em amadores e profissionais. Embora defensores do amadorismo, os cartolas encarregados da formação da Seleção tiveram que contratar alguns jogadores para reforçar o time. Mas apenas uns poucos craques do São Paulo aceitaram a "convocação", entre eles Waldemar de Brito. Os jogadores do Palmeiras (então Palestra), por exemplo, foram trancafiados em uma fazenda do interior. A segurança era feita por homens armados dispostos a mandar bala em qualquer estranho que se aproximasse. A Seleção da Espanha agradeceu.

1932: no navio, rumo à vitória na Copa Rio Branco

1938 ***Diamante brilha*** Finalmente a politicagem dos cartolas teve um recesso e o Brasil pôde levar seus melhores jogadores para a Copa da França, em 1938. O terceiro lugar conquistado não dá, entretanto, a idéia da luta que os brasileiros travaram em gramados europeus. Logo na primeira partida, por exemplo, a Seleção começou a brincar quando ganhava por 3 a 1 da Polônia e o jogo fácil tornou- se uma batalha. Ao final, os poloneses conseguiram empatar em quatro gols. Por causa da chuva torrencial, Leônidas até tentou jogar sem chuteiras, mas o árbitro não permitiu. Mesmo assim, o Brasil venceu por 6 a 5, na prorrogação.

Contra a Tchecoslováquia, outro drama. Os dois times trocaram botinadas o tempo todo e o jogo terminou empatado em um gol, apesar de o Brasil ficar apenas com nove jogadores. Como a prorrogação confirmou o resultado, a Fifa marcou outra partida

CHICO YBARRA

1934: time amador sai do Mundial após 90 minutos

1938: na França, muita luta e um terceiro lugar

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

dos maiores times do país para disputar um campeonato chamado "Copa União", garantindo para os clubes jogos mais rentáveis, competições de melhor nível e maior participação nas cotas pagas pela televisão para transmitir os jogos.

A primeira Copa União foi conquistada pelo Flamengo, em 1987. A segunda, pelo Bahia. O interesse dos clubes em disputar a Libertadores, no entanto, acabou por invalidar a iniciativa. Mas a CBF também teve de ceder, e enxugar o Campeonato Brasileiro.

FOI CRIADA, paralelamente, a Copa do Brasil, que reúne os campeões e os vices de todos os Estados brasileiros, valendo a segunda vaga para a Libertadores. A princípio criada como caça-níqueis, para garantir atrações rentáveis a times que não disputam o Campeonato Brasileiro, a Copa vem interessando até aos clubes grandes, como via mais fácil de chegar à Libertadores e, portanto, ao Mundial Interclubes.

Em 1989, aproveitando-se da bagunça que reinava na CBF, Ricardo Teixeira elegeu-se presidente da entidade. Apoiado a princípio por várias correntes, Teixeira prometia uma presidência moderna, na qual os interesses políticos fossem substituídos pelos do futebol. Mas as denúncias de corrupção e favorecimento não demoraram a aparecer,

1949: um tropeço e muitas goleadas no Sul-Americano

para decidir a vaga dois dias depois. O técnico Adhemar Pimenta, então, escalou o time reserva, mantendo apenas Leônidas e o goleiro Walter. A Seleção ganhou por dois a um e partiu para enfrentar a Itália, campeã em 34.

Sem Leônidas, machucado, o Brasil entrou em campo nervoso. Num lance em que a bola estava fora, Domingos Da Guia acertou o italiano Piola dentro da área. Para espanto dos brasileiros, que não conheciam bem as regras, o juiz marcou pênalti. A Itália ganhou por 2 a 1 e o Brasil teve que se contentar em vencer a Suécia por 4 a 2 e garantir o terceiro lugar. Leônidas se tornou o artilheiro máximo da competição com sete gols e a Seleção começou a mostrar ao mundo o futebol brasileiro.

1949 ***Aperitivo para a Copa*** Um ano antes da Copa de 1950, o Brasil conquistou o Sul-Americano disputado no Rio de Janeiro. A Seleção mostrou sede de gols (9 a 1 contra o Equador, 10 a 1 contra a Bolívia, 5 a 0 contra a Colômbia, 7 a 1 contra o Peru, 2 a 1 contra o Chile e 5 a 1 contra o Uruguai). Mas também deu um pequeno tropeço contra o Paraguai, perdendo pelo placar de 2 a 1. Na revanche decisiva, porém, o Brasil venceu por 7 a 0. Brasil campeão e, curiosidade, Uruguai quinto colocado.

1950 ***A mãe de todas as derrotas*** O Brasil preparou a Copa de 1950 para ganhar. Não no apito, como o Mundial da Inglaterra em 1966, nem com peruada, como o da Argentina em 1978, mas na bola. A bela Seleção formada na ocasião conseguiu exibições históricas no torneio, como o 7 a 1 sobre a Suécia e o 6 a 1 sobre a Espanha. Até a partida final, apenas a Suíça havia conseguido parar o Brasil, num empate (2 a 2). Mas esse jogo teve uma peculiaridade: foi disputado em São Paulo e, por causa do bairrismo exacerbado, o técnico Flávio Costa escalou uma formação paulista. O resultado acabou sendo atribuído a São Paulo pelos jornalistas cariocas.

Confirmada a classificação para a final, os jogadores deixaram a tranqüilidade da concentração e foram levados para o burburinho de São Januário, onde passaram a ser assediados e tratados já como vencedores. "Às 6h30 da manhã, fomos acordados para que um padre rezasse uma missa para os 'campeões do mundo'. E só faltou arquibancada para assistirem os 'campeões' almoçar", recorda o zagueiro Bauer.

Antes de a finalíssima começar, os uruguaios tinham um único propósito: perder de pouco. Aos brasileiros, bastava um empate. Daí a recomendação do técnico para evitar jogo violento a qualquer custo. O lance mais polêmico aconteceu quando o lateral-esquerdo Bigode entrou forte no uruguaio Gighia. Obdulio Varela, o capitão do Uruguai, deu, então, um tapinha no rosto do brasileiro: "Calma, muchacho". Alguns acreditam que o Brasil começou a perder o jogo aí. Em duas jogadas pelo lado direito, saíram os dois gols que deram ao Uruguai sua segunda Copa, e ao Brasil sua mais terrível derrota.

De nada adiantou aos brasileiros ter a melhor Seleção, o melhor jogador, Zizinho, o maior artilheiro, Ademir de Menezes com

1950: um grande time na pior derrota brasileira

1954: ganhamos no quebra-pau mas perdemos na bola

★★★★

e a gestão de Teixeira na CBF acabou avaliada pelas campanhas medíocres da Seleção Brasileira nesse período.

A POLÍTICA nacional também atravessava uma de suas fases mais medíocres. Com a frustração das esperanças populares despertadas na campanha das diretas pelo governo Sarney, a campanha para sua sucessão, em 90, acabou premiando o discurso demagógico e vazio de Fernando Collor. Eleito nas votações de 3 de outubro e 15 de novembro de 89, quando foi para o segundo turno com o petista Luís Inácio Lula da Silva, Collor instalou em Brasília o governo mais corrupto de que se tem notícia na República. A série de atos teatrais com que governou o país, e a roubalheira praticada nos mais altos escalões da administração culminaram com a sua renúncia, em 30 de dezembro de 1992, para fugir ao *impeachment* que era iminente.

No futebol, a Seleção estava a cargo de outro adepto do estilo ''defender primeiro e tentar algo depois'' — o técnico Sebastião Lazaroni.

A CONQUISTA do Sul-Americano — com o nome de Copa América de 1989 — e a classificação para a Copa da Itália não haviam convencido ninguém. Mas o grupo de jogadores que disputara a Copa América

9 gols. A derrota no Maracanã foi a maior tragédia nacional de todos os tempos, só comparável à morte de Ayrton Senna.

1952 ***Vitória no exterior*** No Pan-Americano do Chile, em 1952, o Brasil venceu quatro partidas e empatou uma, o suficiente para a conquista do primeiro título no exterior. A competição serviu também para se começar a pagar a dívida com o Uruguai. Na partida entre as duas seleções, o Brasil venceu na bola (4 a 2) e na porrada. Aliás, os brasileiros só estavam esperando o deixa para partir para a briga. Obdulio Varela levou umas bofetadas de Ely do Amparo. Até tentou argumentar: "Que es esto?" Bigode, que estava no banco, não resistiu e também entrou em campo, para cima de Obdulio. Quando os ânimos pareciam serenados foi a vez de Nílton Santos acertar um belo chute em Gighia. "Para mostrar que os uruguaios são todos maricas", justificou o maior lateral de nossa história.

1954 ***Vexame na Suíça*** O Brasil partiu confiante para o Mundial da Suíça. Um otimismo que, no fim, se mostrou exagerado. Apesar da vitória fácil na estréia (5 a 0 no México), a segunda partida ficou desnecessariamente dramática. Desnecessariamente porque o simples empate classificava as duas equipes. Só que os brasileiros não sabiam disso. Os iugoslavos até gesticulavam, pedindo calma, mas os brasileiros não entendiam. E partiam para cima tentando obter uma vitória a qualquer custo. Quando o juiz apitou, todos choraram. Só horas depois, a comissão técnica descobriu que o time estava classificado.

Moralmente destroçado, o time partiu para enfrentar a Seleção da Hungria, a melhor daquela Copa. O jogo ficou conhecido como a Batalha de Berna, por conta das expulsões e brigas. Numa delas, o jornalista Paulo Planet Buarque invadiu o gramado para dar rasteiras nos policiais. Em outra, foi a vez do técnico Zezé Moreira dar uma chuteirada na cara do ministro de esportes da Hungria, Gustav Sebes. Na bola, entretanto, perdemos por 4 a 2. Apesar disso, três brasileiros saíram consagrados como os melhores do mundo em suas posições: os zagueiros Djalma e Nílton Santos e o ponta-direita Julinho.

1958 ***Campeões do Mundo*** Ninguém fazia muita fé naquela Seleção. Mas ela encerrava a predestinação dos vitoriosos. A primeira partida foi vencida com facilidade, 3 a 0 na Áustria. Na segunda, entretanto, o Brasil empatou sem gols contra a Inglaterra. Então, Didi e Nílton Santos, os líderes da equipe, intensificaram as gestões junto ao técnico Vicente Feola e ao chefe da delegação Paulo Machado de Carvalho para que Pelé e Garrincha fossem escalados.

A estréia dos dois na partida seguinte contra a temível URSS marcou o início da caminhada irresistível rumo ao título. O futebol científico dos soviéticos acabou dizimado por 2 a 0, numa exibição vertiginosa de Garrincha. A retranca do País de Gales caiu frente à genialidade de Pelé (1 a 0). Restava enfrentar a França, a melhor equipe da Copa ao lado do Brasil. Vitória por 5 a 2.

1958: com Pelé e Garrincha, Brasil encanta o mundo

1962: na falta de Pelé, Garrincha foi maravilhoso

1966: estava tudo errado, o Brasil só podia perder

A HISTÓRIA DOS 100 ANOS

tinha a garantia do técnico de que estaria em campo na Itália.

Era o "grupo fechado" do treinador. Ricardo Teixeira, por sua vez, empenhara a palavra em que o técnico seria Lazaroni. Assim, não restava ao país outra saída senão a de esperar que o futebol amarrado do técnico pudesse se mostrar efetivo na hora de decidir os jogos e o título.

Mas os problemas daquela Copa não eram apenas técnicos. Os jogadores pareciam mais interessados em discutir premiações e comissões do que em jogar futebol. Mesmo assim, começamos com uma vitória sobre a Suécia, por 2 a 1. Depois, a Seleção venceu (mas sem convencer) a modesta Costa Rica, por 1 a 0. Para arrematar a fase, outra magra vitória: 1 a 0 sobre a Escócia.

E vinha a hora da verdade. Já eram muitos os que, a essa altura, defendiam o esquema defensivo do técnico, que trouxera para o futebol brasileiro uma estranha nomenclatura: alas, líbero, etc. Ele parecia admitir que o futebol italiano, de onde trouxera a maior parte de seu time, era mesmo o melhor do planeta.

A ARGENTINA tinha Maradona. E Maradona não teve dificuldade ao rolar a bola para Caniggia, que fez 1 a 0. Os jogadores do ataque já faziam, naquela época,

1970: um time exuberante, com Pelé maduro, infernal

J.B. SCALCO

1974: Holanda e Polônia deixam Brasil em quarto

MANOEL MOTTA

1978: saímos invictos, mas em terceiro lugar

Na decisão contra os donos da casa, a Suécia, o Brasil levou o primeiro gol. Didi apanhou a bola e levou calmamente para o centro do gramado conclamando os companheiros à reação. Não deu outra. Brasil 5 x Suécia 2. Enfim, Brasil Campeão do Mundo.

1962 ***Bicampeões do Mundo*** Todos confiavam naquela Seleção um pouco mais velha, é verdade, mas com Garrincha em plena forma e principalmente Pelé no apogeu. Mas a campanha que se esperava fácil tornou-se dramática logo no segundo jogo. Pelé distendeu a virilha e o Brasil perdeu o Rei. *Ainda bem que tínhamos Mané.*

Na terceira partida, a Seleção precisava da vitória tanto quanto os adversários. Os espanhóis saíram na frente e quase conseguem uma vantagem maior. Nílton Santos fez pênalti, mas malandramente deu um passo para fora da área e o juiz marcou apenas falta. A partir de então, Garrincha começou um verdadeiro baile. Depois de driblar várias vezes os zagueiros espanhóis, deu um gol de bandeja para Amarildo, o Possesso, que entrou no lugar de Pelé. Contra a Inglaterra, Mané fez até gol de cabeça e o Brasil venceu por 3 a 1. Na semifinal, a Seleção despachou os chilenos, donos da casa, por 4 a 2, apesar da péssima arbitragem do peruano Arturo Yamasaki que, inclusive, expulsou Garrincha.

Com a mobilização até do presidente da República, o Brasil conseguiu que Mané fosse escalado para a decisão contra a Tchecoslováquia. Garrincha, entretanto, estava com muita febre. Mas sua presença serviu para monopolizar a atenção da defesa adversária enquanto os demais jogadores garantiam o bicampeonato por 3 a 1.

1966 ***Bagunça na Inglaterra*** A Europa se preparou para impedir o tricampeonato brasileiro na Copa da Inglaterra. Não era preciso tanta preocupação. O próprio Brasil se encarregaria de estragar suas chances. Talvez o maior erro tenha sido o do cartola João Havelange. Sedento por assumir as glórias de um possível tri, assumiu a chefia da delegação no lugar de Paulo Machado de Carvalho. Começou aí a barafunda.

Na preparação, o técnico Vicente Feola convocou dezenas de jogadores e nem na primeira partida o time estava definido. Para ter uma idéia, dos 22 convocados, 20 disputaram pelo menos uma das três partidas daquela Copa. De nada adiantou o rodízio. Depois de uma estréia vitoriosa contra a Bulgária (2 a 0), duas derrotas para Hungria e Portugal (ambas por 3 a 1) selaram o destino brasileiro. Sem conseguir se classificar, o Brasil se despediu de uma Copa feita de encomenda para a vitória (no apito e nas botinadas) da Inglaterra.

1970 ***Tricampeões do Mundo*** Depois do fracasso de 66, a Seleção teve de dar a volta por cima. Já nas eliminatórias, o Brasil venceu os seis jogos que disputou, sob o comando do técnico João Saldanha, o grande responsável pela reformulação do selecionado. Mas Saldanha tinha um grande "defeito" para um técnico: não sabia engolir sapos. Por isso, apesar da campanha

★★★★

uma reclamação muito ouvida recentemente: a concentração na defesa não permitia que a bola chegasse ao ataque.

Quem levou aquela Copa do Mundo dos alas e líberos foi mais uma vez a sempre poderosa Alemanha.

Uma coisa se sabe ao certo: não foi aquele futebol amarrado, com sotaque europeu, que levou o São Paulo ao bicampeonato mundial (92/93), igualando-se, 30 anos depois, ao Santos de Pelé. Foi o futebol-empresa, administrado para dar lucro.

O Projeto Tóquio, criado pelos dirigentes são-paulinos, não era mera bravata. Previa desde a formação de uma grande equipe até a preparação física científica dos atletas, para a obtenção dos resultados. Foi graças a esses métodos de avaliação e preparação física, a cargo de Moraci Santana, o mesmo que preparou a Seleção campeã nos Estados Unidos, que o time encontrou o condicionamento adequado para cada fase da campanha vitoriosa, desde o Campeonato Paulista até a conquista do Campeonato Mundial.

MAS NÃO era só: havia nutricionistas, equipamentos, campos de treinamento que eram verdadeiros tapetes, além de computadores. Nada de improviso.

Assim, o São Paulo não precisou abrir

exuberante do time, acabou deixando o comando. Para dirigir as "Feras de Saldanha", o escolhido foi Zagalo.

No México, a Seleção realizou a mais perfeita campanha em toda história dos Mundiais com seis vitórias em seis jogos, sendo que Jairzinho marcou em todas as partidas. Na primeira fase, o Brasil disputou sua partida mais difícil contra a Inglaterra, então campeã do mundo. O único gol nasceu de uma jogada pessoal de Tostão. O centroavante infernizou o setor direito do English Team e virou o jogo. Pelé matou a bola e rolou para Jair marcar. O jogo mais dramático, entretanto, ainda estava por vir. Na semifinal contra o Uruguai, o Brasil perdia por um a zero até o final do primeiro tempo, quando Clodoaldo empatou. No segundo, a virada se consolidou por 3 a 1.

Na finalíssima contra a Itália, o Brasil marcou quatro gols exibindo sua superioridade e tornando-se o primeiro país a ganhar um tricampeonato mundial. Fato que deu direito à maior honraria do futebol, a posse definitiva da Taça Jules Rimet.

1974 ***A Seleção virou suco*** Zagalo impôs sua marca à Seleção Brasileira em 1974. Na Copa da Alemanha, o Brasil jogou feio e registrou sua pior média de gols em um Mundial (0,85 por jogo). Foram três vitórias, dois empates e duas derrotas. Apesar disso, o time esteve a um passo da decisão. Se vencesse a Holanda, estaria na final. Mas a Laranja Mecânica exibia o melhor futebol da competição e espremeu o Brasil ganhando por 2 a 0. Na decisão do terceiro lugar, outra derrota, 1 a 0 frente à Polônia.

1976 ***Ano de ouro*** Só faltou uma Copa do Mundo em 1976, um dos anos mais vitoriosos da Seleção Brasileira. O Brasil conquistou a Taça Oswaldo Cruz (contra Paraguai), a Copa Roca (contra Argentina), a Taça Rio Branco (contra Uruguai), a Taça do Atlântico (contra Uruguai, Argentina e Paraguai) e o Torneio Bicentenário dos Estados Unidos (contra os donos da casa, Inglaterra e Itália), não perdendo um único jogo e permitindo apenas um empate.

1978 ***Campeões morais*** Na Copa da Argentina, o Brasil não conseguiu repetir os êxitos de 1976, embora seus jogadores tenham mostrado valentia. Na verdade, o técnico Cláudio Coutinho sentiu a responsabilidade ao assumir o comando da Seleção e tentar colocar em prática todas as teorias que tinha na cabeça. Na primeira fase, dois empates e uma vitória serviram para que o time se classificasse para a etapa seguinte. Destaque-se aí o pé santo do zagueiro Amaral, que salvou uma bola em cima da linha no jogo contra a Espanha, depois de uma falha clamorosa de Leão.

Na segunda fase, o Brasil venceu a Polônia (3 a 1), o Peru (3 a 0) e empatou com a Argentina (0 a 0). Esse empate foi fatal, pois a Seleção argentina fez o último jogo contra o Peru sabendo quantos gols precisava marcar. Fez 6. Logo surgiram denúncias de que os peruanos teriam se vendido e facilitado o resultado.

A apenas razoável Argentina acabou campeã do mundo, mes-

PEDRO MARTINELLI

1982: um futebol fino que a Itália desclassificou

ALL SPORT/MICHAEL KING

1986: time de dois volantes é vencido nos pênaltis

PEDRO MARTINELLI

1990: muita preocupação com dinheiro, pouco futebol

mão do verdadeiro futebol brasileiro. Que o diga o técnico escolhido para a façanha, Telê Santana, o homem que jamais se rendeu ao apelo de ganhar jogando feio — e que sempre disse que preferia perder jogando bonito.

Não é à toa que o time de Raí brilhou em Tóquio, contra o Barcelona de Johan Cruijff. Raí não deixou para ninguém. Fez os dois gols da vitória tricolor e foi escolhido o melhor em campo. Cruijff reagiu conformado: "Melhor ser atropelado por uma Ferrari do que por um Fusca".

Mas a Ferrari não parou por aí. Voltou no ano seguinte a Tóquio para medir forças com o "maior time do mundo", o Milan, que teve de amargar a perda do *slogan*.

O TÉCNICO do Milan declarara que o São Paulo não resistiria ao ritmo de seu time depois de 20 minutos. Mas quem teve de correr atrás do resultado foi o próprio Milan. O São Paulo esteve sempre à frente. Müller fechou o placar — 3 a 2 —com um chute de chaleira que, sem dúvida, teve o auxílio dos deuses olímpicos. Nenhum são-paulino jamais esquecerá.

O Palmeiras também, com certeza, não ganhou tudo o que ganhou em 1993 com intrigas de bastidores ou macumba. Desde 1992, com time e mentalidade novos, o velho Palestra transformou-se no Palmeiras

PEDRO MARTINELLI

1994: a Seleção do tetra

mo perdendo para a Itália no início da competição. E o Brasil conquistou o terceiro lugar sem conhecer uma única derrota. Foi o campeão moral, como proclamou Coutinho.

1982 ***A geração perdida*** A melhor seleção brasileira depois de 1970 não ganhou nada. Mas marcou época com um futebol vertiginoso, de lindos gols e craques incomparáveis. Um ano antes da Copa da Espanha, já havia exibido toda sua força e categoria em uma excursão pela Europa, onde ganhou da Inglaterra, França e Alemanha.

No Mundial, parecia confirmar os prognósticos mesmo depois de uma estréia claudicante contra a URSS, quando virou o jogo para 2 a 1. Mas nos jogos seguintes, ganhou bem da Escócia (4 a 1), Nova Zelândia (4 a 0) e Argentina (3 a 1).

Na partida contra a Itália, o Brasil precisava apenas do empate, mas saiu em busca da vitória. Paolo Rossi acabou com o sonho do tetra marcando todos os gols da vitória italiana por 3 a 2. O desgosto foi maior na medida em que a Seleção perdeu para um adversário valente mas com um futebol bem inferior. E que, mesmo inferior, acabou campeão do mundo.

1986 ***Mal de pênalti*** A Seleção levada ao México em 1986 ficou a meio caminho da geração de ouro de Sócrates, Zico e Falcão e das promessas de Careca e Müller. No meio-de-campo, Telê Santana trocou o brilho pela segurança, representada nos dois volantes Elzo e Alemão. Também preferiu a disciplina ao cortar o ponta-direita Renato Gaúcho, então o melhor jogador brasileiro em atividade. O fato fez com que o lateral-direito Leandro abandonasse a Seleção em solidariedade ao amigo Renato. Às pressas, saiu a convocação de Josimar, que acabou se tornando a grande revelação do Brasil. Marcou dois golaços e passou a ser chamado pela imprensa internacional de o novo Djalma Santos.

O resultado final, entretanto, deixou muito a desejar. Apesar das vitórias magras nas duas primeiras partidas (1 a 0 sobre Espanha e Argélia), a Seleção pareceu se reencontrar nos jogos seguintes: 3 a 0 contra a Irlanda do Norte e 4 a 0 contra a Polônia. Mas nas quartas-de-final empatou com a França em um gol. O pior foi o pênalti batido por Zico e defendido pelo goleiro Bats no segundo tempo. Depois do empate na prorrogação, a França venceu a loteria dos pênaltis. A partir de então, o Brasil viveu uma maldição sempre que a bola ia para a marca de cal. Maldição que só terminaria na Copa do Mundo de 1994.

1989 ***Grupo fechado*** Sebastião Lazaroni estava com a cabeça a prêmio depois de dois empates na Copa América em 1989, quando decidiu se retrancar de vez inventando o líbero no futebol brasileiro e fechando um pacto com o grupo de jogadores. A partir daí, o Brasil iniciou uma bela reação capitaneada pelos artilheiros Bebeto e Romário e conquistou o título sul-americano depois de 40 anos de jejum. A partida decisiva foi disputada no Maracanã, no dia 16 de julho, a mesma data em que o Brasil perdeu a Copa de 1950. Desta vez, porém, a Seleção venceu os uruguaios por 1 a 0.

1990 ***Cada um por si*** Apesar de o Brasil contar com excelentes jogadores, a Copa da Itália serviu como exemplo de tudo o que uma seleção deve fazer para dar vexame no Mundial. Primeiro, montar um esquema europeu (líbero) em vez de seguir a tradição brasileira. Segundo, convocar jogadores por laços de amizade (caso de Tita) e não pelo bom futebol. Terceiro, deixar o centroavante (Careca) escalar o companheiro de ataque (Müller), em detrimento dos outros companheiros (Bebeto e Romário). Quarto, deixar que os jogadores elegessem a questão monetária como a principal preocupação do grupo.

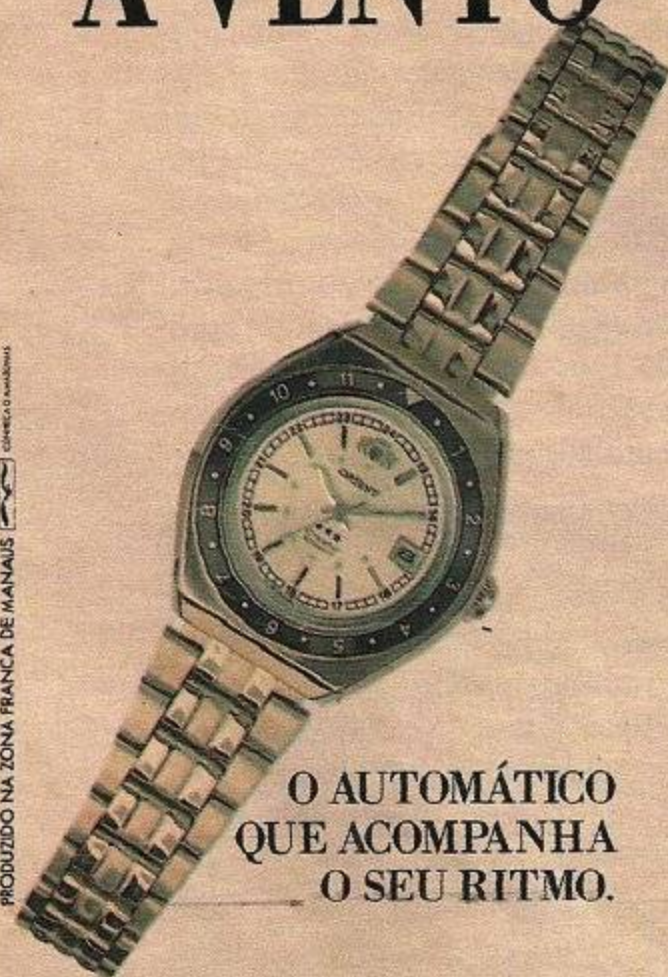
Para coroar sua gestão, o técnico Sebastião Lazaroni resolveu proclamar o fim do futebol-arte inaugurando a Era Dunga. Maradona tratou de enterrar a nova era logo nas oitavas-de-final. O Brasil perdeu de um a zero para a Argentina, num lance todo construído com a marca de gênio de Diego.

1994 ***Tetracampeões do Mundo*** A conquista do tetracampeonato mundial oscilou entre o pragmatismo do técnico Carlos Alberto Parreira e a genialidade do craque Romário. Parreira tratou de montar uma defesa forte, com dois belos zagueiros, Márcio Santos e Aldair, e um meio-de-campo combativo, com Dunga e Mauro Silva. Mas não conseguiu conferir criatividade na armação das jogadas que tiveram de depender quase que exclusivamente de Romário e, em menor parte, de Bebeto. Os resultados nas últimas fases espelham bem como a Seleção jogou: 1 a 0 contra Estados Unidos e Suécia, 3 a 2 contra a Holanda. Na partida decisiva, um angustiante 0 a 0 que se prolongou até o juiz apitar o final da prorrogação. Na dramática decisão por pênaltis, o Brasil venceu graças aos jogadores italianos que chutaram duas bolas para fora e a uma defesa de Taffarel. Sem dúvida, o Brasil foi o melhor para ser o primeiro tetracampeão da história. Mas poderia ter vencido com mais facilidade.

★★★★

Parmalat. Além de pagar ao clube cerca de 600 mil dólares anuais, entre patrocínio e remuneração de publicidade, a multinacional italiana contrata jogadores que podem permanecer no clube ou ser renegociados. Quando esses atletas saem, o clube recebe de 10 a 20% do lucro da transação. Só assim foi possível montar o Time dos Sonhos, cuja escalação o Brasil vai aprendendo a recitar de cor.

O São Paulo e o Palmeiras são os primeiros clubes brasileiros a investir na alternativa do futebol-empresa. Mas hoje a chamada Lei Zico, que viabiliza a transformação dos clubes em empresas de capital aberto, com ações na Bolsa de Valores, quer abrir caminho para que outras associações possam ser geridas como grande parte dos clubes italianos.

QUEM VIVEU até ver a Copa de 1994, na qual o Brasil chegou ao inédito tetracampeonato, ainda presenciou uma rebarba do jogo pragmático — aquele do "primeiro defender" — mas também teve o prazer de poder comprovar a tese de que o esquema não funciona quando se tem um Romário e um Bebeto infernizando a vida de quem apenas se defende. Felizmente, nesta Copa, eles estavam no time do Brasil — e não tinham similares nas equipes que enfrentamos.

A SELEÇÃO

UMA CAMISA SOB MEDIDA PARA CRAQUES

Ao longo de 100 anos, o futebol brasileiro colecionou admiradores pelo mundo todo. Não só em razão das quatro Copas que conquistou mas, principalmente, pela arte e pela picardia que nossos jogadores sempre souberam mostrar, mesmo em períodos de crise. Um dos fãs mais autorizados do futebol-beleza dos brasileiros é Maradona, como ele mesmo já disse em várias ocasiões. Em 1990, quando a Argentina desclassificou o Brasil na Copa da Itália, Maradona comemorou vestindo a camisa canarinho. Os autênticos craques ficam muito bem de amarelo.

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO: Thomaz Souto Corrêa

DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Angelo Meniconi
DIRETOR SUPERINTENDENTE DE DISTRIBUIÇÃO: Carlos R. Berlinck
SECRETÁRIO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Dalton Pastore Júnior
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Ricardo A. Setti
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLES: Valter Pasquini

PLACAR

DIRETOR SUPERINTENDENTE: Luiz Gabriel Rico

DIRETOR DE REDAÇÃO: Juca Kfouri

REDATOR CHEFE: Sérgio F. Martins
DIRETOR DE ARTE: Haroldo Jereissati
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Sergio de Souza, Ricardo Vespucci (Editores), Luís Estevam Pereira, Roberto Manera (Pesquisa e Texto), Joca Pereira (Edição de Arte) e Gilfredo Pinheiro

APOIO EDITORIAL
GERENTE DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo
GERENTE ABRIL PRESS: Judith Baroni
GERENTE NOVA YORK: Grace de Souza
GERENTE PARIS: Pedro de Souza

PUBLICIDADE
ATENDIMENTO DE AGÊNCIAS
GERENTES DE GRUPO: Celso Marche, Roberto Nascimento
GERENTES EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS: Paulo D'Andrea, Angelo Derenze, Antonio Carlos de Campos, Dario Castilho de Azevedo, Mariane Ortiz, Pedro Bonaldi, Moacyr Guimarães, Elian Trabulsi, Rogério Gabriel, Claudio Bartolo (RJ), Márcia Alvaredo (RJ), Rogério Ponce de Leon (RJ)
GERENTE PARA ANUNCIANTES DIRETOS: Paulo Renato Simões (RJ)
GERENTES DA CENTRAL DE COMERCIALIZAÇÃO DE DIRETOS: Alderlei Cunha, Alberto Simões
GERENTE DE ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Marcos Venturoso
DIRETOR DE ADM. E PLANEJ.: Rodinaldo Escocard de Souza

CIRCULAÇÃO
DIRETOR DE VENDAS AVULSAS: Eduardo Macedo
DIRETOR DE VENDAS DE ASSINATURAS: Vicente Argentino
DIRETOR DE OPERAÇÕES: Nelson Romanini Filho

PUBLICAÇÕES
DIRETOR: Carlos Herculano Ávila

DIRETOR BRASÍLIA: Luiz Edgard P. Tostes
DIRETOR RIO DE JANEIRO: Luiz Fernando Pinto Veiga

PRESIDENTE: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTES: Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, José Wilson Paschoal, Placido Loriggio, Sergio Soares Reis, Thomaz Souto Corrêa